

Relatos de um Peregrino Russo



Anônimo

Relatos de um peregrino russo

Embora tenham origem no Cristianismo Ortodoxo, os Relatos de um Peregrino Russo são um dos grandes textos espirituais da humanidade. Como tal, a sua mensagem e a sua proposta ressoam para além da tradição específica que deu origem à obra, que, escrita numa linguagem simples e calorosa, narra uma peregrinação não só física, mas também espiritual. Esta edição, a primeira completa em volume único em língua espanhola, acrescenta aos primeiros quatro contos tradicionalmente publicados os três adicionais descobertos em 1911. A introdução, de Sebastià Janeras, fornece ao leitor interessado o contexto adequado para situar este trabalho anónimo.

Anónimo

Ed. escrito por Sebastià Janeras

ePub r1.2

alteração 07.03.15

Título original: Oskrovennye razskazy Strannika dukhovnomu svoemu otcu

Anónimo, 1865

Prefácio e notas: **Sebastià Janeras i Vilaró**

Tradução: **Victoria Izquierdo Brichs**

Design da capa: **amdg**

Foto da capa: **Steven Zucker** “Painel bizantino com arcanjo, detalhe dos pés”
(Licença de atribuição CC, não comercial, ShareAlike)

Editor digital: **amdg**

Base ePub r1.2

E todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo (Jl. 3, 32 e Cap. 2, 21).

PREFÁCIO

Sebastià Janeras e Vilaró

Quando um peregrino vier visitá-lo, prostre-se diante dele. Não diante do homem, mas diante de Deus. Se assim for, e for a autoridade de quem o pronunciou [1], é assim, eu diria, eminentemente no que diz respeito ao protagonista, bem como ao narrador, da obra em questão.

Pela porta que abrimos para acolher este peregrino solitário, a presença de Deus penetrará de alguma forma; presença viva que iluminará a nossa alma na medida das nossas necessidades e dos nossos desejos.

Magnífica e poderosa exortação à vida espiritual, ao mesmo tempo que a orienta, encoraja e consola, este “pequeno clássico” da espiritualidade, pequeno pela sua simplicidade e humildade e “clássico” pela sua extraordinária difusão e recepção, é um obra, sem dúvida, de um guia de almas experiente, capaz de ordenar numa sequência gradual, não segundo uma ordenação lógica ou, aliás, teológica, mas especificamente espiritual, uma série de histórias que, à primeira vista, podem parecer desprovidas de um fio e intenção determinada.

O caminho que percorremos com o peregrino é tanto um itinerário espiritual na sua anedota concreta, moldado pela sucessão de acontecimentos externos, como, e fundamentalmente, pelo ensinamento específico contido em cada um deles, que nos leva progressivamente ao caminho espiritual., tal como concebido pela tradição hesicasta em particular.

Todas as etapas do caminho nos são descritas, desde a inquietação inicial da alma que desperta ao chamado do alto, até a chegada à hesíquia, o “santo silêncio”, passando pelas fases de purificação e iluminação anteriores a isso.

Este “testamento” do hesicasmo, como gostaria de descrever esta obra, constitui um testemunho inestimável dele, “o ramo mais direto e mais intacto da iniciação crística... que dos Padres do Deserto ao peregrino russo representa sem dúvida a mais inalterada da espiritualidade cristã primitiva, isto é, propriamente crística, e da sua expressão mais pura e profunda” [2], que certamente não seria arriscado assumir como praticamente extinta, pelo menos no que diz respeito à sua manifestação visível.

Os dois pilares do caminho, doutrina e método, são repetidamente expostos e comentados sob vários ângulos. O primeiro, coletado na Filocalia, “tesouro da sabedoria espiritual”, como descreve seu editor, Nicodemos, o Hagiorita; e a segunda, sintetizada na “oração de Jesus”, invocação do Nome divino, ato que

constitui a “memória” de Deus por excelência, satisfazendo assim o mandamento que a todos engloba, como afirma, entre outros, Gregório Sinaíta., figura central no desenvolvimento histórico do hesicismo: “Acima dos mandamentos está o mandamento que os contém todos: a lembrança de Deus: Lembra-te sempre do Senhor teu Deus (Dt. 8, 18). É por isso que os outros foram violados, é por isso que são mantidos. O esquecimento, no início, destruiu a memória de Deus, obscureceu os mandamentos e revelou a nudez ao homem” [3].

A obra não deve desiludir, portanto, o buscador disposto a ir ao fundo, à raiz da nossa atual situação de esquecimento de Deus e a repará-la na medida das suas possibilidades e dos desígnios da Providência, tendo em conta o caráter total de um caminho que, como o hesicasta, tem como meta a união da alma com Deus, em total identificação essencial. Mas a obra pode ser abordada desde uma perspectiva menos radical, pois oferece também, e eu diria necessariamente, elementos que podem ser limitados apenas à esfera moral, oferecendo um mosaico de virtudes exemplares que podem levar a alma piedosa a imitá-las e dê ao morno estímulo suficiente ao fervor.

E da mesma forma, numa outra ordem paralela de coisas, a obra constitui, a nível histórico, uma pincelada que traça o perfil espiritual da Santa Rússia nos anos imediatamente anteriores ao golpe implacável da Besta, que iria transformá-la na Sinistra Rússia.

Não vamos estender essas considerações gerais sobre o trabalho. É em si explícito o suficiente para dispensar uma introdução. Em todo caso, no que diz respeito ao aparato acadêmico, a introdução e as notas da primeira parte fornecem material suficiente, e no que diz respeito à sua avaliação espiritual, o prólogo da segunda falará melhor do que estas linhas.

Para esta edição, completada pela inclusão na segunda parte de três contos, inéditos em espanhol, publicados posteriormente, mas indissociáveis da primeira, partiu-se, na primeira parte, da tradução francesa de Jean Gauvain (pseudônimo de Jean Laloy), a mais difundida das versões ocidentais, cuja introdução e notas foram respeitadas, salvo pequenas alterações que foram consideradas oportunas; e, para o segundo, da tradução inglesa de RM French, que geralmente oferece maiores sinais de rigor e precisão do que a francesa da Abadia de Bellefontaine, que, no entanto, também foi levada em consideração. Para esta segunda parte contamos também com a colaboração do Sr. Charles Krafft, grande especialista no assunto, que teve a gentileza de escrever um prólogo especialmente para esta edição espanhola.

PRIMERA PARTE

INTRODUÇÃO

Jean Gawain, Pierre Pascal

Tendo chamado minha atenção para uma breve nota de Nicholas Berdyæv, descobri este livrinho na Biblioteca de Línguas Orientais de Paris. Apesar das preocupações de uma época de exames, não o deixei nas mãos durante uma tarde inteira, porque melhor do que muitos romances, estudos e ensaios, ele revela o mistério do povo russo no que há de mais secreto: às suas crenças e a sua fé..

Ninguém se surpreenderá com a obscuridade em que permaneceram os Relatos de um Peregrino, se forem tidas em conta as condições da sua publicação. Viram a luz pela primeira vez em Kazan por volta do ano de 1865, de uma forma muito primitiva, com muitas falhas. Uma edição correta e acessível desta obra só foi feita em 1884. Nem foi possível que tivesse muita ressonância no seio do movimento socialista e naturalista. Só depois de 1920 falta uma nova edição, quando muitos corações emigrados sentirão saudades da sua terra natal. O livro foi impresso novamente em 1930 sob a direção do Professor Vyscheslavtsev [4]. A presente tradução é feita de acordo com este texto.

As histórias foram publicadas sem o nome do autor. Segundo o prefácio da edição de 1884, o Padre Paisius, abade do mosteiro de São Miguel Arcanjo dos Cheremisos em Kazan, teria copiado o seu texto de um monge russo de Athos, cujo nome não sabemos. Numerosos indícios nos levam a crer que as narrativas foram escritas por um religioso após suas conversas com o peregrino. Esta hipótese em nada prejudica a autenticidade do livro. O peregrino, um simples camponês de trinta e três anos, só conhece o estilo oral. A escrita das suas aventuras ter-lhe-ia custado muito esforço e parece que numerosas expressões convencionais teriam substituído a linguagem arcaica e simples que constitui o encanto das suas histórias. Por outro lado, um confidente inteligente teria sido capaz de captar com exatidão o tom do peregrino e transmitir suas palavras ao leitor. São muitos os místicos que não nos comunicaram as suas experiências senão com a ajuda de um cronista que com grande arte sabe esconder-se atrás dos mistérios que revela. Talvez esse personagem seja o eremita de Athos, ou talvez o padre Ambrósio, o grande solitário de Optino - professor de Ivan Kireevsky, amigo de Dostoiévski, Tolstoi e Leontiev -, entre cujos manuscritos foram encontradas outras três histórias. [5], com tom mais didático, e publicado em 1911.

As Histórias pertenceriam assim ao movimento literário russo do século XIX, no que há de mais sereno e puro. No tumulto dos escritos poéticos, românticos e revolucionários, em que as tendências extremas do personagem russo colidem com

tanta violência, faltou-se esta nota inocente e cristalina que constitui sem dúvida o seu tom secreto.

O Peregrino leva o leitor ao coração da vida russa, logo após a Guerra da Crimeia e antes da abolição da servidão, ou seja, entre os anos de 1856 e 1861. Todos os personagens da história desfilam pela obra. o príncipe que tenta expiar sua vida dissipada, o motorista de correio bêbado e briguento e o funcionário provincial incrédulo e liberal. Os condenados ao trabalho forçado passam em caravanas rumo à Sibéria, os correios imperiais esgotam os cavalos nas planícies intermináveis, os desertores rondam nas selvas remotas; nobres, camponeses, funcionários, membros de diversas seitas, professores e padres de aldeia, toda esta antiga Rússia é ressuscitada com os seus defeitos, o menor dos quais é a embriaguez, e com as suas virtudes, entre as quais a caridade brilha mais brilhantemente., o amor espiritual ao próximo, iluminado pelo amor de Deus. Tudo isso enquadrado na terra russa, uma planície imensa até onde a vista alcança, selvas desertas, lojas de beira de estrada, igrejas de cores claras e sinos brilhantes e vibrantes. E, no entanto, o camponês nunca para de descrever o rosto dessas aparências sensíveis. Por mais cristão ortodoxo que seja, sua preocupação está fixada no absoluto.

Para orientar seus passos nessa empreitada, o peregrino dispõe apenas de dois livros, a Bíblia e uma coleção de textos patrísticos, a Filocalia [6]. Este nome é suficiente para definir a escola a que pertence. Russo do século XIX, o peregrino é um hesicasta (de ἡσυχία / hēsikhía = calma, silêncio, contemplação).

O hesicasmo remonta aos primeiros séculos do Cristianismo. Sua origem se encontra no Monte Sinai e nos desertos do Egito. Na Igreja Oriental aparece como a corrente mística em oposição à tradição puramente ascética que parte de São Basílio e que dominou durante muito tempo como consequência da condenação do Origenismo nos séculos V e VI. Inspirado em Orígenes e Gregório de Nissa [7], o misticismo oriental coloca a definição como o fim da alma. A natureza humana é boa, mas está deformada pelo pecado. Fazer com que ela retorne à sua virtude primeira, restabelecendo no homem, feito à imagem de Deus, a semelhança divina, uma obra de graça, este é o caminho para a salvação. Sob a ação da graça, o espírito, liberto das paixões pela ascese, eleva-se à contemplação das razões das coisas criadas, e às vezes atinge a “noite luminosa”, a contemplação sombria da Santíssima Trindade. Tal é a meta a que se consagram os solitários e os grandes místicos dos primeiros dez séculos cristãos. Para fixar o espírito nas realidades invisíveis, alguns deles adotarão procedimentos técnicos, como a repetição frequente de uma breve oração, a Kyrie Eleison. Nenhum católico ficará surpreso com isso, que ainda é semelhante a rezar o rosário. Por estar ligada ao dogma da ressurreição futura, a ideia de uma participação do corpo na vida espiritual é em si

profundamente ortodoxa. É assim que, pouco a pouco, se desenvolve o que um dia, em meio a ferozes controvérsias, se chamará hesicasmo.

A partir do século XI, esta doutrina tendeu a ser corrompida. Sob a influência indireta de São Simeão, o Novo Teólogo, atribui-se um valor exagerado às visões e revelações sensíveis. Ninguém pode ser considerado cristão se não conheceu e experimentou concretamente a graça. Teologia perturbadora que se opõe às palavras de Santa Joana d'Arc aos médicos que lhe perguntaram se ela estava em estado de graça: Se não estou, que Deus me coloque nele, e se estou, que Deus me mantenha em estado de graça. isto. O cristão não pode ir mais longe sem correr riscos. A ação de Deus na alma é essencialmente misteriosa, “transpsicológica”, para usar a expressão de Stolz [8].

Caminhar atrás de iluminações leva, com efeito, ao desprezo pelas práticas ascéticas e à busca de meios considerados mais eficazes para alcançar as visões. Qual é o perigo do “caminho curto” e do quietismo em que a alma corre o risco de ser abatida. Devido a uma evolução semelhante, dá-se demasiada atenção aos procedimentos corporais, à posição do corpo e ao papel do coração na oração. O hesicasta do século XIV que espera ser salvo “sem trabalho e sem dor” esquece que, na vida espiritual, tudo é graça, e que ninguém pode dizer: Jesus é Senhor, exceto pela graça do Espírito Santo (eu Cor., 12, 3).

Esta doutrina é aquela que, apesar das polémicas do século XIV, foi transmitida à Rússia pelo padre Nilo Sorski (1433-1508), uma das figuras mais puras do monaquismo russo, e aquele que queria que nos conventos fossem proibidos. bens materiais. Caído no esquecimento, foi restaurado no final do século XVIII por outro padre, Paisius Velichkovski. Os textos hesicastas que ele coletou e publicou em 1794 guiariam os solitários e místicos russos do século XIX.

Ligado à monótona cadeia de gerações, o peregrino encontra a doutrina hesicasta deformada por longos séculos de história. Mas sua espiritualidade é pura. Se às vezes parece acreditar que só a prática da oração pode levá-lo a saber “quão bom é o Senhor”, o seu amor por Deus é grande demais para não ser de origem sobrenatural. O ascetismo quase espontâneo de sua vida também é uma guarda para ele. Sempre vagando de um lugar para outro, sem sequer ter uma pedra onde apoiar a cabeça, a oração perpétua é antes de tudo para ele o meio de focar a atenção no mistério da fé, e de devolver a alma a essa mesma fé. O seu espírito permanece sempre ativo e a sua fé é iluminada por um pedido ardente e sincero.

A fé do peregrino não é uma emoção respeitosa na presença de mistérios poéticos, mas é alimentada por ensinamentos teológicos. A quem o recorre, oferece conselhos técnicos e explicações doutrinárias; não exortações generosas e

imprecisas. Ao conhecer o homem à luz de Deus, ele também conhece o seu lugar e os seus deveres no universo.

A moralidade do peregrino não é um conjunto de regras aprendidas, nem é higiene interna. Todas as suas ações são guiadas pelo desejo de perfeição espiritual. O ascetismo é a condição da contemplação e não tem significado em si. A vida espiritual é assim reduzida à unidade. Da fé vêm as obras, mas sem obras a fé não existe. Vindo do mundo da queda, da ignorância e da fraqueza, o peregrino dirige-se à nova Jerusalém, na qual entrará inteiro, de corpo e alma, quando chegar a consumação do tempo. Reunindo todas as forças do seu espírito para contemplar o Ser Absoluto, ele às vezes recebe de Cristo, o novo Adão, alguns dos privilégios do primeiro Adão. Ele consegue ignorar o frio, a fome e a dor; A própria natureza lhe parece transfigurada:

"Árvores, ervas, terra, ar, luz; Todas estas coisas me dizem que existem para o homem e que para o homem dão testemunho de Deus. "Todos oraram, todos cantaram a glória de Deus".

Este otimismo libertador não é exclusivo do Oriente cristão, mas é a tendência profunda do cristianismo. Que a criação é boa e que depois da queda deve ser conduzida integralmente pelo caminho da salvação, é algo ensinado por Santo Agostinho e depois dele pelos grandes médicos medievais, assim como por São Gregório de Nissa. Se a Idade Média Ocidental se inclina sobretudo para o mistério do pecado e da Cruz, é porque as maravilhosas implicações da Encarnação já foram reveladas à consciência cristã pelos Padres. Só as crises e a perturbação do mundo moderno obscureceram este sentido "cósmico" da teologia patrística, sem o qual o pensamento dos grandes médicos ocidentais não pode ser verdadeiramente compreendido.

Diante destas imensas perspectivas, o peregrino pode guiar quem o escuta com sinceridade. Isso o está privando de seu caráter russo? Pelo contrário, é o tipo perfeito de piedade russa. Isto não formou uma escola de pensamento, uma doutrina própria. Mas assim como um ícone de Novgorod, com as suas cores frescas e vigorosas, renovou os modelos recebidos de Bizâncio, também esta piedade deu às doutrinas do Oriente cristão um tom novo e original.

O senso inato de mistério no homem - compaixão e piedade diante da dor e do pecado - a simplicidade do coração, que purifica espontaneamente as exaltadas doutrinas da Idade Média bizantina - a imitação direta e quase mimetismo da vida de Cristo e das verdades evangélicas —tais são os fundamentos da piedade russa. Portanto, na Rússia existe um imenso potencial religioso, uma força popular poderosa que não foi capaz de se expressar na sua própria doutrina. Até o século XIX, a teologia russa não existia; tudo é traduzido, copiado do grego ou

secundariamente do latim. Exceto talvez na Idade Média russa, a fusão, a síntese entre o pensamento religioso e a corrente de piedade popular não foi uma realidade, exceto em alguns casos individuais, dos quais o peregrino é um exemplo. Na vida da Igreja, esta ausência de unidade confere à ideia religiosa russa o seu carácter trágico, fonte de crises terríveis. Abandonada a si mesma, a Igreja Russa logo experimentou a interferência do Estado. Privada de apoio, ela sucumbiu, o cisma veio despedaçá-la e ela foi ficando exausta e esgotada pouco a pouco. Nas florestas onde Nilo Sorski realizava a sua meditação solitária, é comum ver as trágicas fogueiras dos “velhos crentes” no século XVII. O vigor espiritual refugia-se nas ermidas, nos mosteiros; de vez em quando irradia sobre a cidade, mas a unidade orgânica é quebrada. Os grandiosos esforços dos leigos para criar uma doutrina religiosa russa no século XVIII basearam-se apenas numa realidade difusa, careceram de apoio e permaneceram isolados. Sem dúvida, a alma russa permanece principalmente religiosa. Mas a fé é sucedida pela religiosidade; e com base nisso nascem as terríveis excrescências do fanatismo obscuro, do niilismo total e do ateísmo militante, que é o poder das trevas.

Apaixonado pelo absoluto, por uma vocação misteriosa, o povo russo, como todos os povos da Europa, traiu a sua missão histórica, que é a de uma civilização progressivamente impregnada da Verdade, num equilíbrio ativo entre os abismos do pecado. e a infinidade da luz divina. A visão de uma Rússia reconciliando o Oriente e o Ocidente, que Soloviev vislumbrou por um momento, parece estar definitivamente a desaparecer. Mas o bem infinito pode nascer do mal radical. No temor e no tremor é onde a ressurreição é preparada.

Chore, chore, povo miserável, canta o Inocência de Mussorgsky, aquele irmão do peregrino; Gemam, gemam, gente faminta, que Deus tenha misericórdia de vocês.

PRIMEIRO RELATO

Pela graça de Deus sou homem e sou cristão; pelas minhas ações, grande pecador; por estado, um peregrino da mais baixa condição, sempre vagando de um lugar para outro. Meus pertences são: nas costas, um alforje com pão amanhecido, a Bíblia Sagrada no bolso e chega de contar. No vigésimo quarto domingo depois da Trindade entrei na Igreja para rezar durante a Missa; Estavam lendo a epístola de São Paulo aos Tessalonicenses, na passagem [9] em que está escrito: Orai sem cessar. Estas palavras penetraram profundamente no meu espírito e perguntei-me como é possível rezar sem cessar, quando todos devemos empenhar-nos em diversas obras para garantir a nossa própria subsistência. Pesquisei na Bíblia e li com meus próprios olhos exatamente o que tinha ouvido: Ore sem cessar [10]; orar em espírito em todos os momentos [11]; Ore em todos os lugares levantando mãos puras [12]. Inútil refletir; Eu não sabia que lado tomar.

O que fazer?, pensei. Onde posso encontrar uma pessoa capaz de me explicar essas palavras? Irei às igrejas onde pregam oradores famosos e talvez lá encontre o que procuro. E sem mais delongas, parti. Ouvi muitos sermões excelentes sobre oração, mas todos eram instruções sobre oração em geral: o que é oração, por que orar, quais são os frutos da oração. Mas como orar verdadeiramente, ninguém falou sobre isso. Ouvi um sermão sobre a oração do espírito e sobre a oração contínua; mas o pregador não disse nada sobre a maneira de realizar esta oração. Portanto, assistir aos sermões não resolveu o que eu procurava. Por isso deixei de frequentá-los e resolvi procurar, com a ajuda de Deus, um homem sábio e experiente que me explicasse esse mistério, pois me sentia muito atraído por ele.

Andei assim por muito tempo; Li a Bíblia e me perguntei se não haveria em algum lugar um professor espiritual ou um guia sábio e experiente. Disseram-me uma vez que numa pequena cidade vivia há muito tempo um homem [13] que só se preocupava com a sua salvação: tem uma capela em casa, nunca sai de casa e está sempre a rezar ou a ler livros espirituais. Ao ouvir estas palavras, parti imediatamente para aquela cidade; Cheguei e me dirigi ao meu homem.

— O que você procura na minha casa? -me pergunto.

— Disseram-me que você é um homem piedoso e prudente; Por isso peço-lhe em nome de Deus que me explique o que significa esta frase do Apóstolo: Rezai sem cessar e como é possível rezar assim. Isto é o que quero compreender sem poder alcançá-lo.

O homem ficou em silêncio por um tempo, olhou para mim com atenção e disse:

— A oração interior contínua é o esforço incessante do espírito humano para chegar a Deus. Para realizar este exercício saudável, devemos pedir muitas vezes ao Senhor que nos ensine a orar sem cessar. Rezai mais e com mais zelo e fervor, e a oração vos fará compreender por si mesma como pode tornar-se contínua; mas isso leva muito tempo.

Tendo dito estas palavras, ele me alimentou, deu-me algumas coisas para a viagem e partiu. Mas ele não me explicou nada.

Eu fui. Enquanto caminhava, pensava, lia, refletia o melhor que podia sobre o que aquele homem me havia dito, mas não conseguia entender nada; Mas a minha vontade de compreendê-lo era tanta que passava as noites sem adormecer. Depois de ter viajado duzentas verstas [14], cheguei a uma cidade partidária. Nele vi um mosteiro. Na pousada me disseram que ali morava um superior piedoso, caridoso e hospitaleiro. Apresentei-me a ele e ele me recebeu gentilmente, me fez sentar e me convidou para comer.

“Santo Padre”, eu disse, “não preciso de comida, mas gostaria que me desse uma lição espiritual: como devo obter a salvação?” [15].

— Como você obterá a salvação? Viva de acordo com os mandamentos, ore a Deus e você será salvo.

— Aprendi que é preciso orar sem cessar, mas não sei como fazê-lo e nem consigo entender o que significa oração contínua. Peça-lhe, Padre, que me explique estas coisas.

— Não sei, meu irmão, como te explicar melhor. Mas espere: tenho um livrinho aqui que trata dessa questão. — E tirou a Instrução Espiritual do Homem Interior [16] de São Demétrio —. Aqui, leia nesta página.

E comecei a ler o seguinte: «Estas palavras do Apóstolo: Rezai sem cessar, aplicai-vos à oração feita pela inteligência; “A inteligência pode, de fato, estar sempre imersa em Deus e orar a Ele sem cessar”».

— Explique-me como a inteligência pode estar sempre imersa em Deus sem distrações e orar sempre a Ele.

“Isso é algo difícil, se o próprio Deus não conceder esta graça”, respondeu o superior.

Mas ele não me explicou nada. Passei a noite em sua casa e, pela manhã, depois de lhe agradecer a amável hospitalidade, parti novamente sem saber exatamente para onde ir. Fiquei muito triste por não ter entendido nada, e para me consolar li a Bíblia Sagrada. Assim continuei pela estrada real, até que uma tarde encontrei um velho que tinha a aparência de ser um homem religioso.

À minha pergunta, ele respondeu que era monge e que a solidão em que vivia com alguns irmãos ficava a dez verstas da estrada, e me convidou para parar com eles.

“Em nossa casa”, disse-me ele, “os peregrinos são recebidos, cuidados e alimentados na pousada.

Eu não tinha vontade de ir para lá e disse a ele:

— Meu descanso não depende de hospedagem, mas de um ensinamento espiritual; Não procuro comida, pois carrego muito pão seco no alforje.

— Que tipo de ensino você procura e o que deseja entender melhor? Venha, venha para nossa casa, querido irmão; Nele experimentamos ensinamentos [17] que podem lhe dar orientação espiritual e colocá-lo no verdadeiro caminho que leva à luz da Palavra de Deus e aos ensinamentos dos Padres.

— Olha, Padre, há cerca de um ano, enquanto estava no cargo, ouvi este mandamento do Apóstolo: Rezai sem cessar. Sem saber interpretar estas palavras,

comecei a ler a Bíblia, e também nela, e em múltiplas passagens, encontrei o mandamento de Deus: devemos orar sem cessar, sempre, em todas as ocasiões, em todos os lugares, não só durante as ocupações do dia, não só no estado de vigília, mas também durante o sono: durmo, mas meu coração está acordado [18]. Isto me surpreendeu muito e não consigo compreender como é possível realizar tal coisa ou quais são os meios para alcançá-lo; Despertou-se em mim um grande desejo e uma grande curiosidade: nem de dia nem de noite estas palavras saíram do meu espírito. Também comecei a visitar igrejas e a ouvir sermões sobre oração, mas em vão: nunca consegui saber rezar sem cessar. Neles sempre falavam da preparação para a oração ou de seus frutos, sem ensinar como orar sem cessar, nem o que significa tal oração. Li muitas vezes a Bíblia e nela encontrei novamente a mesma coisa que tinha ouvido; mas não fui capaz de compreender o que anseio tanto. Então, durante todo esse tempo, estou cheio de incertezas e preocupações. Ele de imediato fez o sinal da cruz e falou:

— Dá graças a Deus, querido irmão, por ter-te revelado aquela atração invencível que existe em ti pela oração interior contínua. Reconheça nisso o chamado de Deus e acalme-se pensando que assim ficou devidamente comprovada a concordância de sua vontade com a palavra divina; Foi-vos dado compreender que não é nem a sabedoria deste mundo nem um vão desejo de conhecimento que conduz à luz celeste - a oração interior contínua - mas, pelo contrário, a pobreza de espírito e a experiência ativa na simplicidade do coração.

Portanto, não é de surpreender que você não tenha ouvido nada de profundo sobre o ato de orar e que não tenha aprendido nada sobre a maneira de alcançar essa atividade perpétua. Na verdade, se fala muito sobre a oração e sobre esta matéria existem várias obras recentes, porém todos os juízos de sus autores estão baseados na especulação intelectual, nos conceitos da razão natural, e na experiência que resulta da ação; Falam mais sobre o que é acessório da oração do que sobre a essência da oração. Uma delas explica muito bem por que devemos orar; a outra trata dos efeitos benéficos da oração; uma terceira, das condições necessárias para rezar bem, ou seja, o zelo, a atenção, o fervor do coração, a pureza da mente, a humildade, o arrependimento que é preciso ter para começar a rezar. Mas o que é a oração e como se aprende a orar, coisas tão essenciais e fundamentais na oração, são muito pouco discutidas pelos pregadores do nosso tempo; porque são mais difíceis do que todas as suas explicações e requerem não conhecimentos escolares, mas conhecimentos místicos. E o que é ainda mais triste é que esta sabedoria elementar e vã leva a medirem a Deus com uma medida humana. Muitos cometem um grande erro ao pensar que os meios preparatórios e as boas ações geram a oração, quando a verdade é que a oração é fonte de obras e virtudes. Cometem um grande erro ao tomarem os frutos e as consequências da oração como meio de

alcançá-lo, diminuindo assim a sua força. Este é um ponto de vista completamente oposto às Escrituras, pois o Apóstolo São Paulo fala da oração assim: Peço, portanto, antes de tudo, que sejam feitas orações [19].

Assim, o Apóstolo coloca a oração acima de tudo. Muitas boas obras são pedidas ao cristão, mas a obra da oração está acima de todas as outras, porque nada se pode fazer se faltar. Sem oração frequente não é possível encontrar o caminho que leva ao Senhor, nem conhecer a Verdade, nem ser iluminado no coração pela luz de Cristo, nem unir-se a Ele na salvação. Digo frequente, porque a perfeição e a correção da nossa oração não dependem de nós, como também diz o apóstolo Paulo: Não sabemos pedir o que é bom para nós [20]. Somente a sua frequência foi colocada em nossas mãos, como meio de alcançar a pureza da oração que é a mãe de todo bem espiritual. Adquira a mãe e você terá descendência, diz Santo Isaac, o Sírio [21], querendo nos fazer entender que primeiro é preciso adquirir a oração e depois colocar em prática todas as virtudes. Mas aqueles que não estão familiarizados com a prática e os ensinamentos dos Padres sabem pouco sobre estas questões e falam pouco sobre elas.

Conversando assim, chegamos, sem perceber, à solidão. Para não me separar deste velho sábio e satisfazer os meus desejos o mais rapidamente possível, apressei-me a perguntar-lhe:

— Rogo-lhe, venerável Padre, que me explique o que é a oração interior e contínua e como posso aprendê-la; Bem, vejo que você tem uma experiência muito profunda e segura disso.

O padre ouviu meu pedido com gentileza e me levou para seu quarto:

— Venha comigo e eu lhe darei um livro dos Padres que lhe permitirá compreender claramente em que consiste a oração e aprendê-la com a graça de Deus.

Entramos em sua cela e o padre me disse as seguintes palavras:

— A oração interior e constante de Jesus é a invocação contínua e ininterrupta do nome de Jesus com os lábios, o coração e a inteligência, no sentimento da sua presença, em todos os lugares e em todos os momentos, mesmo durante o sono. Essa oração é expressa por estas palavras: Senhor Jesus Cristo, tem piedade de mim! [22] Todo aquele que se habitua a esta invocação sente uma grande consolação e a necessidade de fazer sempre esta oração; Depois de algum tempo, ele não consegue mais viver sem isso e torna-se como se fosse sua própria carne e sangue. Você entende agora o que é oração contínua?

— Compreendo perfeitamente, meu pai. “Em nome de Deus, ensine-me agora como chegar até ela”, implorei com alegria.

— Como aprender a oração, veremos neste livro chamado Filocalia [23]. Contém a ciência completa e detalhada da oração interior contínua, exposta por vinte e cinco Padres. É tão útil e perfeito que é considerado o guia essencial da vida contemplativa e, como diz o bem-aventurado Nicéforo [24], “conduz à salvação sem trabalho nem dor”.

— Então, é superior à Bíblia Sagrada? -perguntei-lhe.

— Não, não é nem mais alto nem mais santo que a Bíblia Sagrada, mas contém as explicações luminosas de tudo o que há de misterioso na Bíblia devido à fraqueza do nosso espírito, cuja visão não atinge tais alturas. Vou te mostrar com uma imagem: o sol é uma estrela majestosa, brilhante e muito exaltada, que não pode ser vista de frente. Para contemplar este rei das estrelas e suportar seus raios de fogo, é necessário usar vidro fumê, infinitamente menor e mais escuro que o sol. Bem, a Escritura é este sol brilhante e a Filocalia é o vidro esfumado. Ouça agora, quero ler para você como exercitar a oração interior contínua.

Abriu os padre da Filocalia, escolheu um trecho de São Simeão, o Novo Teólogo [25] e começou: «Permaneça sentado no silêncio e na solidão, incline a cabeça e feche os olhos; respire suavemente, olhe através da imaginação dentro do seu coração, recolha a sua inteligência, ou seja, o seu pensamento, da cabeça ao coração. Diga, ao ritmo da sua respiração: “Senhor Jesus Cristo, tem piedade de mim”, em voz baixa ou simplesmente em espírito. Faça um esforço para jogar fora todos os outros pensamentos, seja paciente e repita este exercício com frequência.

Mais tarde, os padre explicaram-me tudo isto com exemplos, e até lemos na Filocalia as palavras de São Gregório Sinaíta [26] e dos bem-aventurados Calisto e Inácio [27]. Tudo o que estávamos lendo, o padre me explicou à sua maneira. Ouvei com atenção e grande êxtase e fiz um esforço para fixar todas as suas palavras na memória com a maior precisão. Então passamos a noite inteira e fomos às matinas sem dormir nada.

O padre, ao se despedir, me abençoou e me disse para retornar à sua cela durante o estudo da oração, para confessar com franqueza e simplicidade de coração, porque é vão dedicar-se à vida espiritual sem orientação.

Na igreja senti dentro de mim um zelo ardente que me levou a estudar cuidadosamente a oração interior contínua, e pedi a Deus que me ajudasse. Depois pensei que me seria difícil ir ao padre confessar-me ou pedir conselhos; Na pousada ninguém pode ficar mais de três dias, e perto da solidão não há lugar para ficar... Felizmente, descobri que a quatro verstas de distância havia uma aldeia. Fui para lá em busca de uma pousada e felizmente Deus me favoreceu. Lá pude me posicionar como guardião de uma casa de camponês, com a condição de passar o verão, sozinho, numa pequena cabana que ficava num canto do pomar. Graças a Deus,

encontrei um lugar tranquilo. Assim comecei a estudar a oração interior segundo os meios indicados, indo muitas vezes visitar os padre.

Durante uma semana, na solidão do meu jardim, estudei a oração interior, seguindo exatamente o conselho do meu professor. No início, tudo parecia estar indo muito bem. Mais tarde, senti um grande peso, preguiça, tédio, um sono que não consegui superar, e os pensamentos caíram sobre mim como nuvens. Procurei o padre cheio de tristeza e contei-lhe o meu estado. Ele me recebeu gentilmente e me disse:

— Querido irmão, tudo o que acontece com você nada mais é do que a guerra que o mundo tenebroso declara contra você, porque não há nada que ele tema tanto quanto a oração do coração. É por isso que ele tenta atrapalhar você e fazer com que você odeie a oração. Mas o inimigo só funciona de acordo com a vontade e permissão de Deus, e na medida em que isso for necessário para nós. Sem dúvida é fundamental que a sua humildade seja posta à prova; É muito cedo para chegar às portas do coração com zelo excessivo, caso contrário correria o risco de cair na ganância espiritual. Vou ler para vocês o que diz a Filocalia sobre esse propósito. — Procurou os padre nos ensinamentos do monge Nicéforo e leu: «Se, apesar dos seus esforços, meu irmão, não lhe for possível entrar na região do coração, como lhe recomendei, faça como eu te diga e com a ajuda de Deus você encontrará o que procura. Você bem sabe que a razão de cada homem está em seu peito... Portanto, tire todo pensamento desta razão (você pode fazer isso se quiser) e coloque em seu lugar o “Senhor Jesus Cristo, tem piedade de mim”. Esforce-se para substituir qualquer outro pensamento por esta invocação interior e, no longo prazo, ela abrirá a entrada para o seu coração, como a experiência ensina.” [28].

“Você vê o que os Padres ensinam nesse caso”, disseram-me os padre. É por isso que você deve aceitar este mandamento com confiança e repetir a oração de Jesus tanto quanto possível. Aqui você tem um rosário com o qual poderá fazer, para começar, três mil orações por dia. Em pé, sentado, deitado ou caminhando, repita incessantemente: “Senhor Jesus Cristo, tem piedade de mim!”, suavemente e sem pressa. E recite exatamente três mil orações por dia, sem acrescentar ou remover nenhuma. Através deste caminho você alcançará a atividade contínua do coração.

Recebi essas palavras com grande alegria e, deixando o padre, voltei para casa e comecei a fazer exata e fielmente o que ele havia me ensinado. Nos primeiros dois dias tive alguma dificuldade, mas depois achei tão fácil que quando não fiz a oração senti uma grande necessidade de orá-la, e me pareceu fácil e tranquilo, sem a dificuldade do início. Contei isso ao padre, e ele me mandou rezar seis mil vezes por dia e me disse:

— Mantenha a calma e esforce-se para aderir com total fidelidade ao número de orações que lhe prescrevi: Deus terá misericórdia de você.

Durante uma semana inteira permaneci em minha cabine solitária recitando minhas seis mil orações todos os dias sem me preocupar com nada e sem ter que lutar contra os pensamentos; Só pensei em cumprir o mandato do padre. E o que aconteceu? Acostumei-me tanto à oração que, se parasse um só momento, sentia um vazio, como se tivesse perdido alguma coisa; e assim que voltei à minha oração, senti-me aliviado e feliz novamente. Quando encontrava alguma pessoa, não sentia vontade de conversar, só queria ficar na solidão e recitar minhas orações; Eu me acostumei tanto com elss em uma única semana.

O padre, que não me via há dez dias, veio saber o que estava acontecendo comigo e eu expliquei a ele. Depois de me ouvir, ele me disse:

— Você já está acostumado com a oração. Olha: agora é preciso preservar esse costume e se fortalecer nele. Não perca tempo e, com a ajuda de Deus, tenha como meta recitar doze mil orações por dia; continue na solidão, levante um pouco mais cedo, vá para a cama um pouco mais tarde e venha me ver duas vezes por mês.

Submeti-me em tudo às ordens do padre e, no primeiro dia, mal consegui recitar minhas doze mil orações, que terminei já à noite. No dia seguinte fiz com mais facilidade e até com prazer. No início senti cansaço, uma espécie de endurecimento da língua e uma certa rigidez nos maxilares, mas nada desagradável; Depois notei um leve desconforto no palato, depois no polegar da mão esquerda que passava o rosário, enquanto meu braço esquentava até o cotovelo, o que produzia uma sensação deliciosa. E tudo isso apenas me encorajou a recitar melhor minha oração. Dessa forma, durante cinco dias, completei fielmente minhas doze mil orações e, ao mesmo tempo, como sempre, recebia o fruto e o prazer da oração.

Certa manhã, fui como se tivesse sido acordado por uma oração. Comecei a fazer minhas orações matinais, mas minha língua tinha dificuldade para fazê-lo e eu não queria mais nada além de fazer a oração de Jesus. Comecei a fazer assim e me senti cheio de alegria e meus lábios se moviam por conta própria e sem nenhum esforço. Passei o dia inteiro com muita alegria. Eu estava como que abstraído de tudo e me sentia em outro mundo, terminando minhas doze mil orações antes do dia terminar. Teria desejado continuar com prazer, mas não me atrevi a ir além do número indicado pelo padre. Nos dias seguintes continuei a invocar o nome de Jesus Cristo com facilidade e nunca me cansando.

Fui ver o padre e contei-lhe tudo isso detalhadamente. Quando terminei ele me disse:

— Deus lhe deu o desejo de orar e a possibilidade de fazê-lo sem dificuldade. Este é um efeito natural, produto do exercício e da aplicação constante, igual a uma máquina cujo volante vamos soltando aos poucos, que depois continua se movendo sozinha; Agora, para que continue se movendo, é preciso engraxá-lo e dar-lhe um

novo impulso de tempos em tempos. Agora você vê que poderes maravilhosos Deus, amigo dos homens, deu à nossa natureza sensível; e você percebeu as sensações extraordinárias que podem nascer até na alma pecadora, na natureza impura que a graça ainda não iluminou. Mas que grau de perfeição, alegria e encanto atinge o homem quando o Senhor lhe quer revelar a oração espiritual espontânea e purificar a sua alma das paixões! Este é um estado indescritível e a revelação deste mistério é um desfrute antecipado da doçura do céu. E é o dom que quem busca o Senhor recebe na simplicidade de um coração que transborda de amor. De agora em diante permito que você faça quantas orações quiser; Procure dedicar todo o tempo do dia à oração e invocar o nome de Jesus sem se preocupar com mais nada, entregando-se humildemente à vontade de Deus e esperando a sua ajuda. Ele não te abandonará e direcionará o seu caminho.

Obedecendo a esta regra, passei o verão inteiro repetindo incessantemente a oração de Jesus e senti uma grande tranquilidade. Enquanto dormia, às vezes sonhei que estava fazendo a oração. E durante o dia, quando eu encontrava algumas pessoas, elas pareciam tão gentis como se fossem minha família. Os pensamentos se acalmaram e eu só vivia em oração; Já comecei a inclinar o meu espírito para ouvi-la, e às vezes o meu coração sentia um grande ardor e uma grande alegria. Quando entrei na igreja, o longo sermão parecia curto e não me cansava como antes. Minha cabana solitária me parecia um palácio esplêndido e eu não sabia como agradecer a Deus por ter me enviado, a um pobre pecador, um padre de cujos ensinamentos tirei tanto bem.

Mas não desfrutei por muito tempo da orientação do meu amado e sábio padre, pois ele morreu no final do verão. Despedi-me dele com lágrimas nos olhos e, agradecendo-lhe os seus ensinamentos paternos, implorei-lhe que me deixasse como bênção o terço com que rezava todos os dias. Então eu fiquei sozinho. Depois do verão, os frutos da horta foram colhidos e eu não tinha mais onde morar. O camponês deu-me dois rublos de prata como salário, encheu meu alforje com pão para a viagem e continuei minha vida errante. Mas eu não estava mais desamparado, como antes; A invocação do nome de Jesus Cristo me deixou feliz durante todo o caminho e todos me tratavam com carinho; Parecia que todos haviam decidido me amar.

Um dia perguntei-me o que deveria fazer com os rublos que o camponês me tinha dado. Para que eles poderiam ser usados? Ah sim! Não tenho mais o padre nem ninguém que me guie; Vou comprar uma Filocalia e nela aprenderei a oração interior. Cheguei em uma cidade festeira e comecei a procurar nas lojas uma Filocalia. Encontrei um, mas o livreiro pediu três rublos e eu só tinha dois; Em vão tentei convencê-lo a me deixar levar por dois, mas ele não me ouviu; mas finalmente ele me disse:

— Vá procurar naquela igreja e pergunte pelo sacristão; Ele tem um livro antigo como este e talvez o dê a você pelos seus dois rublos.

Fui à igreja e, de fato, comprei uma Filocalia muito velha e deteriorada por dois rublos; Minha alegria foi muito grande. Remendei-a o melhor que pude com um pedaço de pano e coloquei-o no alforje, junto com a Bíblia.

Então agora, vou recitando incessantemente a oração de Jesus, que é mais cara e mais doce para mim do que todas as coisas do mundo. Às vezes percorro mais de sessenta verstas por dia e não percebo que estou caminhando; Eu simplesmente sinto que estou fazendo a oração. Quando sopra um vento frio e violento, rezo a oração com mais atenção e imediatamente sinto calor. Se a fome for muita, invoco com mais frequência o nome de Jesus Cristo e não me lembro de ter passado fome. Se me sinto mal e minhas costas ou pernas começam a doer, concentro-me na oração e paro de sentir dor. Quando alguém me ofende, penso apenas na oração beneficente de Jesus, e logo a raiva ou a tristeza desaparecem e esqueço tudo. Meu espírito se tornou muito simples. Nada me preocupa, nada me incomoda, nada exterior me distrai e gostaria de estar sempre na solidão; Estou acostumado a sentir apenas uma necessidade: rezar incessantemente a oração e, quando o faço, uma grande alegria invade todo o meu ser. Deus sabe o que acontece em mim. Naturalmente, estas nada mais são do que impressões sensíveis ou, como diz o padre, efeito da natureza e hábito adquirido; mas ainda não me atrevo a começar o estudo da oração espiritual dentro do coração; Sou muito indigno disso e muito ignorante. Aguardo a hora de Deus, confiando nas orações dos meus saudosos padres. Portanto ainda não cheguei à oração espiritual do coração, espontânea [29] e contínua; mas, graças a Deus, agora compreendo claramente o significado das palavras do Apóstolo que ouvi um dia na igreja: Rezai sem cessar [30].

SEGUNDO RELATO

Continuei viajando por muito tempo por todos os tipos de regiões, acompanhado pela oração de Jesus, que me fortaleceu e me consolou em todos os caminhos, em todas as ocasiões e em todas as situações. Por fim, pensei que deveria parar em algum lugar para encontrar maior solidão e começar a estudar a Filocalia, que só poderia ler à noite ou durante a soneca do meio-dia; Grande era o meu desejo de dedicar-me integralmente ao seu estudo para extrair dela com fé a verdadeira doutrina da saúde da alma através da oração do coração. Infelizmente, para satisfazer esse desejo não pude exercer nenhum trabalho manual, pois havia perdido o uso do braço direito desde a infância; e assim, não conseguindo me estabelecer em lugar algum, rumei para os países siberianos, em direção a San Innocent de Irkutsk [31], na crença de que nas planícies e florestas da Sibéria

encontraria maior silêncio e poderia me entregar mais confortavelmente à vida. e oração. Lá fui eu, então, recitava incessantemente a oração.

Depois de um certo tempo notei que a oração originava-se sozinha dentro do meu coração, ou seja, meu coração, batendo com total regularidade, começou de certa forma a recitar as palavras sagradas a cada batida; por exemplo: 1-Senhor, 2-Jesus..., 3-Cristo, e assim por diante com o resto. Parei de mover os lábios e ouvi atentamente o que meu coração dizia, lembrando-me de como isso é agradável, conforme me contaram meus falecidos padres. Depois senti uma leve dor no coração, e no espírito um amor tão grande por Nosso Senhor Jesus Cristo, que me pareceu que, se o tivesse visto, teria me jogado aos seus pés, abraçado-os e banhado-os. com as minhas lágrimas, agradecendo-lhe pelas consolações que nos deu com o seu nome, na sua bondade e no seu amor pela criatura indigna e pecadora.

Muito em breve um doce calor surgiu em meu coração e inundou todo o meu peito. Isto levou-me, em particular, a uma leitura atenta da Filocalia para ver o que ela dizia sobre estas sensações e para estudar nela o desenvolvimento da oração interior do coração; Sem esse controle, temia cair na ilusão, tomar as ações da natureza pelas da graça e tornar-me arrogante por uma aquisição tão rápida da oração, conforme me explicaram meus falecidos padres. Por isso caminhava principalmente à noite e passava o dia lendo a Filocalia sentado na floresta à sombra das árvores. Quantas coisas novas, profundas e desconhecidas descobri nestas leituras! Enquanto durou essa ocupação, ele sentiu uma bem-aventurança muito mais perfeita do que qualquer coisa que até então pudesse imaginar. Sem dúvida, certas passagens ficaram sem que meu pobre espírito pudesse compreendê-las, mas os efeitos da oração do coração esclareceram o que eu não entendia. Além disso, às vezes eu via meu falecido padre em sonhos, que me explicou muitas das dificuldades e inclinou cada vez mais minha alma pouco inteligente para a verdade. Nesta felicidade absoluta passei dois longos meses de verão. Eu viajei principalmente pelas florestas e estradas rurais; Quando chegava a uma aldeia, pedia um saco de pão, um punhado de sal, enchia a cabaça de água e continuava andando mais cem verstas.

O PEREGRINO É ATACADO POR LADRÕES [32]

Sem dúvida, como castigo pelos meus pecados e pela dureza da minha alma, ou pelo progresso da minha vida espiritual, as tentações apareceram no final do verão. E foi assim: uma tarde, quando estava na estrada, encontrei dois homens que pareciam soldados; Eles me pediram dinheiro. Quando eu lhes disse que não tinha um centavo, eles não quiseram acreditar e gritaram brutalmente:

-Você mente! Que os peregrinos arrecadam muito dinheiro. — Um deles acrescentou: É inútil conversar muito com ele —. E ele me bateu na cabeça com um pedaço de pau; Fiquei sem sentido.

Não sei se fiquei assim por muito tempo, mas quando acordei percebi que estava na floresta perto da estrada. Minhas roupas estavam em farrapos e meu alforje estava faltando. Graças a Deus me deixaram meu passaporte, que escondi no forro do meu chapéu velho, para poder mostrá-lo facilmente quando necessário. Levantei-me e chorei muito, não tanto pela dor, mas pela perda dos meus livros, a Bíblia e a Filocalia, que estavam no alforje que me foi roubado. Chorei e sofri o dia todo e a noite toda. Onde estava minha Bíblia, que eu lia desde pequeno e que sempre carreguei comigo? Onde está minha Filocalia, da qual tirei tantos ensinamentos e consolo? Infeliz, perdi o único tesouro da minha vida sem tê-lo aproveitado como deveria. Teria sido melhor para mim morrer do que viver assim sem o meu alimento espiritual. Nunca mais poderei tê-los.

Durante dois dias mal consegui andar por causa da doença; No terceiro dia, caí indefeso perto de um arbusto e adormeci. E eis que em sonhos me via no eremitério, na cela do meu padre, a quem chorava a minha dor. O padre, depois de me consolar, disse-me:

— Que este acontecimento lhe sirva de lição de desapego das coisas da terra, para poder voar com mais liberdade em direção ao céu. Este teste foi enviado a você para que não caia na voluptuosidade espiritual. Deus quer que o cristão renuncie à sua própria vontade e a todo apego a ela, para poder colocar-se inteiramente nos braços da vontade divina. Tudo o que Ele faz é para o bem e a salvação dos homens. Ele quer que todos os homens sejam salvos [33]. Portanto, tenha bom ânimo e acredite que Deus proporcionará o sucesso com a tentação para que você possa resistir a ela [34]. Em breve você receberá um consolo maior que todas as suas tristezas.

Ao ouvir essas palavras, acordei e senti forças renovadas no corpo e na alma como um amanhecer e uma nova tranquilidade. Que a vontade de Deus se cumpra!, eu disse. Levantei-me, fiz o sinal da cruz e saí. A oração voltou a funcionar em meu coração como antes, e durante três dias continuei meu caminho em paz.

De repente, encontrei-me ali com uma tropa de soldados forçados, que estavam sendo levados sob escolta. Ao chegar até eles, vi os dois homens que me haviam roubado e, como estavam à frente da coluna, pude me jogar aos pés deles e implorar que me dissessem onde estavam meus livros. A princípio fingiram não me conhecer, mas finalmente um deles disse:

— Se você nos der algo, diremos onde estão seus livros. Precisamos de um rublo de prata.

Jurei a eles que, de uma forma ou de outra, daria isso a eles, mesmo que tivesse que implorar para consegui-lo.

— Tomad en prenda, si os interesa, mi pasaporte.

Então me disseram que meus livros estavam nos carros com os objetos roubados que eles haviam recolhido deles.

— Como posso obtê-los?

— Pergunte ao capitão da escolta por eles.

Fui até o capitão e expliquei tudo como havia acontecido. Na conversa, ele me perguntou se eu sabia ler a Bíblia.

— Não só sei ler, respondi, mas também sei escrever; Você mesmo verá uma inscrição na Bíblia que indica que ela me pertence; e aqui você tem meu nome e sobrenome no meu passaporte.

O capitão me disse:

— Esses ladrões são desertores; Eles moravam em uma cabana e se dedicavam a espoliar os transeuntes. Um cocheiro muito habilidoso deteve-os ontem, quando queriam roubar-lhe a troika. Terei grande prazer em devolver seus livros, se eles estiverem lá; mas você terá que vir conosco para a pousada. Estamos a apenas quatro verstas de distância e não posso parar todo o comboio para procurá-los agora.

Cheio de alegria, parti ao lado do cavalo do capitão e conversei com ele. Logo percebi que ele era um homem honesto e bom e que não era mais jovem. Ele me perguntou quem eu era, de onde vim e para onde ia. Respondi todas as perguntas e aos poucos chegamos à pousada onde estávamos parando. Ele foi em busca dos meus livros e me entregou dizendo:

— Onde você planeja ir agora? Já é noite; Seria melhor se você ficasse comigo.

E eu fiquei com ele. Fiquei tão feliz por ter recuperado meus livros que não soube como agradecer a Deus; Pressionei-os contra o coração até sentir cãibras nos braços. Lágrimas de felicidade correram pelo meu rosto e meu coração bateu de alegria e felicidade.

O capitão olhou para mim e disse:

— Vejo que você tem prazer em ler a Bíblia.

Na minha alegria, não consegui responder-lhe uma única palavra. Eu não fiz nada além de chorar. Ele continuou:

"Eu também, irmão, leio o Evangelho com muita atenção todos os dias." E imediatamente, entreabrindo o uniforme, tirou um pequeno Evangelho de Kiev [35] com capa prateada. Sente-se e direi como me acostumei. Estalajadeiro, deixe que nos tragam o jantar.

HISTÓRIA DO CAPITÃO

Sentamo-nos à mesa. O capitão começou sua história:

"— Desde a minha juventude servi no exército e nunca numa guarnição. Eu conhecia bem o meu trabalho e os meus superiores consideravam-me um oficial modelo. Mas eu era jovem e meus amigos também. Infelizmente comecei a beber e me entreguei tanto à bebida que adoei. Quando não bebia era um excelente oficial, mas no primeiro copo que bebi novamente tive que ficar de cama durante seis semanas. Eles me aturaram por muito tempo; mas finalmente, por ter insultado um chefe depois de ter bebido, fui rebaixado e condenado a servir três anos numa guarnição; Eles me ameaçaram com uma punição ainda mais severa se eu não parasse de beber. Numa situação tão miserável, tive vontade de lutar para me conter, mas foi inútil; Era impossível para mim desistir da minha paixão e decidiram me mandar para um batalhão disciplinar. Quando me contaram, eu não sabia o que estava recebendo."

Um dia, sentado no meu quarto, estava pensando em todas essas coisas. E com isso apareceu um monge pedindo uma igreja. Todos deram o que puderam. Quando ele me alcançou, ele me perguntou por que eu estava tão triste. Conversei um pouco com ele e contei-lhe minha desgraça. O monge ficou com pena da minha situação e me disse:

"— A mesma coisa que aconteceu com você aconteceu com um dos meus irmãos, e vou lhe contar como ele conseguiu superar seu vício. Seu pai espiritual deu-lhe um Evangelho e ordenou-lhe que lesse um capítulo toda vez que tivesse vontade de beber; Se a vontade voltasse, eu teria que ler o próximo capítulo. Meu irmão colocou o conselho em prática e logo se libertou da paixão pela bebida. Ele não toma nenhuma bebida forte há quinze anos. Imita seu exemplo e logo você verá o quanto é bom se abster como ele. Eu tenho um Evangelho; Se você quiser, amanhã trago para você."

Ao que respondi:

"— E o que farei com o Evangelho, quando nem os meus esforços nem os remédios dos médicos conseguiram me fazer abster-me de beber? (Eu falou assim porque nunca tinha lido o Evangelho).

"— Não diga isso, respondeu o monge. Garanto-lhe que se você fizer o que eu lhe disse, você encontrará benefícios."

No dia seguinte, de fato, o monge voltou com o Evangelho que você vê aqui. Abri, olhei, li algumas frases e disse:

"— Eu não quero, porque não entendo nada. Não estou acostumado a ler personagens da igreja [36]."

O monge continuou a exortar-me, dizendo que nas próprias palavras do Evangelho está contida uma força benéfica; porque foi o próprio Deus quem pronunciou as palavras que nele estão impressas. Não importa que você não entenda nada; você apenas tem que ler com atenção. Um santo disse: "Se você não entende a Palavra de Deus, os demônios entendem o que você lê e tremem". E certamente o desejo de beber é obra de demônios. E também vos digo isto: São João Crisóstomo escreve que mesmo o lugar onde está o Evangelho assusta os espíritos das trevas e é um obstáculo às suas intrigas.

"Não me lembro muito bem, mas acho que dei algo ao monge; Peguei o seu Evangelho e coloquei-o no meu baú, entre outras coisas, esquecendo-me completamente dele. Algum tempo depois chegou a hora de beber. Tive uma vontade terrível de fazer isso; Abri o porta-malas para pegar algum dinheiro e entrei na taverna. O Evangelho apareceu diante dos meus olhos e, lembrando-me de repente de tudo o que o monge me dissera, abri-o e comecei a ler o primeiro capítulo de São Mateus. Li até o fim sem entender nada; mas lembrei-me do que o monge me dissera: "Não importa que você não entenda nada; "Você só precisa ler com atenção." Está tudo bem!, disse a mim mesmo; Vamos ler mais um capítulo. A leitura me pareceu mais clara. Vejamos o terceiro; Mal havia começado, quando uma campainha tocou: era o retiro ou chamado da tarde. E não deu tempo de sair do quartel, então fiquei sem beber naquele dia."

No dia seguinte, pela manhã, quando ia sair para comprar conhaque, disse a mim mesmo: e se eu ler um capítulo do Evangelho? Então veremos. Eu li e não me mexi. Pouco depois tive vontade de beber novamente, mas comecei a ler e me senti aliviado. Também me senti forte e superei cada ataque da tentação de beber lendo meu capítulo do Evangelho. Quanto mais o tempo passava, melhor eu ficava. Quando terminei os quatro Evangelhos, a minha paixão pelo vinho tinha desaparecido completamente; Eu já estava completamente indiferente. E já se passaram vinte anos desde que levei uma bebida forte aos lábios.

»Todos ficaram surpresos com a minha mudança. Depois de três anos fui novamente admitido no corpo de oficiais; Subi nas fileiras sucessivas e fui nomeado capitão. Casei-me com uma mulher excelente; Reunimos alguns bens e agora, graças a Deus, as coisas estão indo bem. Ajudamos os pobres da melhor maneira possível e oferecemos alojamento aos peregrinos. Tenho um filho que já é funcionário e que vale muito.

Pois bem, depois que fiquei completamente curado, prometi ler todos os dias, durante toda a minha vida, um dos quatro Evangelhos na íntegra, sem admitir dispensa alguma. E então eu faço isso. Quando estou sobrecarregado de trabalho e me sinto muito cansado, vou para a cama e peço à minha esposa ou ao meu filho que leia o Evangelho comigo e assim cumpro a minha promessa. Como testemunho de gratidão e para glória de Deus, mandei cobrir este Evangelho com prata maciça e carrego-o sempre no coração.

Eu o ouvi com muito prazer e disse-lhe:

— Conheço um caso semelhante: na nossa cidade, na fábrica, havia um excelente operário, muito hábil nas coisas do seu ofício; mas infelizmente para ele, ele bebia com muita frequência. Um homem piedoso aconselhou-o que, sempre que tivesse vontade de beber conhaque, recitasse trinta e três vezes a oração de Jesus em honra da Santíssima Trindade e em memória dos anos de vida de Jesus na terra. E não é tudo: três anos depois entrou para um mosteiro.

— E o que vale mais, a oração de Jesus ou o Evangelho?

— Ambos são a mesma coisa, respondi. O Evangelho é como a oração de Jesus, porque o nome divino de Jesus contém em si todas as verdades evangélicas. Os Padres dizem que a oração de Jesus é um resumo de todo o Evangelho.

Após esta conversa fizemos nossas orações; o capitão começou a ler o Evangelho de São Marcos desde o início; Eu o ouvia fazendo a oração em meu coração. O capitão terminou a leitura às duas da manhã e fomos dormir.

Como é meu hábito, levantei-me muito cedo, quando todos ainda dormiam. O dia mal havia amanhecido quando eu já estava imerso na minha Filocalia. Com que alegria a abri! Parecia-me que havia reencontrado meu pai depois de uma longa ausência ou um amigo que havia ressuscitado dos mortos. Abracei-a e agradei a Deus por tê-la devolvido para mim; Comecei a ler Teolepto de Filadélfia [37], na segunda parte da Filocalia. Fiquei surpreso ao ler que ele propõe realizar três tipos diferentes de atividades ao mesmo tempo: quando você se senta à mesa, diz ele, dê comida ao seu corpo, leia para a sua mente e reze para o seu coração. Mas a lembrança da refeição benéfica após o jantar do dia anterior praticamente me explicou esse pensamento. E então entendi o mistério da diferença entre o coração e a mente.

Quando o capitão acordou, quis agradecer-lhe a gentileza e despedir-me dele. Ele me serviu chá, me deu um rublo de prata e nos despedimos. Saí cheio de alegria.

No final da primeira versta, lembrei-me que havia prometido um rublo aos soldados e agora tinha um no bolso. Devo dar a ele ou não? Por um lado, pensei comigo mesmo, eles bateram-te e roubaram-te, e já não te podem fazer mal porque estão

detidos; mas por outro lado, lembrei-me do que está escrito na Bíblia: Se o seu inimigo estiver com fome, alimente-o [38]. E o próprio Jesus Cristo disse: Amem os seus inimigos [39]; e em outro lugar: E quem quiser litigar contigo para tirar a tua túnica, deixe-lhe também o teu manto [40]. Feitas essas reflexões, refiz meus passos e cheguei à pousada no exato momento em que o comboio se formava para iniciar sua marcha. Corri em busca dos dois criminosos e coloquei o rublo nas mãos deles, dizendo:

— Rezai e fazei penitência; Jesus Cristo é amigo dos homens e nunca vos abandonará.

Ditas estas palavras, afastei-me, seguindo o caminho na direção oposta à que eles estavam tomando.

SOLIDÃO

Depois de ter caminhado cinquenta verstas pela estrada real, entrei em algumas estradas rurais, mais solitárias e propícias à leitura. Por um tempo vaguei pela floresta; de vez em quando eu encontrava uma aldeia. Muitas vezes, ficava o dia todo na floresta lendo a Filocalia, onde encontrava ensinamentos admiráveis e profundos. Meu coração se inflamava de desejo de unir-me a Deus através da oração interior, que me esforcei por estudar e descobrir na Filocalia. Ao mesmo tempo fiquei triste por não ter conseguido encontrar um abrigo onde pudesse ler em paz e sem me distrair com outras coisas.

Naquela época eu também estava lendo minha Bíblia e vi que começava a entendê-la melhor; Encontrava nela menos passagens obscuras. Os padres têm razão quando dizem que a Filocalia é a chave que abre os mistérios encerrados nas Escrituras. Sob sua orientação, comecei a compreender o significado oculto da Palavra de Deus; Descobri o que significa o homem interior escondido no coração [41], a verdadeira oração: adoração em espírito [42], o Reino de Deus dentro de nós [43], a intercessão do Espírito Santo [44]; Entendi o significado destas palavras: Tu estás em mim [45], dá-me o teu coração [46], reveste-te do Senhor Jesus Cristo [47], o noivado do Espírito em nossos corações [48], a invocação: Abba, Pai! [49] e muitas outras coisas. Quando rezava no fundo do meu coração, todas as coisas ao meu redor me apareciam sob um aspecto encantador: árvores, ervas, pássaros, terra, ar, luz, todas pareciam me dizer que existem para o homem e que dão testemunho ao amor de Deus pelo homem; Todos oravam, todas cantavam a glória de Deus. Assim cheguei a entender o que a Filocalia chama “o conhecimento da linguagem da criação” e vi como é possível conversar com as criaturas de Deus.

HISTÓRIA DE UM RANGER

Andei assim por muito tempo. Finalmente cheguei a um país tão remoto que passei três dias sem ver uma única aldeia. Eu tinha acabado de comer o pão e me perguntava, não sem preocupação, como evitaria morrer de fome. No momento em que comecei a orar em meu coração, minha angústia desapareceu, me coloquei nas mãos do Senhor e a alegria e a tranquilidade voltaram para mim. Continuei então um pouco pelo caminho por uma imensa floresta, quando um cão de guarda apareceu diante dos meus olhos saindo das árvores; acenei para ele e ele se aproximou de mim com muito carinho, deixando-se acariciar. Alegrei-me e disse a mim mesmo: Aqui está também a bondade de Deus; Certamente haverá algum rebanho nesta floresta e este será o cão pastor, ou talvez seja o cão de algum caçador. De qualquer forma, agora terei a oportunidade de pedir pão, já que há dois dias que não como nada; ou pelo menos me dirão onde posso encontrar a cidade mais próxima. O cachorro, depois de ter andado algumas vezes ao meu redor, e vendo que não encontrava nada para comer, voltou para a floresta pelo mesmo caminho de onde veio. Segui-o e, passados uns duzentos metros, voltei a avistá-lo, por entre as árvores, numa toca de onde ele punha a cabeça para fora, latindo.

Então vi um camponês magro e pálido aproximando-se por entre as árvores, já devia ter anos de idade. Ele me perguntou como cheguei lá e eu lhe contei o que estava fazendo em um lugar tão remoto, e trocamos algumas palavras amigáveis. Ele me pediu para entrar em sua cabana e explicou que era guarda florestal e que era o responsável pela montanha, que seria derrubada. Ele me ofereceu pão e sal e puxamos conversa.

— Tenho inveja dessa vida solitária que você leva, eu disse a ele; Não sois como eu, que caminho constantemente e estou em contato com todos.

— Se você gostar, respondeu ele, pode morar aqui; Perto dali há uma velha cabana que serviu de moradia ao guarda que esteve aqui antes de mim; Está um pouco em ruínas, mas para o verão pode valer a pena. Você tem seu passaporte; Há pão para nós dois com o que me trazem toda semana da cidade, e ao nosso lado corre esse riacho que nunca seca. Meu irmão, há dez anos não como nada além de pão e só bebo água. No outono, quando terminar a colheita, duzentos homens virão cortar as árvores; Não terei mais nada para fazer aqui e também não permitirão que você continue neste lugar.

Ao ouvir estas palavras senti tanta alegria que quase caí aos seus pés. Eu não sabia como agradecer a Deus por sua bondade para comigo.

Tudo o que eu poderia desejar e que tanto ansiava, foi-me aqui oferecido num momento. Faltavam ainda quatro meses para o outono e podia, durante esse tempo, aproveitar o silêncio e a paz da floresta para estudar com a ajuda da Ficalía a

oração contínua no coração. Então decidi me instalar na referida cabana. Continuamos conversando e aquele bom irmão me contou sobre sua vida e suas ideias.

“Na minha cidade”, ele me disse, “eu não fui o último; eu tinha um trabalho que consistia em tingir tecidos de vermelho e azul; eu vivi confortavelmente, mas não sem pecado; Enganei muito minha clientela e xinguei continuamente; Ee era rude, beberrão e briguento.

Naquela cidade havia um velho precentor que tinha um livro muito, muito antigo sobre o Juízo Final [50]. Ele frequentemente ia às casas dos fiéis ortodoxos para ler neles e recebia uma pequena remuneração por isso; Às vezes ele também vinha à minha casa. Na maioria das vezes eu dava alguns centavos para ele e ele ficava lendo até o galo cantar. Uma vez eu estava trabalhando e ouvindo ele ao mesmo tempo; Eu estava lendo uma passagem sobre os tormentos do inferno e sobre a ressurreição dos mortos, como Deus virá julgar; como os Anjos soarão suas trombetas, o fogo e as chamas que ali estarão e como os vermes devorarão os pecadores. De repente, senti um medo terrível e disse para mim mesmo: não vou escapar desses tormentos! De agora em diante vou me dedicar a salvar minha alma e talvez serei resgatado dos meus pecados. Pensei bem e decidi abandonar meu emprego; Vendi minha casa e, como morava sozinho, tornei-me guarda florestal, pedindo apenas pão, roupas para me cobrir e algumas velas para acender durante as orações.

E vivo assim há mais de dez anos. Só como uma vez por dia e só tomo pão e água. Todas as noites levanto-me ao primeiro canto do galo e até o amanhecer faço genuflexão e saúdo ao chão; Enquanto oro acendo sete velas diante das imagens. Durante o dia, enquanto caminho pela floresta, uso correntes de trinta quilos na pele. Não juro, não bebo cerveja nem álcool, nem brigo com ninguém; mulheres, nunca as conheci.

No início fiquei muito feliz por viver assim, mas de vez em quando sou assaltado por reflexões que não consigo tirar da cabeça. Deus sabe se conseguirei o perdão dos meus pecados, mas esta vida é muito difícil. E também, o que o livro dizia poderia ser verdade? Como um homem pode ser ressuscitado? Pois daqueles que morreram há cem anos ou mais, até a póeira desapareceu. E quem sabe se haverá um inferno ou não? Pelo menos nenhum deles voltou do outro mundo; Quando o homem morre, ele fica corrompido e dele não resta nenhum vestígio. Esse livro pode ter sido escrito por padres ou autoridades para assustar a nós, os imbecis, a fim de nos manter cada vez mais submissos. Então nesta vida vivemos miseravelmente e sem nenhum consolo, e talvez na próxima não haja nada. Então por que continuar assim? Não seria melhor aproveitar imediatamente as boas oportunidades? “Essas ideias

me assombram”, acrescentou, “e tenho medo de ter que voltar à minha antiga ocupação”.

Senti grande compaixão por ele e disse a mim mesmo: Diz-se que só os sábios e os intelectuais se tornam livres-pensadores e incrédulos, mas aparentemente os nossos irmãos, os simples camponeses, também têm ideias muito estranhas e carecem de fé. Certamente o mundo sombrio atinge a todos e talvez ataque até os mais simples com mais facilidade. Devemos buscar os melhores motivos possíveis e nos fortalecer contra o inimigo pela Palavra de Deus.

Portanto, para apoiar um pouco este irmão e confirmar a sua fé, tirei do bolso a Filocalia e abri-a no capítulo 109 do bem-aventurado Hesíquio [51]. Li para ele e expliquei que o medo do castigo não é o único freio contra o pecado, porque a alma não pode libertar-se dos pensamentos culpados, exceto através da vigilância do espírito e da pureza do coração. Tudo isto se adquire através da oração interior. Se alguém escolhe o caminho da ascese não só por medo das torturas do inferno, mas também pelo desejo do reino celeste, acrescentei, os Padres comparam esta ação com a de um mercenário. Dizem que o medo do tormento é o caminho do escravo e o desejo de recompensa é o caminho do mercenário. Mas Deus quer que vamos a Ele como filhos; Ele deseja que o amor e o zelo nos impulsionem a nos comportarmos dignamente e a desfrutarmos da união perfeita com Ele em nossa alma e coração [52].

— Em vão você se exaurirá e se imporá às mais duras provas físicas e penitências; Se você não carrega constantemente Deus em seu espírito e a oração de Jesus em seu coração, você nunca estará a salvo de maus pensamentos; Você sempre estará pronto para pecar na menor oportunidade. Comece, então, irmão, a orar continuamente a oração de Jesus; Isso será fácil para você nesta solidão e em breve você verá o benefício desta oração. As ideias ímpias desaparecerão, enquanto a fé e o amor por Jesus Cristo serão revelados dentro de você. E você entenderá como os mortos podem ser ressuscitados, o que realmente é o Juízo Final e o que ele significa. E você encontrará tanta alegria e leveza em seu coração, que ficará maravilhado; e você não estará mais cansado ou perturbado por sua vida de penitência.

Então expliquei-lhe, da melhor maneira que pude, como ele deveria recitar a oração de Jesus de acordo com o mandamento divino e os ensinamentos dos Padres. Ele parecia não querer mais nada e seu constrangimento diminuiu. Depois, separando-me dele, entrei na velha cabana que ele me indicara.

OBRAS ESPIRITUAIS

Que alegria, meu Deus, e que conforto! Que encanto senti ao entrar naquela cabana, ou melhor, naquele túmulo! Parecia-me um lindo palácio cheio de alegria, e

disse a mim mesmo: Agora, neste silêncio e nesta paz, vamos trabalhar como Deus ordena e pedir ao Senhor que esclareça o meu espírito. E assim comecei a ler a Filocalia com muita atenção, do começo ao fim. Em pouco tempo terminei minha leitura e compreendi a sabedoria, a santidade e a profundidade deste livro. Mas como se trata de assuntos múltiplos, não consegui compreender tudo, nem reunir as forças do meu espírito no único ensinamento da oração interior para chegar à oração espontânea e contínua dentro do coração. E, no entanto, os meus desejos para isso eram grandes, segundo o mandamento divino transmitido pelo Apóstolo: Aspirar aos dons mais perfeitos [53]; e em outro lugar: Não extingais o Espírito [54]. Refleti em vão, pois não sabia o que fazer. Não tenho inteligência ou entendimento suficiente, nem ninguém para me ensinar. Vou cansar o Senhor com orações e talvez ele concorde em iluminar meu espírito. E assim passei um dia inteiro orando sem interromper minha oração por um momento. E aqui eu me vi, em sonhos, na minha cela o padre, que me explicou a Filocalia dizendo:

— Este livro sagrado é de grande sabedoria. É um misterioso tesouro de ensinamentos sobre os desígnios secretos de Deus. Este livro não está acessível em qualquer lugar nem para todos; mas contém máximas escritas para cada um: profundas para os espíritos profundos, e simples para os simples. Portanto, vocês, pessoas simples, não deveriam ler os livros dos Padres na ordem em que são colocados aqui. Esta é uma disposição de acordo com a teologia; Mas quem não está instruído e deseja aprender a oração interior na Filocalia, deve praticar a seguinte ordem: primeiro ler o livro do monge Nicéforo (na sua segunda parte); segundo, todo o livro de Gregório Sinai, exceto os capítulos mais curtos; terceiro, as três formas de oração de Simeão, o Novo Teólogo, e seu Tratado sobre a Fé; e quarto, o livro de Calixto e Inacio. Nestes textos qualquer pessoa pode encontrar o ensinamento completo da oração interior do coração. Se quiser um texto ainda mais inteligível, leia na quarta parte o modelo abreviado de oração de Calisto, patriarca de Constantinopla.

Eu, que estava com a Filocalia em mãos, procurava o trecho indicado sem conseguir encontrá-lo. O padre, virando algumas páginas, me disse:

— Vou te mostrar: aqui está.

— E pegando um pedaço de carvão do chão, fez um sinal na margem da página diante do trecho indicado. Escutei com muita atenção todas as palavras do padre e tentei registrá-las com firmeza e detalhes em minha memória.

Com isso acordei e como ainda era noite continuei deitado, lembrando de tudo que tinha visto em meus sonhos e repetindo o que o padre me contou. Então comecei a refletir. Deus sabe se é a alma do meu falecido padre que me aparece assim, ou se são as minhas próprias ideias que tomam forma, porque penso muito e por muito

tempo na Ficalia e no padre. Levantei-me nesta incerteza de espírito, porque o dia já estava chegando. E eis que na pedra que me serviu de mesa vejo a Filocalia aberta na página indicada pelos padre e marcada com traço de carvão, exatamente como no meu sonho; Até o carvão estava ao lado do livro. Fiquei chocado, lembrando que não havia deixado o livro ali na noite anterior, mas o fechei e coloquei ao meu lado antes de adormecer; e também lembrei que não havia nenhuma linha marcando aquela página. Todas estas coincidências deram-me fé na verdade da aparição e confirmaram-me na santidade da minha memória do padre. Comecei então a ler a Filocalia de acordo com a ordem que me foi indicada. Li uma vez, depois outra, e essa leitura inflamou meu zelo e meu desejo de ver tudo o que havia lido confirmado em ação. Descobri claramente o significado da oração interior e os meios para alcançá-la e os seus efeitos; Entendi o quanto isso alegria a alma e como é possível distinguir se essa felicidade vem de Deus, da natureza sã ou da ilusão.

E sobretudo procurei encontrar o lugar do coração, segundo os ensinamentos de São Simeão, o Novo Teólogo. Fechando os olhos, direcionei o olhar para o coração, tentando imaginá-lo localizado no lado esquerdo do peito e ouvindo suas batidas.

Pratiquei este exercício pela primeira vez durante meia hora, várias vezes ao dia. A princípio, não vi nada além de escuridão; mas logo meu coração apareceu e comecei a sentir seu movimento profundo; Mais tarde, consegui introduzir no meu coração a oração de Jesus e fazê-la fluir dele, segundo o ritmo da respiração, como ensinaram São Gregório Sinai, Calisto e Inácio. Para conseguir isso, olhei mentalmente para o meu coração, inspirei o ar e segurei-o no peito dizendo: “Senhor Jesus Cristo”, e exalei acrescentando: “tem piedade de mim”. No início pratiquei isto durante uma ou duas horas, depois apliquei-me a este exercício com cada vez mais frequência e, finalmente, ocupei-me com ele quase todo o dia. Quando me sentia pesado, cansado ou inquieto, lia imediatamente na Filocalia as passagens que tratam da atividade do coração, e logo renascia em mim o desejo e a vontade de orar. Depois de três semanas, senti uma dor no coração, e depois um calor agradável e uma grande sensação de conforto e paz. Isso me deu maior força para me exercitar na oração, para a qual se dirigiram todos os meus pensamentos, e comecei a sentir uma grande alegria. Daquele momento em diante, de vez em quando senti várias sensações novas no coração e no espírito. Às vezes era como uma agitação no coração e uma agilidade, liberdade e alegria tão grandes que me transformava e me via em êxtase. Às vezes, eu sentia um amor muito ardente por Jesus Cristo e por toda a criação divina. às vezes as lágrimas [55] Elas fluíam sem esforço da minha parte como um reconhecimento ao Senhor, que teve compaixão de mim, um pecador inveterado. Às vezes meu pobre e limitado espírito se enchia de tais luzes que eu entendia claramente coisas que antes eu nem poderia ter concebido. Às

vezes, o doce calor do meu coração espalhava-se por todo o meu ser e começava a sentir a presença do Senhor com grande emoção. E às vezes, finalmente, sentia uma alegria intensa e profunda ao pronunciar o nome de Jesus Cristo e compreendia o significado das suas palavras: O Reino de Deus está dentro de vós [56].

No meio destas consolações benéficas, comecei a ver que os efeitos da oração apareciam de três formas: no espírito, nos sentidos e na inteligência. No espírito, por exemplo, a doçura do amor de Deus, a tranquilidade interior, o arrebatamento do espírito, a pureza dos pensamentos, o esplendor da ideia de Deus; nos sentidos, o calor agradável do coração, a plenitude da doçura nos membros, o frêmito de alegria do coração, a leveza e o vigor da vida, a insensibilidade à dœnça e à dor; na inteligência, na iluminação da razão, na compreensão das Sagradas Escrituras, no conhecimento da linguagem da criação, no desapego das preocupações vãs, na consciência da suavidade da vida interior, na certeza da proximidade de Deus e do seu amor por nós [57].

Depois de cinco meses de solidão nestes trabalhos e nesta felicidade, estava tão habituado à oração do coração que a praticava ininterruptamente, e finalmente notei que era feita por si mesma, sem qualquer atividade da minha parte; Surgia no meu espírito e no meu coração não só quando estava acordado, mas também durante o sono, e não parou por um só momento.

Chegou a hora da derrubada das árvores, os lenhadores se reuniram e tive que deixar minha morada silenciosa. Depois de ter agradecido ao guarda e feito uma oração, beijei aquele canto de terra onde o Senhor se dignou manifestar-me tão claramente a sua bondade, joguei a bolsa nos ombros e fui embora. Caminhei muito tempo e viajei por muitas regiões antes de chegar a Irkutsk. A oração espontânea do meu coração confortou-me totalmente e nunca deixou de me alegrar, embora de maneiras diferentes; Em nenhum lugar, nem em nenhum momento, foi um impedimento para nada, e nada poderia diminuí-la também. Se trabalho, a oração opera sozinha no meu coração e realizo a minha tarefa com maior leveza; Se escuto ou leio algo com atenção, a oração não é interrompida, e sinto uma e outra ao mesmo tempo, como se estivesse desdobrado ou como se duas almas trabalhassem em meu corpo. Oh meu Deus, e como o homem é misterioso!...

O SALTO DO LOBO

Quão grandes são as tuas obras, ó Senhor: fizeste tudo com sabedoria [58]. Nas minhas peregrinações encontrei casos muito extraordinários. Se eu tivesse que narrá-los todos, levaria muitos dias. Vou te contar uma coisa: numa tarde de inverno eu caminhava sozinho por uma floresta com a intenção de passar a noite duas verstas à frente, em uma pequena cidade que já estava à vista. De repente, um grande lobo saltou sobre mim. Eu tinha na mão o rosário de lã do meu padre que,

como sempre, levava comigo, e com este rosário fiz fugir a fera. E você vai acreditar? O rosário escorregou das minhas mãos e ficou pendurado no pescoço do lobo. Recuou instantaneamente e, saltando por entre os arbustos, ficou preso pelas patas traseiras nos espinhos, enquanto o rosário ficou preso no galho de uma árvore seca; O lobo lutou com todas as suas forças, mas não conseguiu se libertar porque o rosário pressionava sua garganta. Com muita fé fiz o sinal da cruz e corri para libertar o lobo, temendo sobretudo que ele arrancasse o rosário e fugisse com um objeto que tanto valorizava. Mal tinha me aproximado e colocado a mão no rosário quando o lobo, de fato, o quebrou e começou a correr com toda a leveza das patas. Dando graças ao Senhor e lembrando do meu bem-aventurado padre, cheguei em segurança à cidade: fui até a pousada e pedi hospedagem. Entrei na casa, onde dois viajantes estavam sentados à mesa; Um já era velho e o outro era maduro e corpulento. Perguntei ao camponês que guardava seus cavalos quem eram eles, e ele respondeu que o velho era professor e o outro era escrivão do juiz de paz. Ambos eram de origem nobre e eu os levei para as belas vinte verstas daqui.

Depois de ter descansado um pouco, pedi agulha e linha à senhoria, aproximei-me da luz e comecei a costurar meu rosário. O atendente olhou para mim e disse:

— Você deve ter rezado muito para quebrar o rosário.

— Não fui eu quem quebrou, mas um lobo...

-Como! Então até os lobos oram? — respondeu o atendente, rindo.

Contei-lhes então detalhadamente o que me tinha acontecido e disse-lhes a estima que tinha por este rosário. O balconista riu e disse:

— Para vocês, pessoas crédulas, sempre existem milagres. O que você considera misterioso no que disse? Você simplesmente jogou um objeto nele, o lobo ficou com medo e fugiu. Cães e lobos sempre têm medo dos objetos que são atirados contra eles; e o fato de suas patas terem ficado emaranhadas na vegetação rasteira não é nada especial. Portanto, não devemos acreditar que tudo o que acontece no mundo é um milagre.

Então o professor começou a discutir com ele:

— Não fale assim, senhor: o senhor não entende muito desses assuntos. Eu, pelo menos, vejo na história deste camponês um duplo mistério, sensível e espiritual.

— Como o professor entendeu isso? — perguntou o atendente.

— Escute-me: mesmo que você não tenha uma educação muito profunda, certamente estudou a história sagrada através de perguntas e respostas, que são publicadas para escolas. Você se lembra que quando o primeiro homem, Adão,

estava no estado de inocência, todos os animais estavam sujeitos a ele; eles se aproximaram dele sem medo e ele deu nome a cada um. O padre ao qual pertencia este rosário era santo; E o que é a santidade: nada mais é do que a ressurreição, no homem pecador, do estado de inocência do primeiro homem graças aos seus esforços para adquirir as virtudes. A alma santifica o corpo. O rosário esteve incessantemente nas mãos de um santo; Pois bem, através do contato contínuo com seu corpo, este objeto foi penetrado por uma força sagrada, a força do estado de inocência do primeiro homem. Aqui está o mistério da natureza espiritual... Essa força é sentida naturalmente por todos os animais, principalmente através do sentido do olfato, já que o olfato é o órgão essencial dos sentidos do animal. Aqui está o mistério da natureza sensível...

— Para vocês, sábios, só existem forças e histórias desse tipo; Mas a gente vê as coisas de outro ponto de vista: servir um copo de bebida e despejar no estômago, é isso que dá força e vigor”, disse o balconista, e caminhou em direção ao armário.

“Diga o que quiser”, respondeu o professor, “mas pelo menos não tente negar o que aqueles que sabem mais do que você acreditam”.

Gostei muito das palavras do professor; e então me aproximei dele e disse:

— Permita-me contar-lhe algo sobre meu padre.

Expliquei-lhe como ele me apareceu em sonho e como, depois de me ensinar, fez uma marca de carvão na Filocalia. A professora ouviu minha história com atenção. Mas o balconista estava resmungando, deitado num banco.

— Agora vejo claramente que há pessoas que enlouquecem por estarem sempre com o nariz enfiado na Bíblia. Tudo o que você precisa fazer é ver e ouvir esse bom homem. Quem será o bicho-papão que vem à noite manchar seus livros com carvão? Certamente você deixou cair seu livro no chão enquanto dormia e o resíduo das cinzas o manchou... Foi nisso que consistiu todo o seu milagre. Oh, esses míopes! Se não conhecêssemos você e toda a sua irmandade!

Depois de ter falado isso, virou-se para a parede e adormeceu. Ao ouvir essas palavras, inclinei-me para o professor e disse:

— Se quiser, vou te mostrar o livro que tem essa marca e não algum resíduo de cinza.

Tirei a Filocalia da bolsa e mostrei para ele dizendo:

— Nunca poderei entender que seja possível uma alma desencarnada pegar um pedaço de carvão e escrever...

O professor olhou para a placa no livro e disse:

— Este é o mistério dos espíritos. E eu quero explicar para você:

Quando os Espíritos aparecem ao homem em forma corpórea, eles formam seu corpo visível de luz e ar, utilizando para isso os elementos de que foi feito seu corpo mortal. E como o ar é dotado de elasticidade, a alma que dele se reveste é dotada do poder de agir, de escrever, de tomar posse dos objetos. Mas que livro é esse que você tem em mãos? Deixe-me ver.

Ele o abriu e encontrou o tratado de Simeão, o Novo Teólogo.

— Este deve ser, sem dúvida, um livro teológico. Não o conheço.

— Este livro, antigo, contém quase apenas o ensinamento da oração interior do coração em nome de Jesus Cristo; Esse ensinamento é explicado aqui em todos os seus detalhes por vinte e cinco Padres.

— A oração interior? “Eu sei o que é”, respondeu o professor.

Curvei-me profundamente diante dele e implorei-lhe que me dissesse algumas palavras sobre a oração interior.

- Muito bem. Está escrito no Novo Testamento que o homem e toda a criação estão sujeitos à vaidade apesar de si mesmos, e que todas as coisas suspiram e tendem para a liberdade dos filhos de Deus [60]: este misterioso movimento da criação, este desejo inato das almas é precisamente a oração interior. Não é possível aprendê-lo, porque está em tudo e em todos...

— Mas como adquiri-lo, descobri-lo e senti-lo no coração? Como tomar consciência disso e aceitá-lo voluntariamente, fazer com que opere ativamente, alegrando, iluminando e salvando a alma? - perguntei-lhe.

“Não sei se os tratados teológicos falam sobre isso”, respondeu o professor.

— Sem dúvida sim; porque aqui está tudo escrito - respondi...

O professor pegou uma caneta e anotou o título da Filocalia e disse:

— Vou encomendar este livro em Tobolsk e quero lê-lo.

E sem mais palavras, nos separamos. Ao sair, agradei a Deus pela minha conversa com aquele homem e orei ao Senhor para conceder ao escriba a graça de ler algum dia a Filocalia e compreender o seu significado para o bem da sua alma.

A JOVEM DA VILA

Noutra ocasião, na primavera, cheguei a uma pequena cidade e parei na casa do padre. Este era um homem excelente que morava sozinho. Passei três dias na casa dele. Depois de me examinar naqueles dias, ele me disse:

— Fique comigo e eu te pagarei um salário, porque preciso de um homem de confiança. Você já viu que uma nova igreja de pedra está em construção ao lado da antiga que é de madeira. Não me é possível encontrar um homem de consciência que vigie os trabalhadores e esteja na capela a recolher esmolas para a construção; Vejo que você seria adequado para isso e que esse tipo de vida seria muito adequado para você. Você pode ficar sozinho na capela para orar e pedir a Deus, pois nela há um lugar solitário para passar o dia. Por favor, fique, pelo menos até a igreja terminar.

Resisti o máximo que pude, mas no final tive que ceder aos apelos urgentes do padre. Então fiquei até o outono e me instalei na capela. No início tive bastante paz de espírito e pude exercitar-me na oração; Mas especialmente nos feriados, muitas pessoas vinham, algumas para rezar, outras para bocejar e outras para roubar algumas moedas do prato de coleta. E enquanto eu lia a Bíblia ou a Filocalia, alguns visitantes conversavam comigo, e outros me pediam para fazer uma pequena leitura para eles.

Depois de algum tempo, observei que uma jovem do local vinha frequentemente à capela e ali permanecia por muito tempo orando. Ao prestar atenção no que ele estava orando, ouvi que ele fazia orações muito estranhas, e até algumas completamente desfiguradas. Perguntei-lhe quem lhe havia ensinado essas coisas. E ele me respondeu que sua mãe era ortodoxa, enquanto seu pai era cismático [61], da seita "sem sacerdote". Achei muito triste esta situação e aconselhei-o a recitar as orações corretamente, segundo a tradição da Santa Igreja. Ensinei-lhe o Pai Nosso e a Ave Maria. Finalmente eu disse a ele:

— Reze acima de tudo a oração de Jesus; Ela nos aproxima mais de Deus do que todas as outras orações e através dela você alcançará a salvação de sua alma.

O jovem me ouviu com atenção e se comportou com toda simplicidade de acordo com meus conselhos. E você vai acreditar? Pouco tempo depois, ele me anunciou que estava acostumado com a oração de Jesus e que sentia vontade de repeti-la incessantemente sempre que possível. Quando rezava, sentiu alegria e finalmente uma grande alegria, bem como o desejo de continuar a rezar. Tudo isso me deixou muito feliz e o aconselhei a continuar orando cada dia mais, invocando o nome de Jesus Cristo.

O verão estava chegando ao fim. Muitos dos visitantes da capela vieram visitar-me, não só para pedir conselhos ou uma leitura, mas para me contarem as suas dificuldades familiares e até para me perguntarem como encontrar os objetos perdidos; Sem dúvida, muitos me consideravam um vidente. E aqui, num dia desses, veio a jovem, cheia de amargura, perguntar-me o que deveria fazer. Seu pai queria casá-la contra sua vontade com um cismático como ele e o oficiante seria um

camponês. “Este é um casamento legal?”, exclamou a pobre mulher; Isso não passa de pura devassidão! Eu quero fugir para qualquer lugar. Eu respondi:

— Para onde você fugirá, que não te encontrarão logo? Nestes tempos, você não poderá se esconder em lugar nenhum, pois falta toda a documentação; Eles encontrarão você facilmente. É melhor orar a Deus com fervor e zelo para frustrar os propósitos de seu pai em seus caminhos e para proteger sua alma do pecado e da heresia. Isso é sempre melhor do que sua ideia de fuga.

O tempo passou. O barulho e as distrações estavam se tornando cada vez mais dolorosos para mim. E finalmente, no final do verão, decidi sair da capela e voltar a peregrinar como antes. Apresentei-me ao padre e disse:

— Meu pai, você conhece meu jeito de ser. Preciso de tranquilidade para orar e aqui não encontro nada além de barulho e distrações. Já cumpri o que você me pediu, ficando o verão todo; Agora, deixe-me seguir meu caminho e abençoe meu caminho solitário.

O padre não quis me deixar ir e tentou me convencer até com um discurso:

— O que pode impedi-lo de orar neste lugar? Você não tem outro negócio senão permanecer na capela e encontra a mesa posta. Continue a orar aqui dia e noite, se quiser, e viva com Deus. Você é valioso e útil aqui; Você não fala bobagens com os visitantes, você é fiel e honesto e também garante certas esmolas à igreja de Deus. Isto é melhor aos olhos do Senhor do que a sua oração solitária. Por que viver sozinho o dia todo? Entre o povo a oração é feita com muito mais alegria. Deus não criou o homem para que apenas conhecesse a si mesmo, mas para que cada pessoa pudesse ajudar o próximo, comunicando a salvação uns aos outros, de acordo com as capacidades de cada um. Vejam os santos e os doutores ecumênicos: dia e noite estavam em movimento e preocupados com a Igreja, pregavam em todo o lado e não se escondiam na solidão dos irmãos.

— Cada um recebe de Deus o dom que mais lhe convém, meu pai: muitos pregavam às multidões e muitos outros viviam na solidão. Cada um agiu conforme sua inclinação, acreditando que era o caminho da salvação que o próprio Deus lhe indicava. Pois como explicareis que tantos santos rejeitaram todas as dignidades e honras da Igreja, fugindo para o deserto, para não serem tentados no mundo? Assim abandonou Santo Isaac, o Sírio, os seus fiéis, e o bem-aventurado Atanásio, o Atonita [62], abandonou o seu mosteiro: eles consideravam estes lugares demasiado sedutores e acreditavam verdadeiramente nas palavras de Jesus Cristo: Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se ele perder a alma? [63].

“Mas aqueles eram grandes santos”, respondeu o padre.

“Se os santos eram tão cuidadosos em evitar o contato com os homens”, respondi, “o que um miserável pecador não deveria fazer?”

Finalmente me despedi daquele bom padre e nos despedimos afetuosamente.

Depois de caminhar dez verstas, parei para passar a noite em uma pequena aldeia. Havia lá um camponês que estava doente de morte. Aconselhei a sua família a fazê-lo comungar dos santos mistérios de Cristo e, ao amanhecer, foram à cidade em busca do sacerdote. Fiquei ali para me curvar diante dos Santos Dons e rezar durante a administração de tão grande sacramento. Eu estava sentado num banco em frente da casa esperando o padre chegar, quando de repente vi aquela jovem que tinha visto rezando na capela vindo correndo em minha direção.

- Como você chegou aqui? - perguntei-lhe.

— Acontece que na minha casa já estava tudo preparado para me casar com o cismático, e eu fugi.

E então, jogando-se aos meus pés, ele me implorou:

- Tenha compaixão de mim! Leve-me com você e leve-me para um convento; Não quero me casar, mas sim morar no convento rezando a oração de Jesus. Eles vão ouvir você e me receber.

- O que dizes? Para onde queres que te leve, se não conheço nenhum convento por aqui? Ou como posso levá-la comigo sem ter, como você não tem, passaporte? Nestas condições não lhe será possível parar em lado nenhum; Eles vão fazer você voltar para casa e puni-la por ser uma vagabunda. É melhor você ir para casa e orar a Deus; e se não quiser se casar, finja alguma incapacidade. Isto é chamado de ficção piedosa; Assim fez a santa mãe de Clemente, a bem-aventurada Marina [64], que se santificou num mosteiro de homens, e muitos outros.

Enquanto conversávamos dessa maneira, vimos quatro camponeses chegarem em uma carroça galopando em nossa direção. Tomando posse da jovem, obrigaram-na a entrar no carro e mandaram-na na frente com um deles; os outros três amarraram-me de mãos dadas e levaram-me de volta ao local onde passei o verão. A todas as minhas explicações, eles responderam veementemente:

— Vai com o santo esse! Vamos te ensinar como seduzir garotas!

Ao anoitecer, levaram-me para a prisão, colocaram-me grilhões nos pés e prenderam-me para ser julgado na manhã seguinte. O padre, ao saber que eu estava preso, veio me visitar, trouxe-me comida, consolou-me e disse-me que se encarregaria da minha defesa e declararia, como confessor, que eu estava longe de ter as intenções que me queria atribuir. Ele passou um tempinho comigo e foi embora.

Ao anoitecer, o reitor da jurisdição passou por aquele lugar e lhe contaram o que estava acontecendo. Ele deu ordem para convocar a assembleia comunal e me levar à casa da justiça. Ao entrar, ficamos parados, esperando. Neste ponto o reitor chegou pronto para prosseguir imediatamente. Ele sentou-se na plataforma, guardando o chapéu, e gritou:

— Vejamos, Epifânio: essa jovem, sua filha, não levou nada da sua casa?

- Nada senhor.

"Ela não fez alguma beleza com esse idiota?"

— Nenhuma, senhor.

— Então o assunto está encerrado e julgado, e decidimos:

Com sua filha, organize-se como achar melhor; Pediremos a este canalha que saia daqui, depois de lhe ter dado uma boa correção, para que nunca mais ponha os pés nesta cidade. E acabou.

E sem dizer mais nada, o reitor levantou-se e foi dormir. Eles me devolveram à prisão. No dia seguinte, bem cedo pela manhã, dois lavradores [65] vieram e me deram boas surras e depois me libertaram. Afastei-me, agradecendo a Deus que me permitiu sofrer em seu nome. Tudo isso me encheu de grande conforto e me incentivou cada vez mais a orar.

Esses acontecimentos não me causaram a menor angústia. Parecia que estavam acontecendo com outra pessoa e eu era apenas um espectador; e isso mesmo quando eles estavam me espancando. A oração, que encheu meu coração de alegria, não me permitiu prestar atenção em nada. Depois de percorrer quatro verstas, encontrei a mãe da jovem, que voltava do mercado. Ele parou e me disse:

—O namorado da garota nos deixou. Ele ficou com raiva de Akulka [66], tudo por ter saído de casa.

Então ele me deu um pouco de pão e um bolo, e eu continuei meu caminho.

O tempo estava seco e não tive vontade de dormir na cidade. Nisso vi duas pilhas de feno na floresta e fui até elas passar a noite. Adormeci e comecei a sonhar que estava na estrada, lendo os capítulos de Santo Antônio Magno [67] na Filocalia. apareceu Nisso, o padre e me disse: "Não é isso que você tem que ler"; e ele me indicou o capítulo trinta e cinco de João dos Cárpatos [68], onde está escrito: "...às vezes o discípulo é exposto à desonra, mas ele suporta essas provações por aqueles a quem ajudou espiritualmente." E também me indicou o capítulo quarenta e um onde se diz: "... todos aqueles que se dedicam com mais ardor à oração estão mais expostos a tentações terríveis e muito fortes".

Então ele me disse:

— Anime-se e nunca perca a coragem! Não esqueçais as palavras do Apóstolo: Maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo [69]. Agora você viu por experiência própria que não há tentação que esteja além da força do homem. Porque Deus proporcionará sucesso com a tentação para que você possa resistir a ela [70]. Pela esperança na ajuda do Senhor foram sustentados os santos, que não passaram a vida apenas orando, mas procuraram, por amor, ensinar e dar luz aos outros. Vejamos o que diz a este respeito São Gregório de Tessalónica [71]: «Não basta rezar incessantemente segundo o mandamento divino, mas devemos expor este ensinamento a todos: monges, leigos, inteligentes ou simples, homens, mulheres ou crianças, para despertar neles o zelo pela oração interior. o beato Calixto Teicoudas: Da mesma forma se expressa “A atividade espiritual (isto é, a oração interior)”, escreve ele, “o conhecimento contemplativo e os meios de elevação da alma não devem ser guardados para si, mas antes que deve ser comunicada através da escrita ou da fala, a fim de buscar o bem e o amor de todos. E a Palavra de Deus declara que o irmão a quem seu irmão ajuda é como uma cidade alta e fortificada [73]. Em todas estas coisas devemos fugir da vaidade com todas as forças da alma, e estar vigilantes para que a boa semente dos ensinamentos divinos não seja levada pelo vento.

Quando acordei, senti uma grande alegria no coração e um vigor muito renovado na alma. E sem mais delongas continuei meu caminho.

CURAS MARAVILHOSAS

Algum tempo depois, tive mais uma aventura. Vou te contar se você não achar isso chato.

Um dia, 24 de março, senti uma grande necessidade de comungar com os Santos Mistérios de Cristo no dia consagrado à Mãe de Deus em memória da sua divina Anunciação. Perguntei se havia alguma igreja naquela região e eles me disseram que havia uma a trinta verstas de distância.

Parti andando o resto do dia e a noite toda para chegar à hora das matinas. O tempo estava muito mau: às vezes nevava, às vezes chovia e soprava também um vento violento e frio. O percurso atravessava um riacho; e eu estava dando os primeiros passos quando o gelo quebrou sob meus pés. Caí na água até a cintura e cheguei todo encharcado às Matinas, que ouvi, e também à Missa, durante a qual Deus me permitiu comungar.

Para passar o dia em paz, sem que nada perturbasse minha alegria espiritual, pedi ao guarda que me permitisse ficar na guarita até o dia seguinte. Passei este dia em meio a uma alegria indescritível e paz de coração; Deitado num banco daquela

cabana fria, senti-me tão bem como se estivesse descansando no seio de Abraão; a oração funcionou de forma eficaz. O amor a Jesus Cristo e à Santa Mãe de Deus percorreram meu coração em ondas benéficas e fez minha alma mergulhar num êxtase cheio de consolação. Ao cair da noite, de repente senti uma dor violenta nas pernas e lembrei-me de que as tinha molhado. Mas, rejeitando esta distração, concentrei-me novamente na oração e não senti mais o mal. Quando tentei me levantar de manhã, era impossível mover as pernas, que estavam fracas e macias como algodão. O guarda me jogou do banco no chão e fiquei lá dois dias porque não conseguia me mexer. No terceiro dia, o guarda me expulsou do quartel dizendo:

— Se você morrer aqui, ainda teremos o trabalho de correr e cuidar de você.

Rastejando com as mãos, consegui chegar aos degraus da igreja e lá estava eu, deitado no chão. As pessoas que passavam não prestavam a menor atenção em mim ou nos meus pedidos.

Até que finalmente um agricultor se aproximou de mim e começou a conversar comigo. Depois de algumas palavras ele veio dizer:

— O que você vai me dar se eu te curar? Eu tive exatamente a mesma coisa que você e conheço um remédio. — Respondi que não tinha nada para dar a ele —. O que você tem no seu alforje então?

— Só tenho pão seco e alguns livros.

— Bom, então me dê sua palavra de que trabalhará na minha casa durante o verão, se você melhorar.

— Eu também não posso trabalhar. Você não vê que só tenho um braço que pode me ajudar?

— O que você sabe fazer então?

— Nada, exceto ler e escrever.

— Ah! Com o que você sabe escrever? Bem; então você pode ensinar meu filho a escrever; Ele sabe ler um pouco, mas quero que aprenda a escrever. Mas os professores pedem muito: vinte rublos para aprender toda a escrita.

Chegamos então a um acordo e, com a ajuda do guarda, transportaram-me para a casa do camponês, onde me colocaram numa velha casa de banho [74] atrás da cerca.

O camponês começou a me curar: juntou no campo, no curral e nas lixeiras um grande pote com ossos velhos de animais, pássaros e quaisquer outros vermes; Lavou-os, partiu-os em pedaços muito pequenos com uma pedra e colocou-os numa panela grande; Ele cobriu-o com uma tampa que tinha um buraco no centro e

despejou tudo em um recipiente que havia colocado bem fundo no chão. Ele untou cuidadosamente o fundo da chaleira com uma espessa camada de terra argilosa e cobriu-a com troncos que deixou queimar por mais de vinte e quatro horas. Ao colocar as toras ele disse: “Tudo isso vai formar um alcatrão de ossos”. No dia seguinte, desenterrou o recipiente, no qual havia sido depositado pelo buraco da tampa cerca de um litro de um líquido espesso, avermelhado e oleoso, com cheiro de carne fresca. Os ossos que ficaram na panela, pretos e podres como estavam, agora tinham uma cor tão branca e transparente quanto madrepérola ou pérolas. Cinco vezes por dia esfreguei minhas pernas com esse líquido. E você vai acreditar? No dia seguinte, percebi que conseguia mexer os dedos; No terceiro dia, eu consegui dobrar as pernas; e no quinto eu conseguia ficar de pé e andar pelo quintal com a ajuda de uma bengala. Depois de uma semana, minhas pernas voltaram ao normal. Agradei a Deus e disse para mim mesmo: a sabedoria de Deus pode ser vista em suas criaturas. Ossos secos ou podres, prontos para se transformarem em terra, retêm em si uma força vital, uma cor e um cheiro, e exercem uma ação sobre os corpos vivos, aos quais são capazes de devolver a vida. Isso tudo é prova sobre a futura Ressurreição. Com que prazer eu teria dado a conhecer todas estas coisas ao guarda florestal em cuja casa vivi, que duvidava da ressurreição dos corpos!

Recuperada a saúde, como já foi dito, comecei a cuidar da criança. Escrevi como modelo a oração de Jesus e fiz com que ele a copiasse, ensinando-lhe a formar as letras com arte. Tal ocupação era muito confortável para mim, pois o menino servia durante o dia na casa do prefeito, e só vinha me procurar enquanto dormia, ou seja, bem cedo pela manhã. O menino era inteligente e logo aprendeu a escrever quase corretamente.

O prefeito, vendo-o escrever, perguntou-lhe:

— Quem é quem te dá aulas de redação?

O menino respondeu que era o peregrino maneta que morava na casa do pai, no antigo banheiro. O prefeito, curioso - era polonês - veio me ver e me encontrou quando eu estava começando a ler a Filocalia. Ele conversou comigo por alguns momentos e me disse:

— O que você lê aí?

Mostrei-lhe o livro.

— Ah, é a Filocalia! - disse -. Vi esse livro na casa do nosso padre, quando morava em Vilnius. Mas ouvi dizer que contém fórmulas de orações muito estranhas, inventadas por alguns monges gregos a exemplo dos fanáticos da Índia e de Bukhara, que inflam os pulmões e acreditam tolamente, assim que começam a

sentir uma certa sensação no coração., que esta sensação natural é uma oração feita pelo próprio Deus. Você deve orar com toda simplicidade, para cumprir seus deveres para com Deus; Ao se levantar, você deve rezar o Pai Nosso como Jesus Cristo ensina, e isso é suficiente para o dia inteiro. Mas se você repetir sempre a mesma coisa, existe o perigo de enlouquecer e contrair doenças cardíacas.

— Não fale assim deste livro sagrado, porque não foram quaisquer monges gregos que o escreveram, mas alguns personagens antigos e sagrados que a sua Igreja também venera, como Antônio, o Grande, Macário, o Grande [75], Marcos o Asceta [76], Juan Crisóstomo e outros. Os monges da Índia e de Bukhara imitaram a sua técnica de oração, mas desfiguraram-na e estragaram-na, segundo o que o meu padre me contou. Na Filocalia, todos os ensinamentos são retirados da Palavra divina, da Bíblia Sagrada, na qual, Jesus Cristo, ao mesmo tempo em que ordenou que se rezasse o Pai Nosso, ensinou que era preciso orar sem cessar, dizendo: Você amará o Senhor Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma e com toda a sua mente [77]; vigie e ore [78] permaneça em mim e eu em você [79]. E os Santos Padres, citando o testemunho do Rei Davi nos Salmos: Provai e vede quão bom é o Senhor [80], interpretam-no como dizendo que o cristão deve esforçar-se muito para conhecer a doçura da oração, que deve procurar consolação em todas as vezes. e não se contentar em dizer o Pai Nosso apenas uma vez. Ouça e lerei para você o que dizem os Padres sobre aqueles que não se preocupam em estudar a oração beneficente do coração. Eles declaram que tais pessoas cometem um pecado triplo; porque: 1º., contradizem as Sagradas Escrituras; 2º., não admitem que exista um estado superior e perfeito para a alma. Contentando-se com as virtudes externas, permanecem ignorantes da fome e da sede de justiça e privam-se da bem-aventurança de Deus; e 3º., considerando suas virtudes externas, muitas vezes caem na auto-satisfação e na vaidade.

— O que você leu é muito alto, disse o prefeito; Mas nós, leigos, como poderíamos seguir por um caminho tão elevado?

— Olhe, vou ler para você quantos homens bons conseguiram, em sua condição de leigos, aprender a oração incessante e nunca interrompida. Abri a Filocalia sobre o tratado de Simeão, o Novo Teólogo, sobre o jovem George [81] e comecei a ler.

O prefeito gostou da leitura e me disse:

— Dê-me este livro e eu o lerei no meu tempo livre.

— Se quiser, empresto-o por um dia, mas não por mais, porque o leio sem parar e é-me impossível passar sem ele.

— Mas pelo menos você pode copiar essa passagem para mim; Faça isso e eu lhe darei algum dinheiro.

— Não preciso do seu dinheiro; mas vou copiá-lo para você de boa vontade, esperando que Deus lhe dê zelo pela oração.

Sem perder tempo, apresentei uma cópia do trecho que havia lido para ele. Ele leu para sua esposa e ambos acharam muito interessante e bonito. Daquele dia em diante, eles me chamaram de vez em quando. Fui até a casa deles com a Filocalia e lhes dei algumas leituras, que ouviram enquanto tomavam chá. Um dia, eles me convidaram para almoçar. A esposa do prefeito, uma senhora muito gentil, estava comendo peixe grelhado quando, de repente, engoliu uma espinha. Apesar de todos os nossos esforços, foi impossível retirá-la; A senhora sofreu muito com a garganta e depois de duas horas teve que ir para a cama. Mandaram chamar o médico, que morava a trinta verstas de distância, e voltei para casa triste.

Durante a noite, enquanto dormia levemente, de repente ouvi a voz do meu padre, sem ver ninguém. A voz me disse:

— Seu chefe te curou e você não pode fazer nada pelo prefeito? Deus nos ordenou que sentíssemos pena dos males de nossos vizinhos.

— Eu ficaria feliz em ajudá-lo, mas como devo fazer isso? Não conheço nenhum remédio.

— É isso que você tem que fazer: aquela senhora sempre teve um grande desgosto pelo óleo de rícino, cujo simples cheiro lhe dá náuseas. Vá, então, e dê-lhe uma boa colherada desse óleo; Com isso a senhora vomitará, a espinha sairá e o óleo também amolecerá a ferida na garganta e ela sarará.

— E como posso fazê-la tomar o óleo, se ele sente tanto horror por isso?

— Peça ao prefeito para manter a cabeça sob controle e force o líquido em sua boca.

Acordei e fui imediatamente à casa do prefeito, a quem contei tudo detalhadamente. Ele me respondeu:

— Não sei para que serve o seu óleo. Minha esposa já está com febre e delirando, e o pescoço está muito inchado. Mas se quiser experimentar o seu remédio, você pode fazê-lo; Se o óleo não fizer bem, também não fará mal.

O prefeito derramou óleo de rícino em um copo pequeno e finalmente conseguimos fazê-la engoli-lo. Imediatamente ela vomitou fortemente e jogou fora a espinha [82] com um pouco de sangue; Ele se sentiu melhor e adormeceu profundamente.

Na manhã seguinte voltei para ver como iam as coisas e encontrei ela e o marido tomando chá; Fiquei muito surpreso com a cura dela e principalmente com o que me contaram em sonhos sobre a repugnância dela pelo óleo de mamona, porque

nunca haviam conversado sobre isso com ninguém. Nesse momento chegou o médico; O prefeito contou-lhe como ela havia sido curada e eu contei-lhe como o fazendeiro curou minhas pernas. O médico declarou que não havia nada de surpreendente em nenhum dos casos, pois uma força da natureza interveio em ambas as ocasiões.

"Mas", acrescentou ele, "vou anotá-los para não esquecer." — Ele tirou uma caneta do bolso e escreveu algumas linhas em seu caderno.

Muito em breve se espalhou o boato de que eu era um vidente, curandeiro e bruxo; De todos os lugares vieram me ver para me consultar, trouxeram-me presentes e começaram a me venerar como um santo. Depois de uma semana, comecei a refletir sobre o caso e tive medo de cair na vaidade e na dissipação. Na noite seguinte, deixei secretamente a aldeia.

LEGADO PARA IRKUTSK

Assim me vi caminhando novamente pela estrada solitária e me senti tão leve como se uma montanha pesada tivesse caído de meus ombros. A oração me consolava cada vez mais. Às vezes meu coração fervia de amor infinito por Jesus Cristo; e essa fervura maravilhosa correu em ondas benevolentes por todo o meu ser. A imagem de Jesus Cristo ficou tão fortemente impressa no meu espírito que, quando pensava nos fatos do Evangelho, parecia-me que os contemplava com os meus próprios olhos. Isso me comoveu e chorei de alegria, e em algum momento senti tanta felicidade em meu coração que não consigo descrever. Às vezes, ficava três dias longe das pessoas e das casas, e como em êxtase me sentia sozinho na terra, um miserável pecador diante do Deus misericordioso e amigo dos homens. Esta solidão era a minha felicidade, e a doçura da oração era muito mais sensível para mim do que a convivência com os homens.

Finalmente cheguei em Irkutsk. Depois de me prostrar diante das relíquias de Santo Inocência, perguntei-me para onde iria a seguir. Não queria ficar muito tempo na cidade, pois era muito populosa. E então eu estava andando e pensando sobre essas coisas. De repente encontrei um comerciante do interior, que me parou e disse:

— Você é um peregrino. Por que você não vem comigo para minha casa?

Chegamos à sua rica morada. Ele me perguntou quem eu era e contei-lhe sobre minha viagem e aventuras. A isso ele respondeu:

— Você deveria ir para a antiga Jerusalém. Há uma santidade ali que não é encontrada em nenhum outro lugar.

“Eu iria para lá de boa vontade”, respondi; mas a viagem é muito cara e não tenho dinheiro para pagá-la.

“Se lhe parecer bom, vou lhe mostrar uma maneira de fazer isso”, disse o comerciante; Ano passado mandei um amigo nosso para lá.

Caí a seus pés e ele me disse:

— Olha, vou te dar uma carta para um dos meus filhos, que está em Odessa e faz negócios com Constantinopla; ali, em seus escritórios, pagarão sua viagem a Jerusalém. Não é tão caro quanto você imagina.

Estas palavras encheram-me de alegria; Agradei com entusiasmo a este benfeitor e sobretudo entreguei-os a Deus, que demonstrou tanto amor paterno para comigo, pecador inveterado, que não fazia bem a Ele nem aos outros e comia inutilmente o pão dos outros.

Fiquei três dias na casa deste generoso comerciante. Ele me deu uma carta para seu filho e eu fui para Odessa na esperança de chegar à cidade santa de Jerusalém, mas sem saber se o Senhor permitiria que eu me ajoelhasse diante de seu túmulo vivificante.

TERCEIRO RELATO

Antes de partir de Irkutsk, voltei para visitar o pai espiritual com quem já havia conversado várias vezes e disse-lhe:

— Estou prestes a partir para Jerusalém; Vim despedir-me de ti e agradecer-te pela caridade que me demonstraste, miserável peregrino.

Ele me respondeu:

— Que Deus abençoe seu caminho. Mas você não disse nada sobre você: quem você é e de onde vem. Ouvi muitas histórias de suas viagens e gostaria de saber algo sobre suas origens e sua vida até o momento em que você começou sua vida errante.

— Quero de boa vontade dar-lhe prazer no que você me pede, respondi; Além disso, não demora muito para contar.

A VIDA DO PEREGRINO

Nasci numa pequena cidade da província de Orel. Quando meus pais morreram, restavam apenas dois de nós, meu irmão mais velho e eu. Ele tinha dez anos, eu tinha apenas três. Nosso avô nos levou para sua casa para nos educar; Ele era um velho honrado e de boa reputação; Ele tinha uma pousada à beira da estrada real e, como era uma pessoa muito boa, muitos passageiros paravam em sua casa. Então

fomos morar com ele. Meu irmão ficava muito inquieto e corria pela cidade o dia todo, enquanto eu quase nunca saía da casa do meu avô. Nos feriados ele nos levava à igreja e em casa lia frequentemente a Bíblia, a mesma que carrego comigo. Meu irmão cresceu e começou a beber. Eu tinha sete anos. Um dia, quando estávamos ambos deitados no fogão [83], ele me deu um empurrão e me derrubou. Machuquei meu braço esquerdo e desde então não consigo usá-lo; Parecia seco para mim.

Meu avô, vendo que não seria possível me empregar no trabalho de campo, resolveu me ensinar a ler e, como não existiam alfabetos, usou esta Bíblia para isso. Ele me ensinou as letras e depois me forçou a soletrar as palavras e depois a escrever as letras. Então, ao repetir com ele, acabei sabendo ler. Mais tarde, quando ele não conseguia mais ver muita coisa, ele me fazia ler a Bíblia em voz alta e me corrigia. Um tabelião que tinha uma caligrafia muito bonita passava muitas vezes em nossa casa e eu gostava muito de ver como ele escrevia. Comecei a formar palavras fazendo exatamente o que o vi fazendo. Aí ele me disse como fazer, me deu papel e tinta e cortou penas para mim. Então, aos poucos, aprendi a escrever. Isto agradou muito ao meu avô e ele me disse:

— Você vê que Deus lhe concedeu saber letras; então você se tornará um homem. Agradeça a Deus e ore a ele com mais frequência.

Íamos à igreja em todas as missas e também orávamos frequentemente em casa. Fizeram-me repetir: “Tem piedade de mim, Senhor”; e o avô e a avó curvaram-se no chão ou ajoelharam-se. Foi assim que cheguei aos dezessete anos, quando minha avó faleceu. Meu avô me disse:

— Você vê que estamos sem patrão em casa, e como podemos viver sem esposa? Seu irmão mais velho não vale nada, então vou casar você.

Recusei, alegando que era aleijado, mas meu avô insistiu e me casaram com uma jovem séria e muito boa de vinte anos. Depois de um ano, meu avô ficou mortalmente doente. Ele me chamou, despediu-se e acrescentou:

— Deixo-te a casa e tudo o que tenho; Viva como Deus e ordenou, nunca engane ninguém e acima de tudo ore sempre a Deus; Tudo o que temos vem Dele. Não coloque sua esperança a não ser em Deus, não deixe de ir à igreja, leia a Bíblia e lembre-se de nós em suas orações. Aqui você tem mil rublos de prata; guarde-os, não os gaste em coisas inúteis, mas também não seja ganancioso; distribuído entre os mendigos e as igrejas de Deus.

Ele morreu e eu o enterrei. Meu irmão ficou com inveja porque eu herdei a pousada; Ele me deu muitas dificuldades, e o Inimigo o tentou tanto que ele decidiu me matar. Uma noite, enquanto dormíamos e não havia viajante, ele entrou no

almoxarifado e ateou fogo depois de ter levado todo o dinheiro que havia em um baú. Acordamos com a casa toda já em chamas e mal tivemos tempo de pular pela janela como estávamos.

Tínhamos a Bíblia debaixo do travesseiro e pudemos carregá-la conosco. Vimos como nossa casa pegou fogo e dissemos a nós mesmos: Graças a Deus conseguimos salvar a Bíblia; para que possamos pelo menos nos consolar no infortúnio. Desta forma as chamas consumiram todos os nossos bens, e meu irmão desapareceu da região. Mais tarde, ele se gabou dessas coisas enquanto estava bêbado, e assim ficamos sabendo que foi ele quem pegou o dinheiro e ateou fogo na casa.

Então ficamos nus e sem nada, como verdadeiros mendigos. Não sem dificuldades, pedindo dinheiro emprestado, conseguimos construir uma pequena cabana e ali vivemos como pessoas miseráveis. Minha esposa não tinha igual em fiar, tecer e costurar. Recebia encomendas de pessoas e trabalhava noite e dia para me alimentar. Devido ao estado do meu braço, eu não conseguia nem tecer sapatos de casca de árvore. Geralmente ela fiava ou tecia e eu sentava ao lado dela e lia a Bíblia; Ela ouvia e às vezes começava a chorar. Quando perguntei a ela: "Por que você está chorando? Graças a Deus, embora com dificuldades, podemos viver", ela respondeu: "Fico comovida ao ouvir as coisas tão bem escritas na Bíblia".

Recordámos também as recomendações que o nosso avô nos tinha dado; Jejuávamos frequentemente, líamos o hino Akathist todas as manhãs [84] e à noite cada um de nós fazia mil saudações diante das imagens para que nos libertassem da tentação. Assim vivemos em paz durante dois anos. Mas eis algo notável: não sabíamos nada sobre a oração interior feita no coração, nem sequer tínhamos ouvido falar dela; Fazíamos as inclinações como pessoas ignorantes, mas mesmo assim o desejo de orar estava presente, esta longa oração externa não foi difícil para nós e até a orávamos com prazer. Tinha, sem dúvida, razão aquele professor que me disse certa vez que dentro do homem existe uma oração misteriosa, da qual nem ele mesmo sabe como ocorre, mas que leva cada pessoa a orar como sabe e pode.

Depois de dois anos desta vida, minha esposa caiu com febre intensa e, no nono dia, após ter recebido a comunhão, faleceu. Fiquei sozinho, completamente sozinho, e não pude fazer nada. Não tive escolha senão dar a volta ao mundo pedindo esmolas, mas isso me deixou muito envergonhado; Além disso, eu me sentia tão infeliz pensando em minha esposa que não sabia onde me esconder. Quando eu entrava na cabana e via algum de seus vestidos ou lenço na cabeça, começava a soluçar e perdia a consciência. Morando em casa não aguentava tanta tristeza; Portanto, vendi-a por vinte rublos e distribuí minhas roupas e as de minha esposa

entre os pobres. Por causa do meu braço aleijado, me deram um passaporte perpétuo, peguei minha querida Bíblia e saí de lá sem rumo.

Quando peguei a estrada, me perguntei: para onde vou agora? Primeiro irei a Kiev, prostrar-me-ei diante dos santos de Deus e pedir-lhes-ei que tenham misericórdia da minha desgraça. Assim que tomei esta decisão senti-me melhor e com muito conforto cheguei a Kiev.

Há treze anos que caminho sem descanso; Visitei muitas igrejas e mosteiros, mas agora caminho mais pelas estepes e campos. Não sei se o Senhor me permitirá chegar à santa Jerusalém: se esta for a vontade de Deus, talvez eu possa chegar para dar ali terra para os meus ossos pecaminosos.

— Bem, quantos anos você tem agora?

- Trinta e três anos.

— A era de Cristo.

QUARTO RELATO

O meu bem está na união com Deus. Coloquei toda a minha esperança no Senhor. (Sl. 73, 28).

O provérbio está certo, disse eu quando voltei para a casa de meu pai espiritual: "O homem propõe e Deus dispõe". Era minha intenção partir hoje para a cidade santa de Jerusalém, mas não será assim; Um acontecimento totalmente imprevisto me mantém aqui por mais dois ou três dias. Não pude deixar de vir vê-lo para lhe anunciar e pedir seu conselho sobre o que vou lhe contar.

Já havia me despedido de todos e, com a ajuda de Deus, havia partido; Estava prestes a atravessar a barreira, quando eis que, junto à porta da última casa, vi um peregrino que não via há três anos. Nos cumprimentamos e ele me perguntou para onde eu estava indo. Eu respondi a ele:

— Vou, se Deus quiser, para a antiga Jerusalém.

"Se sim", respondeu ele, "você tem aqui um excelente companheiro de viagem."

"Muito grato", respondi. Mas você não sabe que nunca tenho companhia e que sempre ando sozinho?

— Eu sei, mas me escute por um momento; Não hesite em aceitar este parceiro pelas vantagens que ele lhe trará. Vocês se entenderão muito bem. O pai do dono desta casa onde trabalho como garçom prometeu ir a Jerusalém. Este é um comerciante daqui, um bom velhinho que também é completamente surdo. Não importa o quanto você grite com ele, ele não ouve absolutamente nada; Se você quiser contar algo a ele, terá que anotar no papel. Fica sempre em silêncio e não irá

incomodá-lo durante a viagem. Por outro lado, você será indispensável para ele. Seu filho lhe dará um cavalo e uma charrete que ele venderá em Odessa. O velho quer fazer a viagem a pé, mas levará no carro sua bagagem e alguns presentes para o túmulo do Senhor. Você também pode colocar seu alforje nele... Agora pense nisso. Você acha que é possível deixar um velho completamente surdo ir sozinho? Temos procurado por toda parte alguém que o oriente, mas todo mundo pede muito dinheiro, e também é perigoso deixá-lo sair com um estranho, porque ele carrega dinheiro e outros objetos preciosos. De minha parte, serei seu fiador e meus empregadores ficarão muito felizes; Eles são pessoas muito boas e gostam muito de mim. Estou com eles há dois anos.

Depois que conversamos assim em frente à porta, ele me fez entrar e ali pude ver que se tratava de uma família honesta. Então, aceitei sua proposta. Decidimos partir dois dias depois do Natal, com a ajuda de Deus, depois de termos assistido à divina liturgia.

São eventos que se cruzam no caminho da vida. Mas é sempre Deus e a sua divina Providência que atuam através das nossas ações e das nossas intenções, como está escrito: porque é Deus quem opera em vós tanto o querer como o fazer [85].

Meu pai espiritual me respondeu:

— Estou muito alegre e muito feliz, meu irmão, que o Senhor me permitiu vê-lo mais uma vez. E já que você está livre agora, vou fazer com que você fique aqui mais alguns dias, para que possa me contar tudo o que encontrou ao longo de sua vida errante. Porque me deu um grande prazer ouvir as histórias anteriores.

"Ficarei feliz em fazer isso", respondi e comecei a falar.

Aconteceram coisas, algumas boas e favoráveis e outras, porém, nada agradáveis; Não é possível contar tudo e muito é também o que esqueci, porque acima de tudo procurei manter na memória a memória daquelas coisas que levaram a minha alma preguiçosa à oração; Todo o resto raramente evoquei, ou melhor, procurei esquecer-lo, segundo nos ensina o apóstolo São Paulo, que escreveu: Deixando ao esquecimento o que já ficou para trás e pondo-me em busca do que está diante de mim, corro em direção à meta [86]. E meu abençoado padre me disse que os obstáculos na oração podem vir da direita ou da esquerda [87], isto é, se o Inimigo não consegue desviar a alma da oração com pensamentos vãos ou imagens culpadas, ele a faz nas lembranças. Ele te lembra lembranças edificantes ou belas ideias, para assim afastar o espírito da oração, que ele não suporta. Isso se chama desvio para a direita: a alma, saindo da conversa com Deus, entra em deliciosa conversa consigo mesma ou com as criaturas. Ele também me ensinou que durante o tempo de oração não se deve admitir no espírito nem mesmo o pensamento mais belo ou mais elevado; e se no final do dia percebemos que passamos mais tempo

em meditação ou conversas edificantes do que em oração absoluta e pura, devemos considerar isso como imprudência ou como ganância espiritual egoísta, especialmente entre os iniciantes, para quem o tempo gasto na oração deve exceder o gasto em todas as outras ocupações piedosas.

Mas não é possível esquecer tudo. Certas lembranças estão tão profundamente gravadas na memória que estão sempre presentes sem necessidade de evocá-las, como a daquela sagrada família com quem Deus me permitiu passar alguns dias.

UMA FAMÍLIA ORTODOXA

Por ocasião da minha passagem pela província de Tobolsk, um dia eu estava passando por uma pequena cidade. Eu quase não tinha pão, então entrei em uma casa para pedir. O dono da casa me disse:

— Você chegou bem na hora; Minha esposa acabou de tirar o pão do forno. Pegue este pão e ore a Deus por nós.

Agradecendo, eu estava colocando o pão no alforje, quando a senhora me viu e disse:

— Que alforje miserável você está carregando! Está todo desfeito! Vou te dar um melhor.

E ele me deu um muito bom. Agradei de todo o coração e fui embora. Ao sair da aldeia, pedi sal numa loja e o dono deu-me um saco cheio. Isso me trouxe muita alegria e agradei a Deus que me fez falar para pessoas tão boas.

— Tenho o suficiente para uma semana, pensei comigo mesmo. Agora posso dormir em paz. Minha alma, bendiga ao Senhor! [88].

Eu havia caminhado cinco verstas desde que saí da cidade, quando avistei um vilarejo medíocre que tinha uma pobre igreja de madeira, mas bem pintada por fora e lindamente decorada. A estrada passava ao lado dela e eu queria prostrar-me diante do templo do Senhor. Subi as escadas e fiz uma oração. Num prado que margeava a igreja, brincavam duas crianças pequenas, com cerca de cinco ou seis anos. Pensei comigo mesmo que, apesar de estarem tão bem colocados, seriam filhos do padre. Terminada minha oração, fui embora. Eu nem tinha andado dez passos quando ouvi alguém gritando atrás de mim:

— Bom mendigo, bom mendigo! Espere!

Quem gritava eram as crianças, que vinham em minha direção: um menino e uma menina; Parei e quando eles vieram correndo me pegaram pela mão.

— Vamos procurar a mamãe, que gosta muito de mendigo.

— Não sou um mendigo, mas um caminhante.

— E o que é esse alforje?

— Aqui trago pão para a viagem.

- Bom não importa; venha conosco. Mamãe lhe dará dinheiro para a viagem.

— E onde está a mamãe? -Eu perguntei pra eles.

— Ali, atrás da igreja, além do bosque.

Fui com eles e me fizeram entrar num jardim maravilhoso, no meio do qual havia uma casa grande e linda; Entramos no saguão. Como tudo estava limpo e como estava bem arrumado! Imediatamente a senhora veio em nossa direção.

— Que felicidade é minha! Para onde Deus manda você para nossa casa? Sente-se, sente-se, querido!

Ela mesma tirou o alforje de mim, colocou-o sobre uma mesa e me fez sentar em uma cadeira muito confortável e macia.

- Você quer comer algo? Você quer beber chá? Você não precisa de nada?

— Agradeço com toda humildade, respondi; Tenho comida no alforje e chá, embora possa bebê-lo, pois sou camponês não tenho o hábito de fazê-lo; Sua bondade e gentileza são muito mais preciosas para mim do que uma boa refeição. Rezarei a Deus para que os abençoe por tamanha hospitalidade evangélica.

E ao dizer estas palavras, senti um grande desejo de me retirar para dentro de mim mesmo. A oração fervia em meu coração e senti a necessidade de calma e silêncio para deixar esta chama subir livremente, e esconder um pouco os sinais externos da oração, lágrimas, suspiros e movimentos do rosto e dos lábios.

Portanto, levantei-me e disse à senhora:

— Peço desculpas, senhora, mas preciso ir. Que o Senhor Jesus Cristo esteja com você e suas preciosas criaturas.

- De maneira nenhuma! Que Deus o impeça de partir; Eu não posso deixar você ir. Meu marido tem que voltar da cidade esta tarde, pois é juiz do tribunal distrital. Ele ficará muito feliz em ver você entre nós! Ele aceita todos os peregrinos como enviados de Deus. Além disso, amanhã é domingo; Você rezará conosco na celebração, e tudo o que Deus quiser nos oferecer comeremos todos juntos. Em nossa casa, nas festas, sempre recebemos pelo menos trinta pobres mendigos, irmãos de Jesus Cristo. E você ainda não disse nada sobre você, nem de onde veio, nem para onde vai. Diga-me todas essas coisas; Gosto muito de ouvir aqueles que adoram ao Senhor falar! Crianças! Leve o alforje do peregrino para a sala das imagens, onde ele pernoitará.

Ao ouvir estas palavras fiquei maravilhado e disse a mim mesmo: “Isto é um ser humano ou uma aparição?”

Então fiquei esperando o dono da casa. Contei-lhes brevemente sobre minha viagem e disse-lhes que estava indo para Irkutsk.

- Que bom! — disse a senhora —. Nesse caso você terá que passar por Tobolsk; Minha mãe mora lá num convento onde se aposentou há muito tempo; Nós lhe daremos uma carta para ela e ela lhe dará hospedagem. Muitas pessoas a procuram em busca de conselhos; Além disso, você pode trazer para ela um livro de John Climacus [89] que encomendamos para ela em Moscou. Como todas essas coisas se combinam bem!

Era hora de comer e nos sentamos à mesa. Quatro senhoras também apareceram e sentaram-se conosco. Depois do primeiro prato, uma delas se levantou, fez uma reverência para a imagem e depois para nós e foi trazer o próximo; Para o terceiro curso, ele fez outro igual ao anterior. Vendo isso, dirigi-me à senhora:

— Posso perguntar se essas senhoras talvez sejam sua família?

— Sim, são minhas irmãs, a cozinheira, a mulher do cocheiro, a governanta e minha empregada; Eles são todos casados e não há nenhum solteiro na minha família.

Vendo e ouvindo tais coisas, fiquei ainda mais maravilhado e agradeci ao Senhor que me trouxe à casa de pessoas tão piedosas. E senti a oração crescer com ímpeto em meu coração; então, para encontrar a solidão, levantei-me e disse à senhora:

— Você deve descansar após a refeição; Por outro lado, como estou tão habituado a caminhar, vou passear um pouco no jardim.

— Não, não tenho o hábito de descansar, disse a senhora. Irei com você ao jardim e você me contará algo que servirá de instrução para mim. Se você for sozinho, as crianças não o deixarão sozinho; Elas não sairão do seu lado, porque gostam muito de mendigos, irmãos de Cristo e peregrinos.

Não tive outra escolha e fomos juntos para o jardim. Para melhor manter o silêncio, fiz uma reverência à senhora e disse:

— Diga-me, boa mãe, em nome de Deus, há muito tempo você leva uma vida tão santa? Diga-me como você alcançou tal nível de bondade.

— É uma coisa muito fácil de responder, ela disse. Minha mãe é bisneta de São Josafá [90], cujas relíquias são homenageadas em Belgorod. Tínhamos ali uma casa grande, cuja ala alugamos a um cavaleiro de pouca fortuna. Ele veio a falecer e sua esposa também morreu após dar à luz um filho. O recém-nascido ficou completamente órfão. Minha mãe foi buscá-lo na casa dela e no ano seguinte eu

nasci. Crescemos juntos, tivemos os mesmos tutores e éramos como irmão e irmã. Quando meu pai morreu, minha mãe deixou a cidade e veio morar conosco neste lugar. Quando atingimos a maioridade, a minha mãe casou-me com o seu afilhado, naturalizou-nos nesta aldeia e decidiu ingressar num convento. Depois de nos dar a sua bênção, recomendou que vivéssemos como cristãos, rezássemos a Deus de todo o coração e guardássemos sobretudo o mandamento mais importante, que é amar o próximo, ajudar os pobres, irmãos de Jesus Cristo, educar os nossos filhos no temor de Deus e tratar nossos servos como irmãos. Vivemos assim há dez anos nesta solidão, tentando seguir os conselhos da minha mãe. Temos um asilo para mendigos, onde neste momento há mais de dez, doentes ou enfermos; Se quiser, amanhã podemos ir vê-los.

Quando ele terminou de falar, perguntei-lhe:

— E onde está aquele livro de Juan Climaco que você quer mandar para sua mãe?

— Vamos entrar em casa e eu te mostro lá.

Mal tínhamos começado a ler quando o dono da casa chegou. Nos abraçamos como irmãos, e ele me levou para seu quarto dizendo:

— Venha, meu irmão, para o meu quarto e abençoe-o. Certamente minha esposa o cansou bastante. Assim que encontra um peregrino ou um doente, sente-se tão feliz que não o abandona nem de dia nem de noite; É um antigo costume de sua família.

Entramos em seu escritório. Quantos livros e ícones magníficos! E que linda cruz em tamanho natural, diante da qual estava um evangelho! Fiz o sinal da cruz e exclamei:

— Você tem em casa, senhor, o paraíso de Deus. Aí está o Senhor Jesus Cristo, sua Mãe puríssima e seus santos servos; e aqui estão suas palavras e seus ensinamentos vivos e imortais. Não tenho dúvidas de que você terá muita alegria em passar bons momentos em tão boa companhia.

“Isso mesmo”, ele respondeu; Eu realmente gosto de ler.

“Que tipo de livros você lê?”, perguntei a ele.

— Tenho muitos livros espirituais: aqui está o Menologium [91], as obras de São João Crisóstomo, de Basílio Magno, muitas obras filosóficas ou teológicas e não poucos sermões de pregadores do nosso tempo. Esta biblioteca me custou cinco mil rublos.

— Você não tem talvez um trabalho sobre oração? - perguntei-lhe.

— Gosto muito de livros que tratam de oração. Aqui está um panfleto muito recente, obra de um padre de São Petersburgo.

O homem trouxe um comentário sobre o Pai Nosso e começamos a lê-lo. Logo a senhora chegou com o chá, e as crianças trouxeram uma grande bandeja de prata

cheia de um certo tipo de bolo que eu nunca tinha visto ou comido antes. O homem tirou o livro das minhas mãos, colocou nas da esposa e disse:

— Ela vai ler para nós, ela lê muito bem; e enquanto isso, nós dois recuperaremos nossas forças.

A senhora começou a ler. Enquanto ouvia, senti a oração subir ao meu coração; e quanto mais ela lia, mais a oração se desenvolvia e me enchia de alegria. De repente, vi uma figura passando rapidamente no ar, como se fosse meu falecido padre. Não pude reprimir um movimento, mas para escondê-lo disse-lhes:

— Perdœ-me, eu queria dormir.

Nesse momento tive a impressão de que o espírito do meu padre penetrou no meu e o iluminou; Senti em mim grande clareza e ideias abundantes sobre oração. No momento em que eu estava me persignando, tentando me livrar dessas ideias, a senhora terminou a leitura e o homem me perguntou se eu havia gostado. E começamos a conversar sobre isso.

— Gostei muito do que ouvi, respondi; É claro que a oração do Pai Nosso é maior e mais preciosa do que todas as orações escritas que temos, porque o próprio Jesus Cristo nos ensinou. O comentário que você leu sobre ele é bom, mas tudo se refere à vida ativa do cristão, enquanto li nos Padres uma explicação que é sobretudo mística e orientada para a contemplação.

— Em quais Padres você encontrou isso?

— Pois em Máximo, o Confessor [92], por exemplo, e, na Filocalia, em Pedro Damasceno [93].

— Você se lembraria de alguma coisa? Repita para nós, se você se lembra.

- Claro que sim. A oração começa assim: Pai Nosso que estás nos céus; No livro que acabaste de ler, estas palavras significam que devemos amar fraternalmente o próximo, porque somos todos filhos do mesmo Pai. E isto é bem verdade, mas os Padres colocam um comentário mais espiritual nestas palavras, e dizem que quando estas palavras são pronunciadas, é preciso elevar o espírito ao Pai celeste e lembrar a obrigação de estar sempre na presença de Deus.. As palavras: santificado seja o teu nome são explicadas neste livro pelo cuidado que se deve ter para não invocar o nome do Senhor em vão; mas os comentadores místicos vêem neles o pedido da oração interior do coração, ou seja, para que o nome de Deus seja santificado é necessário que esteja gravado no coração e que através da oração perpétua santifique e ilumine todos os sentimentos.... e todas as forças da alma. As palavras venha o teu reino são explicadas assim pelos Padres: Que a paz interior, o descanso e a alegria espiritual cheguem aos nossos corações. No livro é dito que as palavras:

O pão nosso de cada dia dá-nos hoje, refere-te às necessidades da nossa vida corporal e às coisas necessárias para correr em socorro do próximo. Mas Máximo, o Confessor, entende por pão de cada dia o pão celestial que alimenta a alma, ou seja, a Palavra de Deus e a união da alma com Deus através da contemplação e da oração contínua no coração.

“A oração interior”, disse ele, “é algo difícil e até quase impossível para quem vive no mundo; Até para fazermos a oração comum sem preguiça, o Senhor tem que nos ajudar com todo o seu favor.

“Não fale assim”, respondi. Se fosse um empreendimento que ultrapassasse as forças humanas, Deus não o teria exigido de todos. Na fraqueza o meu poder se aperfeiçoa [94], e os Padres nos oferecem meios que facilitam o caminho para a oração interior.

— Nunca li nada sobre isso, disse meu interlocutor.

— Se quiser, posso ler alguns trechos da Filocalia.

Peguei este livro, procurei uma passagem de Pedro Damasceno na terceira parte e li o seguinte: “Devemos exercitar-nos em invocar o nome do Senhor, mais do que em respirar, em todos os momentos, em todos as situações e em todos os lugares. Rezai sem cessar, diz o Apóstolo; e com estas palavras ele ensina que devemos nos lembrar de Deus em todos os momentos, em todos os lugares e em todas as ocupações. Se você fizer alguma coisa, terá que pensar no Criador de tudo o que existe; Se você vir a luz, lembre-se de quem a deu a você; Se acontecer de você contemplar o céu, a terra, o mar e as coisas que neles estão contidas, admire e glorifique Aquele que as criou; Se você colocar um vestido, pense Naquele a quem você deve isso e agradeça a Ele por isso, Aquele que provê sua existência. Em suma, deixe que cada movimento seja motivo para você celebrar o Senhor, e assim você orará sem cessar e sua alma estará sempre em alegria.

— Veja como esse método é simples, fácil e acessível para quem tem o mínimo sentimento humano.

Eles gostaram muito deste texto. O homem me abraçou com entusiasmo, agradeceu, olhou para minha Filocalia e disse:

— Tenho que comprar este livro; Vou encomendá-lo para São Petersburgo; mas para lembrá-lo melhor vou copiar imediatamente esta passagem que você leu; diga-me

E ele transcreveu imediatamente em uma escrita rápida e bonita. Então ele exclamou:

- Meu Deus! Na verdade, tenho aqui um ícone de São Damasceno [95].

Ele abriu a caixa e colocou o papel que acabara de escrever embaixo do ícone, e disse:

— A palavra viva de um servo de Deus colocado à sua imagem muitas vezes me moverá a pôr em prática este conselho salutar.

Fomos jantar mais tarde. Todos estavam de volta à mesa conosco, homens e mulheres. Que lembrança silenciosa e tranquilidade durante o jantar! Depois disso, todos oramos juntos, até mesmo as crianças, e me fizeram ler o hino Akathist ao Doce Jesus.

Os criados foram descansar e nós três continuamos na sala de jantar. Então a senhora me trouxe uma camisa branca e algumas meias, mas eu, curvando-me profundamente, disse-lhe:

— Boa mãe, não posso aceitar as meias, que nunca usei; Nós sempre usamos as bandas [96].

Pouco depois ela voltou com uma velha blusa amarela que cortou em tiras. E o marido dela, dizendo-me que os meus sapatos já não valiam nada, trouxe-me uns completamente novos que calçou por cima das botas.

— Vá para o quarto ao lado, ele me disse; Não há ninguém nele e você pode trocar de roupa.

Fui me trocar e depois voltei para eles. Fizeram-me sentar numa cadeira e começaram a calçar os sapatos; O marido enrolou as faixas para mim e a senhora começou a calçar meus sapatos. No começo resisti o máximo que pude, mas me fizeram sentar dizendo:

— Sente-se e cale-se, porque Cristo também lavou os pés dos seus discípulos.

Não resisti mais e comecei a chorar; Eles também estavam chorando.

Aí a mulher foi dormir com os filhos, e eu fui com o homem até o jardim conversar um pouco. Passamos muito tempo lá. Estávamos sentados no chão e de repente ele veio até mim e disse:

— Responda-me em consciência e diga-me toda a verdade; quem és tu? Você deve ser de uma família nobre e quer ser visto como infeliz. Você sabe ler e escrever perfeitamente e pensa e fala corretamente; Certamente você não recebeu a educação de um camponês.

— Falei com o coração na mão para você e sua senhora; Eu lhes contei minhas origens com toda a verdade e nunca pensei em mentir ou enganar vocês. E para que? O que sei dizer não vem de mim, mas dos meu sábio e falecido padre ou dos Padres que li. A oração interior que ilumina a minha ignorância como nenhuma

outra, não a adquiri de mim mesmo; Ela nasceu em meu coração pela misericórdia divina e graças aos ensinamentos do padre. Qualquer um pode alcançar o que eu alcancei; Basta mergulhar mais silenciosamente no coração e invocar um pouco mais o nome de Jesus Cristo, e então a luz interior começará a ser descoberta, tudo aparecerá claro e nesta clareza tornam-se evidentes certos mistérios do Reino de Deus. E já é um grande mistério que o homem descubra esta capacidade de entrar em si mesmo, que se conheça verdadeiramente e que chore suavemente as suas quedas e a sua vontade pervertida. Não é muito difícil pensar corretamente e falar com as pessoas; antes é uma coisa possível, porque o espírito e o coração existiam antes da ciência e da sabedoria humanas. Está sempre em nossas mãos cultivar o espírito através da ciência e da experiência; mas onde não há inteligência, a nossa educação não alcançará nada. O que acontece é que estamos longe de nós mesmos e não sentimos a menor vontade de nos aproximarmos; Estamos sempre fugindo do medo de nos encontrarmos diante de nós mesmos; Preferimos as ninharias à verdade e pensamos: gostaria muito de levar uma vida espiritual e me ocupar com a oração, mas não tenho tempo para isso; Os negócios e a ocupação me impedem de me dedicar seriamente a essas coisas. Mas o que é mais importante e mais necessário, a vida eterna da alma santificada, ou a vida passageira do corpo pela qual passamos tanto esforço? Esta é a explicação de por que as pessoas alcançam a sabedoria ou a animalidade.

— Perdœ-me, querido irmão; Não lhe perguntei por simples curiosidade, mas por benevolência e sentimento cristão; e também porque há mais de dois anos encontrei um caso totalmente curioso e interessante: Um dia um velho mendigo veio à nossa casa, muito fraco e deprimido; Ele carregava passaporte de soldado livre e era tão pobre que estava quase nu; Ele falava pouco e tinha modos de camponês. Nós o internamos no asilo; Depois de cinco dias, ele adœceu. Nós o levamos para a enfermaria e minha esposa e eu cuidamos dele completamente. Quando ficou claro para nós que ele iria morrer, nosso padre o confessou e lhe deu a comunhão e os últimos sacramentos. Na véspera de sua morte, ele se levantou, me pediu papel e caneta e insistiu para que a porta fosse fechada e que ninguém entrasse enquanto ele redigisse seu testamento, que eu enviaria a seu filho em São Petersburgo. Fiquei surpreso quando vi que ele escrevia perfeitamente e que suas frases eram perfeitamente corretas, elegantes e transbordantes de ternura. Amanhã quero mostrar-lhe o testamento, do qual guardo uma cópia. Tudo isso me causou grande admiração e, por curiosidade, pedi-lhe que me contasse sua origem e sua vida. Ele me fez jurar que não diria nada a ninguém antes de sua morte, e para a glória de Deus me contou a seguinte história:

"— Eu era um príncipe e possuía grande riqueza; Levei a vida mais dissipada, brilhante e luxuosa que se possa imaginar. Minha esposa havia morrido e eu morava

com meu filho que era capitão da guarda. Uma noite, enquanto me preparava para ir a um grande baile, fiquei zangado com meu criado; Na minha impaciência, bati-lhe na cabeça e ordenei que fosse enviado para a sua aldeia. Isso foi à noite e na manhã seguinte o servo morreu de inflamação na cabeça. Não foi dada mais importância ao assunto e, embora lamentasse a minha violência, esqueci completamente o que tinha acontecido. Depois de seis semanas, o criado começou a aparecer para mim em meus sonhos; Noite após noite ele vinha me incomodar e me repreender, repetindo incessantemente: "Homem sem consciência, você foi meu assassino! "Mais tarde, comecei a vê-lo quando estava acordado. As aparições começaram a se tornar cada vez mais frequentes, até que acabei tendo ele presente quase que constantemente. Finalmente, ao mesmo tempo que o meu criado, comecei a ver outros mortos: homens que ofendi gravemente e mulheres que seduzi. Todos me repreenderam até não me deixarem descansar; tanto que não era mais possível dormir, comer ou fazer qualquer coisa. Minhas forças foram consumidas e agora eu não tinha nada além de ossos e pele. Os esforços dos melhores médicos não conseguiram nada. Parti para o exterior em busca de um remédio; Mas, depois de seis meses de tratamento, não só a minha melhoria não tinha progredido em nada, como as terríveis aparições aumentavam cada vez mais. Eu voltava para casa mais morto do que vivo; Assim minha alma conheceu, antes de ser separada do corpo, os tormentos do inferno; Desde então acreditei no inferno e já experimentei como é.

"Enquanto sofria essas torturas, finalmente entendi minha infâmia; Arrependi-me, confessei, mandei os meus servos para casa e prometi passar o resto da minha vida no meio do trabalho mais árduo e esconder-me sob os trapos de um mendigo para ser o mais humilde servo do povo do condição mais baixa. Ele mal havia tomado essa decisão quando as aparições cessaram. Minha reconciliação com Deus me deu tanta alegria e um sentimento de confiança tão grande que ainda não consigo explicar. Assim também compreendi por experiência o que é o paraíso e como o Reino de Deus se espalha em nossos corações. Em pouco tempo eu estava completamente saudável e coloquei meu projeto em execução; Munido do passaporte de um soldado que estava encerrando o serviço, deixei secretamente meu local de nascimento. Tenho viajado pela Sibéria há quinze anos. Algumas vezes me coloquei na casa de um camponês para trabalhar de acordo com minhas forças, e outras vezes fui mendigar em nome de Cristo. Quanta felicidade encontrei em meio a essas privações! Isto só pode ser compreendido por aquele a quem a misericórdia divina libertou de um inferno de dor para transportá-lo ao paraíso de Deus.

— Aí ele me deu o testamento para eu mandar para o filho dele, e no dia seguinte ele morreu. Aqui tenho um exemplar da Bíblia que está na minha bolsa. Se você quiser ler, eu mostro para você. Comece aqui.

Abri o jornal e li:

"Em nome de Deus, glorificado na Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo.

Meu querido filho:

Já se passaram quinze anos desde que você viu seu pai, mas na aposentadoria ele às vezes recebia notícias suas e sentia um amor paternal por você. Esse amor é o que o move a enviar-lhe estas últimas palavras, para que sirvam de lição em sua existência.

Você sabe o quanto sofri para resgatar minha vida culpada e leve; mas você não conhece a felicidade que os frutos do arrependimento me trouxeram, durante minha vida sombria e errante.

Morro em paz na casa do meu benfeitor que também é seu, porque os benefícios que um pai recebe se estendem igualmente ao filho carinhoso. Expresse minha gratidão de todas as maneiras que puder.

Ao mesmo tempo que lhe deixo a minha bênção paterna, exorto-o a lembrar-se de Deus e a obedecer à sua consciência; seja bom, prudente e razoável; Trate seus subordinados com gentileza, não despreze os mendigos ou peregrinos, lembrando que somente a nudez e a vida errante permitiram que seu pai encontrasse a tranquilidade de sua alma.

Pedindo a Deus que lhe conceda sua graça, fecho silenciosamente os olhos na esperança da vida eterna pela misericórdia do Redentor dos homens, Jesus Cristo".

Foi assim que conversamos com esse bom homem que estava me hospedando em sua casa. A certa altura eu disse a ele:

— Acredito, senhor, que seu asilo lhe dá muitas dores de cabeça. São tantos os nossos irmãos que só se tornam peregrinos por descuido ou preguiça, e que percorrem esses caminhos como libertinos, como eu mesmo pude constatar mais de uma vez.

— Não, esses caras são meio estranhos, ele respondeu. Aqui só acolhemos verdadeiros peregrinos. E quando chega alguém que não parece tão sério, tratamos com mais carinho e mantemos no asilo por um tempo. Colocados em contato com os nossos pobres, irmãos de Cristo, muitas vezes se corrigem e saem com o coração manso e humilde. Não faz muito tempo, tivemos um caso desses. Um comerciante da nossa cidade havia caído tanto que todos batiam nele e ninguém queria lhe dar

nem um pedaço de pão. Esse comerciante estava bêbado, violento, turbulento e também roubou tudo que pôde. Um dia ele veio à nossa casa movido pela fome; Pediu pão e conhaque, porque gostava muito de beber. Nós o recebemos muito gentilmente e lhe dissemos:

“Fique aqui e você terá toda a bebida que quiser, mas com uma condição: depois de beber, você irá para a cama e se fizer o menor barulho, não apenas iremos expulsá-lo para sempre, mas eu pedirei ao reitor para prendê-lo por ser um vagabundo.” Ele aceitou e ficou entre nós. Durante mais de uma semana, ele bebeu o quanto quis; mas cada vez que cumpria a promessa, e talvez por medo de ser privado do álcool, ia procurar a sua cama ou deitava-se tranquilamente no fundo do jardim. Quando ele acordava, nossos irmãos no asilo conversavam com ele e o exortavam a beber ainda um pouco menos. Então ele começou a fazer isso e depois de três meses ficou completamente sóbrio. Agora ele trabalha em algum lugar e não come o pão dos outros. Anteontem ele veio me visitar.

Quanta sabedoria nesta disciplina guiada pela caridade!, pensei e exclamei:

— Bendito seja Deus que com a sua misericórdia está presente na sua casa!

Depois dessa conversa o sono começou a nos invadir um pouco; Mas ao ouvir tocar o sino que anunciava o culto da manhã, fomos até a igreja onde a senhora já estava com os filhos. Ouvimos o ofício e depois a divina liturgia. Eu estava no coro com o homem e seu filho, enquanto a senhora e sua filhinha estavam onde se abre a iconostase para ver a elevação dos Santos Dons. Oh, Senhor, e como todos oraram e quantas lágrimas de alegria derramaram! Seus rostos estavam tão iluminados que, olhando para eles, comecei a chorar.

Terminados os serviços religiosos, os senhores, o padre, os servos e os mendigos sentaram-se todos juntos à mesa. Havia cerca de quarenta mendigos, doentes e crianças. Que silêncio e paz à mesa! Eu, ganhando confiança, disse em voz baixa ao senhor:

— Nos mosteiros costuma-se ler a vida dos santos durante a refeição; Aqui você poderia fazer o mesmo, já que possui o Menology completo. O homem virou-se para a esposa e disse:

— Verdade, María, será bom apresentar esta novidade que fará bem a todos. Eu farei a leitura na primeira refeição, depois você, depois nosso sacerdote e nossos irmãos, cada um por sua vez e de acordo com seu conhecimento.

O padre parou de comer e disse:

— Ouvir isso me dá muito prazer, mas ler, para isso não tenho tempo livre. Mal coloco os pés em minha casa, não sei mais o que fazer nem por onde começar: e se

as crianças, e se os animais entrarem no campo de outra pessoa; O dia inteiro é gasto em coisas assim, sem sobrar um minuto para se educar. Tudo o que aprendi no seminário, esqueci há muito tempo.

Ao ouvir tais coisas estremecei, mas a senhora me pegou pelo braço e disse:

— Ele fala assim por humildade. Ele sempre rebaixa os próprios méritos, mas é um homem excelente e piedoso; Ele é viúvo há vinte anos, cria os filhos e também celebra serviços religiosos com frequência.

Estas palavras me lembraram uma frase de Nicetas Stethatos [97] na Filocalia: “A natureza dos objetos é apreciada de acordo com a disposição interior da alma”, ou seja, cada pessoa forma uma ideia dos outros de acordo com o que ele mesmo é.. E depois acrescenta: "Aquele que chegou à oração e ao amor verdadeiro já não distingue os objetos, nem distingue o justo do pecador, mas ama todos os homens igualmente e não os condena; o mesmo que Deus que faz nascer o sol sobre maus e bons e fazer cair a chuva sobre justos e injustos" [98].

Novamente ficamos em silêncio; Na minha frente estava sentado um mendigo do asilo, completamente cego. O homem o alimentou, quebrou o peixe, levou a colher à boca e deu-lhe de beber. Olhei para ele com muita atenção e notei que, em sua boca sempre entreaberta, sua língua se movia continuamente; Perguntei-me se ele recitaria a oração e continuei olhando para ele mais de perto. No final da refeição, uma senhora idosa passou mal, engasgou-se e gemeu alto. O homem e sua esposa levaram-na para o quarto para colocá-la na cama e deitaram-na na cama; A senhora ficou para cuidar dela, o padre, para o que quer que acontecesse, foi em busca dos Santos Dons, e o homem mandou preparar um carro para ir procurar um médico na cidade. Cada um seguiu seu caminho.

Senti em mim uma fome de oração; Eu senti uma necessidade violenta de deixá-la sair, já que havia dois dias que me faltava tranquilidade e silêncio. Senti em meu coração como um rio prestes a transbordar e se espalhar por todos os meus membros; mas, ao guardá-lo dentro de mim, senti uma dor violenta no coração - mas uma dor benéfica, que apenas me inclinou à oração e ao silêncio. Então entendi porque os verdadeiros adeptos da oração contínua fugiam do mundo e se escondiam longe de todos; Compreendi também por que o bem-aventurado Hesíquio diz que a conversação mais elevada não passa de uma conversa se durar muito tempo, e lembrei-me também das palavras de Santo Efrém, o Sírio [99]: "Um bom discurso é prata, mas o silêncio é ouro puro. Pensando em todas essas coisas, cheguei ao asilo: todos estavam dormindo depois do jantar. Subi até o sótão, me acalmei, descansei e orei um pouco. Quando os pobres acordaram, fui procurar o cego e levei-o ao jardim; Sentamos em um canto solitário e começamos a conversar.

— Diga-me, em nome de Deus e para o bem da sua alma, você faz a oração de Jesus?

— Venho repetindo isso incessantemente há muito tempo.

— Que efeitos isso tem sobre você?

— Só sei que nem de dia nem de noite posso viver sem ela.

— Como Deus revelou esta atividade para você? Conte-me em detalhes, querido irmão.

- Então eu vou dizer. Sou um artesão daqui, que ganhava meu pão trabalhando como alfaiate. Eu também percorria as outras províncias, percorria as cidades e costurei os trajes dos camponeses. Numa aldeia, aconteceu-me que tive que ficar vários dias na casa de um dos seus habitantes para vestir toda a sua família. Num feriado, quando não havia nada para fazer, vi três livros na estante acima dos ícones. E eu perguntei a eles:

— Há alguém entre vocês que lê?

E eles me responderam:

- Não há ninguém; Esses livros eram de um tio; ele foi educado.

Peguei um dos livros, abri-o ao acaso e li as seguintes palavras, das quais ainda me lembro: “A oração contínua consiste em invocar incessantemente o nome do Senhor; sentado ou em pé, à mesa ou no trabalho, em todas as ocasiões, em todos os lugares, em todos os momentos, o nome do Senhor deve ser invocado”.

Refleti sobre o que li e vi que me convinha muito; Então, enquanto costurava, comecei a repetir a oração baixinho e com isso me senti muito feliz. As pessoas que moravam comigo na izba perceberam o que eu estava fazendo e zombaram de mim:

— Você é um feiticeiro que murmura incessantemente? Ou você está experimentando alguns truques de mágica?

Para que não me vissem, parei de mover os lábios e comecei a fazer a oração movendo apenas a língua. Finalmente, acostumei-me tanto com isso que minha língua o recita dia e noite e isso me faz muito bem.

Continuei no meu trabalho durante muitos anos, até que de repente fiquei cego. Na nossa casa, na família, quase todos nós temos catarata. Como sou pobre, o município encontrou-me um lugar no asilo de Tobolsk. “Pretendo ir para lá, mas os donos desta casa me mantiveram aqui porque querem preparar uma carroça para eu me levar até lá”.

— Qual é o nome do livro que você leu? Não foi Filocalia?

- A verdade é que não sei. Nunca me ocorreu olhar para o título.

Fui em busca da minha Filocalia. Na quarta parte procurei as palavras do Patriarca Calixto que o velho me repetia de cor e comecei a ler.

— É a mesma coisa que li, exclamou o cego. Leia, leia, meu irmão, porque essas coisas são preciosas.

Quando cheguei à passagem que diz para orar com o coração, ele me perguntou o que isso significava e como era praticado. Eu lhe disse que todo o ensinamento da oração do coração estava explicado em detalhes neste livro chamado Filocalia, e ele insistiu que eu lesse para ele tudo o que se referia a isso.

“Faremos assim”, eu disse a ele. Quando você planeja partir para Tobolsk?

“Se você quiser, partiremos imediatamente”, respondeu ele.

-Tudo bem então. Eu gostaria de partir amanhã; Podemos partir juntos e ao longo do caminho lerei para você tudo o que se refere à oração do coração e lhe ensinarei como descobrir o seu coração e a maneira de penetrá-lo.

— E o carrinho? - me disse.

— Não me lembro do carrinho. Daqui até Tobolsk são apenas cento e cinquenta verstas, que faremos a pé, sem pressa. E enquanto caminhamos podemos muito bem ler e falar sobre oração.

Desta forma concordamos. À noite, o senhor veio nos chamar para jantar, e depois do jantar declaramos nossa intenção de partir e que não precisávamos de carruagem, pois preferíamos ler a Filocalia. Ao que ele respondeu:

— Gostei muito da Filocalia; Já escrevi a carta e preparei o dinheiro, e amanhã, quando for ao tribunal, pretendo mandar tudo para São Petersburgo para que me enviem o livro na primeira correspondência.

E como combinado, na manhã seguinte partimos, depois de termos dado graças aos nossos benfeitores pela sua grande caridade e mansidão. Os dois nos acompanharam por uma versta e nos despedimos.

O CAMPONÊS CEGO

Caminhamos lentamente com o cego; fazíamos apenas dez a quinze verstas por dia, e o resto do tempo passávamos sentados em lugares solitários e lendo a Filocalia. Li para ele tudo o que tem a ver com a oração do coração, seguindo a ordem indicada pelo meu padre, ou seja, começando pelos livros do Monge Nicéforo, Gregório Sinaíta, etc. Quanta atenção e fervor ele colocou em ouvir essas coisas! Como elas o

comoveram e o encheram de felicidade! Ele imediatamente começou a me fazer tantas perguntas sobre a oração que meu espírito não encontrou conhecimento suficiente para respondê-las.

Depois de ter ouvido a minha leitura, o cego pediu-me que lhe ensinasse um meio prático de encontrar o coração através do espírito, de introduzir nele o nome divino de Jesus Cristo, e assim rezar interiormente com o coração. Eu disse:

— Sem dúvida, você não vê; Mas através da inteligência você pode representar coisas que já viu antes: um homem, um objeto ou um de seus membros, seu braço ou sua perna. Você consegue imaginá-lo com a mesma clareza como se o visse, e é possível para você, embora cego, dirigir seu olhar para ele?

"Sim, posso", respondeu ele.

— Então, represente assim o seu coração, vire os olhos como se o estivesse olhando através do peito e ouça com os ouvidos como ele funciona, batendo ritmicamente. Quando você se acostumar com isso, esforce-se para se ajustar a cada batida do seu coração, sem perder de vista as palavras da oração. Ou seja, na primeira batida diga ou pense Senhor; ao segundo, Jesus...; ao terceiro, Cristo; ao quarto, tenha piedade; para o quinto, de mim; e repita este exercício com frequência. Isto será fácil para você porque você já está preparado para a oração do coração. Mais tarde, quando já estiver habituado a esta atividade, comece a introduzir a oração de Jesus no seu coração e faça-a sair ao mesmo tempo que a sua respiração; Ou seja, ao inspirar o ar diga ou pense: Senhor Jesus Cristo, e ao expirar: Tem piedade de mim. Se você fizer isso com frequência e por muito tempo, logo notará uma leve dor no coração e, então, um calor vivificante ocorrerá nele. Com a ajuda de Deus alcançaremos assim a ação constante da oração dentro do coração. Mas acima de tudo, tome cuidado com qualquer representação ou imagem que surja em seu espírito enquanto você ora. Rejeite todas as imaginações, pois o Padre nos ordenam, para não cair em ilusões, que mantenhamos o nosso espírito livre e vazio de todas as formas durante a oração.

O cego, que me ouviu com atenção, praticou com muito zelo o que eu lhe havia ensinado e, à noite, na pousada, passou muito tempo nisso. Depois de cinco dias, ele sentiu um calor muito forte e uma felicidade indescritível em seu coração; Além disso, tinha um grande desejo de dedicar-se incessantemente à oração, o que lhe revelava o amor que sentia por Jesus Cristo. Às vezes ele via uma luz, sem que nenhum objeto aparecesse; ao entrar em seu coração, pareceu ver nele brotar a chama brilhante de uma vela que, saindo, o iluminou inteiramente; e esta chama permitiu-lhe ver até objetos distantes, como aconteceu uma vez.

Certa vez, estávamos passando por uma floresta e ele estava em silêncio e absorto em oração. Com isso, ele me disse:

- Que desgraça! A igreja está em chamas e a torre acaba de cair.

“Não queira evocar essas imagens vazias”, disse-lhe, “porque isso é uma tentação”. Os sonhos devem ser rejeitados o mais rápido possível. Como é possível ver o que está acontecendo na cidade? Ainda estamos a doze verstas dele.

Ele obedeceu e, voltando à oração, permaneceu em silêncio. Ao anoitecer chegamos à cidade e pude ver muitas casas queimadas e uma torre sineira caída, apoiada em duas colunas de madeira. Nas redondezas, as pessoas discutiam e ficavam surpresas porque, quando ela caiu, não havia esmagado ninguém. Pelo que pude compreender, o infortúnio ocorreu no exato momento em que o cego falou comigo na floresta. Então eu o ouvi dizer:

— Como você disse, minha visão não era nada, mas tudo aconteceu de acordo com ela. Como não dar graças e amar o nosso Senhor Jesus Cristo, que revela a sua graça aos pecadores, aos cegos e aos tolos? Obrigado também a você que me ensinou a atividade do coração.

Eu respondi a ele:

— Amar Jesus Cristo é muito bom e agradecer-lhe também; Mas para tomar qualquer visão como uma revelação direta da graça, você não deveria fazer isso, pois é algo que muitas vezes ocorre naturalmente de acordo com a ordem das coisas. A alma humana não está inteiramente sujeita à matéria. É por isso que ela pode ver objetos distantes e próximos no escuro. Mas não cultivamos esta faculdade da alma, mas a sobrecarregamos com o peso do nosso corpo pesado e com a confusão dos nossos pensamentos distraídos e leves. Quando nos concentramos em nós mesmos e nos abstraímos de tudo que nos rodeia, e aguçamos o nosso espírito, então a alma volta completamente a si mesma, opera com toda a sua energia e tudo isso nada mais é do que uma ação natural. Meu falecido padre me disse que não só os homens de oração, mas também certos doentes ou algumas pessoas especialmente dotadas, quando se encontram em um quarto escuro, veem a luz que vem dos objetos, percebem a presença de seus corpos e penetram nos pensamentos dos demais. Mas os efeitos diretos da graça de Deus, durante a oração do coração, são tão deliciosos que nenhuma língua humana é capaz de descrevê-los; Eles não são comparáveis a nenhuma coisa material; O mundo sensível é algo muito baixo comparado às sensações que a graça desperta no coração.

O cego ouviu estas palavras com muita atenção e tornou-se ainda mais humilde; A oração continuou a desenvolver-se no seu coração e trouxe-lhe uma alegria inefável. Minha alma ficou feliz por isso e agradei ao Senhor, que me fez conhecer tamanha piedade em um de seus servos.

Finalmente chegamos a Tobolsk; Lá, levei-o para o asilo e, depois de me despedir dele com muito carinho, retornei ao meu caminho solitário.

Durante um mês inteiro caminhei pouco a pouco e comecei a sentir como os exemplos vivos são úteis para nós e quanto bem nos fazem. Li muitas vezes a Filocalia, e o que li nela confirmou o que eu havia dito ao cego. Seus exemplos inflamaram meu zelo e meu amor pelo Senhor. A oração do coração me deixou tão feliz que não pensei que fosse possível sê-lo mais na terra, e me perguntei como as delícias do Reino celestial poderiam ser maiores do que estas. Esta felicidade não iluminou apenas o interior da minha alma; O mundo exterior também me apareceu sob um aspecto encantador, e tudo me convidava a amar e a louvar a Deus: os homens, as árvores, as plantas, os animais, tudo me parecia familiar, e em todos os lugares encontrei a imagem do nome de Deus, Jesus Cristo. Às vezes me sentia tão leve que tinha a impressão de não ter mais corpo e de flutuar suavemente no ar; às vezes eu entrava completamente dentro de mim mesmo. Ali vi claramente o meu interior e admirei a maravilhosa construção do corpo humano; outras vezes sentia uma alegria tão grande como se tivesse se tornado rei; e no meio de todas essas consolações, desejei que Deus me permitisse morrer o mais rápido possível e que eu pudesse deixar transbordar a minha gratidão aos seus pés, no mundo dos espíritos.

Sem dúvida, tive muito prazer com essas sensações, ou talvez Deus tenha decidido que assim fosse; mas, depois de algum tempo, senti no coração uma espécie de medo que me deu algo em que pensar. Não será isto, disse a mim mesmo, uma nova desgraça ou tribulação como a que tive de sofrer por aquela jovem a quem ensinei a oração de Jesus na capela? Os pensamentos me dominaram como nuvens negras, e lembrei-me das palavras do bem-aventurado João dos Cárpatos, que diz que muitas vezes o professor é desonrado e sofre tentações e tribulações por aqueles a quem ajudou espiritualmente. Depois de ter lutado contra estes pensamentos, entreguei-me à oração, que os fez desaparecer completamente. Aí me senti mais fortalecido e disse a mim mesmo: Que seja feita sempre a vontade de Deus! Estou disposto a suportar tudo o que Nosso Senhor Jesus Cristo quiser me enviar para expiar meu endurecimento e meu orgulho. Além disso, todos aqueles a quem revelei recentemente o mistério da oração interior foram preparados para isso pela ação misteriosa de Deus, antes de eu os encontrar no meu caminho. Esse pensamento me acalmou completamente e assim pude continuar caminhando em oração e alegria, mais feliz do que antes. Durante dois dias choveu incessantemente e a estrada estava tão cheia de lama que era um pântano contínuo; Neste momento eu estava caminhando pela estepe, e em quinze verstas não encontrei um único lugar habitado. Até que finalmente, ao anoitecer, avistei ao longe uma pousada na

estrada, o que me encheu de alegria, pensando que pelo menos ali eu poderia descansar e passar a noite. E no dia seguinte, Deus dirá; Talvez o tempo melhore.

A CASA POS

Ao me aproximar da casa, vi um velho com casaco de soldado; Ele estava sentado em uma ladeira em frente à pousada e parecia bêbado. Eu o cumprimentei e disse:

— A quem posso pedir permissão para passar a noite aqui?

— Quem pode deixar você entrar senão eu? - gritou o velho -; Eu sou o dono aqui. Sou postmaster e os relés são feitos aqui.

- Muito bem; Permita-me então, avô, passar a noite em sua casa.

- Você tem passaporte? Vamos ver seus documentos!

Mostrei-lhe o passaporte e, com ele nas mãos, ele começou a gritar:

— Bem, onde está esse passaporte?

"Você o tem em suas mãos", respondi.

— Está bem, vamos entrar.

O agente do correio colocou os óculos, examinou o passaporte e disse:

— Parece que está tudo em ordem; Voce pode ficar aqui. Veja, eu sou um bom homem; Espere, vou servir uma bebida para você.

— Nunca bebo — lhe respondi.

- Bom não importa. Mas pelo menos jante conosco.

Ele sentou-se à mesa com a cozinheira, uma jovem também bastante bêbada, e eu sentei-me ao lado deles. Durante todo o jantar eles não pararam de discutir e de se repreender, até que finalmente estourou uma verdadeira batalha. A dona foi dormir no almoxarifado e a cozinheira ficou para lavar a louça, enquanto xingava o homem mil vezes.

Continuei sentado e, vendo que ele não dava sinais de permanecer calado, disse-lhe:

— Onde posso dormir, boa mulher? Estou muito cansado da estrada.

— Vou preparar sua cama agora mesmo.

E colocou um banco perto daquele que ficava embaixo da janela da frente, estendeu sobre ele um cobertor de feltro e colocou um travesseiro sobre ele. Caí naquela cama e fechei os olhos, fingindo que já estava dormindo. A cozinheira continuou por muito tempo cheia de raiva, andando de um lado para o outro na sala; Por fim, ela

terminou suas tarefas, apagou a luz e chegou perto de mim. De repente, toda a janela que estava no canto da fachada voou da moldura no meio de um estrondo terrível, e as molduras, os vidros e os montantes se despedaçaram; Ao mesmo tempo, gemidos, gritos e um barulho semelhante ao de uma briga foram ouvidos do lado de fora. A mulher aterrorizada saltou para o centro da sala e caiu no chão. Pulei do banco, acreditando que a terra se abria aos meus pés. Neste momento vi dois cocheiros levando para a izba um homem coberto de sangue, cujo rosto não se distinguia. Isso aumentou minha ansiedade. Foi um mensageiro do Estado que teve que trocar de cavalo ali. O cocheiro havia tomado o caminho errado para entrar e arrancado a janela com a vara, e, como em frente havia ali um buraco, a carroça havia tombado e o mensageiro havia ferido a cabeça em uma estaca pontiaguda que segurava o chão. O mensageiro pediu água e álcool para lavar o ferimento. Umedeceu-o com conhaque, depois bebeu um copo e gritou:

- Os cavalos!

Me aproximei dele e disse:

— Como você deseja continuar sua viagem com tal lesão?

“Um mensageiro não tem tempo para ficar doente”, respondeu ele, e saiu.

Os garçons levaram a mulher para um canto próximo ao fogão, e a cobriram com um cobertor dizendo:

— Ela desmaiou de medo.

O agente do correio serviu-se de um bom copo e foi dormir. Fiquei sozinho.

Pouco depois, a mulher levantou-se e começou a andar de um lugar para outro, como uma sonâmbula; Finalmente, ela saiu de casa. Fiz uma oração e, sentindo-me fraco, adormeci antes do amanhecer.

Pela manhã, despedi-me do agente dos correios e, enquanto caminhava, elevei minhas orações com fé, esperança e gratidão ao Pai de toda misericórdia e de toda consolação, que havia afastado de mim um infortúnio iminente.

Seis anos depois destes acontecimentos, ao passar perto de um convento, entrei na igreja para rezar. A abadessa gentilmente me recebeu em sua casa após a Missa e me fez servir chá. Naquele momento anunciaram que haviam chegado convidados de passagem; Ela veio cumprimentá-los e eu fiquei com as freiras que moravam com ela. Ao ver uma delas que me servia chá com muita humildade, fiquei curioso e perguntei-lhe:

— Há quanto tempo, irmã, você está no convento?

“Cinco anos”, ele respondeu; Quando me trouxeram para este lugar, minha cabeça não estava certa, mas Deus teve compaixão de mim. A madre abadessa levou-me consigo para a sua cela e obrigou-me a fazer os votos.

— E como você perdeu a cabeça?

— De um susto. Ele trabalhava em uma agência de correios. Uma noite, enquanto eu dormia, os cavalos explodiram uma janela e fiquei louca de terror. Durante um ano inteiro os meus pais levaram-me aos locais de peregrinação, mas só quando cheguei aqui é que recuperei a saúde.

Ao ouvir estas palavras, alegrei-me em minha alma e glorifiquei a Deus, cuja sabedoria transforma tudo em nosso benefício.

UMA CURA NA VILA

“Outras aventuras ainda aconteceram comigo”, disse eu, dirigindo-me ao meu pai espiritual. Se eu quisesse te contar tudo, três dias não seriam suficientes. Mas se estiver tudo bem para você, vou lhe contar mais uma.

Num belo dia de verão, avistei a alguma distância da estrada um cemitério, ou melhor, uma comunidade paroquial, ou seja, uma igreja com a casa dos servos da messe e um cemitério. Os sinos tocavam anunciando a Santa Missa e corri para ir à igreja. As pessoas ao redor seguiram o mesmo caminho; mas muitos sentaram-se na grama antes de chegar à igreja e, vendo que eu estava com pressa, me disseram:

— Não vá tão rápido, você chegará a tempo; Nesta igreja as missas são celebradas muito lentamente: o padre está doente e é também muito calmo.

E, de fato, a liturgia não estava acontecendo muito rapidamente. O padre, jovem, mas pálido e magro, celebrava muito lentamente, com piedade e sentimento; No final da Missa, fez um excelente sermão sobre como chegar ao amor de Deus.

O padre me convidou para comer com ele. Durante a refeição eu disse a ele:

— Você celebra os mistérios com muita piedade, meu Padre, mas também muito lentamente.

“Certamente”, ele respondeu; E meus paroquianos não gostam muito disso e por isso murmuram. Mas perdem tempo, porque gosto de meditar e ponderar cada palavra antes de pronunciá-la; Se forem privados desse sentimento interior, as palavras não terão valor nem para si nem para os outros. Tudo está na vida interior e na oração atenta. Ah, e quão pouco alguém está interessado na atividade interior! - ele adicionou -. Não há vontade ou preocupação com a iluminação espiritual interior.

Perguntei novamente:

— Mas como chegar a isso? É uma coisa tão difícil!

— Não é difícil de forma alguma. Para receber iluminação espiritual e tornar-se um homem interior, é preciso pegar qualquer texto das Escrituras e concentrar nele toda a atenção pelo maior tempo possível. Através deste caminho descobrimos a luz da inteligência. Para orar, você deve proceder da mesma forma:

Se você deseja que sua oração seja pura e reta e produza bons efeitos, você deve escolher uma oração curta, composta de algumas palavras curtas, mas enérgicas, e repeti-la por muito tempo e com muita frequência; É aí que você vem para desfrutar da oração.

Gostei muito deste ensinamento do padre porque era prático e fácil e ao mesmo tempo profundo e sábio. Agradei a Deus em espírito por me ter feito conhecer um verdadeiro pastor da sua Igreja.

Depois da refeição, o padre me disse:

— Vá descansar um pouco; Vou ler a Palavra de Deus e preparar meu sermão para amanhã.

Fui para a cozinha. Havia apenas uma cozinheira muito velha, toda curvada, sentada num canto e tossindo. Sentei-me perto de uma janela, tirei a Filocalia da mochila e comecei a ler em voz baixa. Pouco depois notei que a velha sentada no canto recitava incessantemente a oração de Jesus. Deu-me grande alegria a ouvir invocar o Santo Nome do Senhor e disse-lhe:

— Como é bom, boa mulher, que você esteja fazendo a oração assim! É a melhor e mais cristã das obras.

"Isso mesmo", ele respondeu. No declínio da minha vida, este é o meu consolo. Que o Senhor me perdøe.

—Você está rezando assim há muito tempo?

— Desde a minha juventude; e sem isso eu não poderia viver, porque a oração de Jesus me salvou do infortúnio e da morte.

- Como isso aconteceu? Diga-me, por favor, para a glória de Deus e em honra da poderosa oração de Jesus.

Coloquei a Fioalía na bolsa, sentei ao lado da velha e ela começou a contar:

— Quando eu era jovem e bonita, meus pais me casaram; Na véspera do casamento, meu namorado estava prestes a entrar em nossa casa, quando de repente caiu morto a poucos passos da porta. Ao vê-lo, o terror que senti foi tal que

naquele mesmo momento decidi permanecer virgem e ir aos Lugares Santos rezar a Deus. Porém, eu tinha medo de andar sozinha por aquelas estradas, pois pessoas más poderiam me atacar por causa da minha juventude. Uma senhora idosa que estava vagando há muito tempo me ensinou que eu deveria rezar a oração de Jesus sem cessar e me garantiu com palavras muito persuasivas que esta oração me protegeria de qualquer perigo na estrada. Acreditei no que aquela mulher me disse e nada de desagradável me aconteceu, mesmo nas regiões mais distantes. Meus pais me enviaram o dinheiro necessário para a viagem. À medida que envelheci, também fiquei doente e, felizmente para mim, o padre desta igreja me alimenta e me abriga por pura bondade.

Ouvi aquela história com muita alegria e não sabia como agradecer a Deus por aquele dia, que me revelou exemplos tão edificantes. Pouco depois, pedi àquele bom e santo sacerdote que me desse a sua bênção e parti novamente cheio de alegria.

ESTRADA DE KAZAN

E olhei atentamente; Há pouco tempo, quando estava de passagem pela província de Kazan para vir aqui, tomei novamente consciência dos efeitos da oração de Jesus. Mesmo para quem o pratica inconscientemente, é o meio mais seguro e rápido para alcançar os bens espirituais.

Uma tarde, tive que ficar numa aldeia tártara. Ao entrar pelas ruas da cidade, vi diante de uma casa um carro e um cocheiro russo; Os cavalos estavam soltos e pastando perto da carruagem. Com muita alegria resolvi pedir para passar a noite naquela casa, onde esperava encontrar pelo menos almas cristãs. Aproximei-me e perguntei ao cocheiro quem ele carregava no carro. Ele respondeu que seu mestre estava indo de Kazan para a Crimeia. Enquanto eu conversava com o cocheiro, o homem abriu a cortina de couro da janela, olhou para mim e disse:

— Pretendo passar a noite aqui, mas não entrarei na casa dos tártaros porque eles estão muito sujos; Prefiro dormir no carro.

Um pouco mais tarde, o homem saiu para passear um pouco, porque estava uma tarde muito bonita, e começamos a conversar. Conversamos sobre diversos assuntos e ele me contou mais ou menos o seguinte:

"— Até os sessenta e cinco anos servi na frota como capitão de navio. À medida que fui crescendo, adoei com gota e retirei-me para a Crimeia, para algumas das terras da minha mulher; Eu estava quase sempre doente. Minha esposa gostava muito de recepções e ainda mais de jogar cartas. Acabou se cansando de conviver constantemente com um doente e foi para Kazan ficar com nossa filha, que era

esposa de um funcionário; Ela levou tudo consigo, até as empregadas domésticas, deixando como criado um menino de oito anos, meu afilhado."

Continuei assim, privado de toda companhia, durante três anos. O menino estava muito esperto: arrumava o quarto, acendia o fogo, preparava meu ensopado e aquecia meu bule. Mas ao mesmo tempo ele era muito impulsivo, um verdadeiro moleque. Ele corria, gritava, brincava, batia em todos os lugares e isso me incomodava muito; Por causa da minha doença e para passar o tempo, li muitos autores espirituais. Eu tinha um excelente livro de Gregorio Palamas [100] sobre a Oração de Jesus. Li quase continuamente e orei um pouco. O barulho que o menino fez foi muito desagradável para mim, e nenhuma medida ou punição de qualquer espécie poderia fazê-lo fazer qualquer reparação. Acabei inventando um jeito: obriguei ele a sentar na sala em um banquinho e repetir ali a oração de Jesus. A princípio esta medida foi-lhe tão violenta que, para não a cumprir, manteve-se em silêncio.

Mas para forçá-lo a executar minha ordem, levei algumas varas para casa. Quando ele fazia a oração, eu lia calmamente ou ouvia o que ele dizia; Mas assim que ele ficou em silêncio, mostrei-lhe as varas e, tremendo de medo, ele recomeçou a oração. Isso me fez muito bem porque finalmente houve calma e silêncio em minha casa. Depois de algum tempo, pude perceber que a ameaça das varas não era mais necessária: executava minha ordem com prazer e muita alegria; Mais tarde, seu caráter mudou completamente; Ele começou a ser suave e calmo e se saiu muito melhor nas tarefas domésticas. Fiquei muito feliz e comecei a dar mais liberdade a ele. Quais foram os resultados? Pois bem, ele ficou tão habituado à oração que a repetia incessantemente e sem que eu tivesse que forçá-lo de forma alguma. Quando falei com ele sobre isso, ele respondeu que sentia um desejo incontrolável de recitar a oração.

— O que você sente quando ora?

"- Nada especial; Mas me sinto bem quando faço a oração."

— Mas como, bem?

"- Não sei como explicar."

— Você se sente feliz?

— Sim, sinto-me feliz.

O menino tinha doze anos quando estourou a Guerra da Crimeia. Parti para Kazan e levei-o comigo para a casa da minha filha. Lá o instalamos na cozinha com os demais moradores da casa e ele se sentiu muito infeliz porque eles passavam o

tempo entretendo e brincando e também zombando dele, sem permitir que ele se ocupasse com a oração. Depois de três meses ele veio me procurar e me disse:

- Eu estou indo para casa; Não aguento mais essa vida de tanto burburinho.

Eu respondi a ele:

— Como você quer ir para tão longe, sozinho e no meio do inverno? Espere até eu voltar e levarei você comigo.

No dia seguinte, o menino havia desaparecido. Mandamos procurá-lo por toda parte, mas tudo foi inútil. Finalmente, um belo dia recebi uma carta da Crimeia; Os responsáveis pela casa que tenho lá me anunciaram que, no dia 4 de abril, um dia depois da Páscoa [101], encontraram o menino morto na casa solitária. Encontraram-no caído no chão do meu quarto, com as mãos cruzadas sobre o peito, o chapéu debaixo da cabeça e com o vestido pobre que sempre usava e com o qual tinha fugido. Enterraram-no no meu jardim.

Ao receber esta notícia, fiquei impressionado com a rapidez com que ele chegou lá. Ele havia partido em 26 de fevereiro e foi encontrado morto em 4 de abril. Três mil verstas por mês dificilmente podem ser percorridas por um cavalo, pois são cem verstas por dia. Além disso, com pouquíssima roupa, sem passaporte e sem moeda. Mesmo que encontrasse uma carruagem que o levasse, isso não poderia ter acontecido sem a intervenção divina. Disto se vê que meu pequeno servo encontrou o fruto da oração, enquanto eu, no final da minha vida, ainda não consegui chegar tão alto quanto ele.

Eu então disse ao Senhor:

— Esse excelente livro de Gregorio Palamas que você leu, eu conheço; mas fala mais de oração oral. Você deveria ler este outro livro chamado Filocalia. Nele você encontrará o ensino completo da oração de Jesus no espírito e no coração.

E ao dizer isso, ensinei-lhe a Filocalia. Ele ouviu meu conselho com alegria e respondeu que iria comprar o livro.

Meu Deus!, disse para mim mesmo. Que efeitos maravilhosos do poder divino são revelados por esta oração! Quão edificante e profunda é esta história; As varas ensinaram a oração àquele menino e lhe deram felicidade! Os infortúnios e tristezas que encontramos, o que mais são senão as varas de Deus? Por que temer, então, quando a mão de nosso Pai celestial nos ameaça com elas? Ele está sempre cheio de amor infinito por nós, e essas varinhas nos ensinam a orar com maior fervor e nos levam a uma alegria inefável.

Aqui terminei minhas histórias e disse ao meu Pai espiritual:

— Perdø-me em nome de Deus; Tenho falado muito e os Padres ensinam que uma conversa, mesmo espiritual, só é vaidade se durar muito tempo. É hora de procurar novamente quem vai me acompanhar até Jerusalém. Reza por mim, pobre pecador, para que o Senhor, na sua misericórdia, faça com que tudo me corra bem na minha peregrinação.

“Desejo-lhe isso de todo o coração, amado irmão no Senhor”, respondeu ele. Que a graça superabundante de Deus ilumine seus passos e os acompanhe em seu caminho, como o anjo Rafæl acompanhou Tobias.

SEGUNDA PARTE

PRÓLOGO

Charles Krafft

Para muitos dos nossos contemporâneos, a questão tradicional: “Diga-me como posso salvar-me” já não faz sentido. O que deveria ser salvo de um homem que é naturalmente bom ou “normalmente anormal”? As únicas atitudes oferecidas ao “homem de hoje” são um otimismo, no entanto, desmentido pela realidade cotidiana, um pessimismo desiludido, desesperado e exasperante, ou a esperança utópica de um dia em que os homens imperfeitos criarão finalmente uma sociedade perfeita que os tornará perfeitos pela arte de birlibirloque, só a razão triunfando sobre a baixaza e as paixões.

Contudo, os nossos contemporâneos muitas vezes sentem profundamente dentro de si, como os homens de todos os tempos, uma profunda necessidade de verdade absoluta, de beleza perfeita e de felicidade infinita. Acontece então que eles recebem, como o peregrino russo e muitas vezes graças a ele, o apelo de São Paulo: Rezai sem cessar!, e os seus corações perguntam-se: O que significa este apelo? O que é oração? Por que devemos orar? Como você pode orar sem cessar? A oração responde a esta necessidade de verdade, de beleza e de bem-aventurança que parece uma nostalgia, um chamado misterioso?

Também para muitos, a história da Igreja revela basicamente apenas erros, ilusões e fracassos; Estes nada sabem do cristianismo, a não ser algumas deformações ou imitações, e estão cheios de calúnias que os impedem de querer ver por si próprios se não existe talvez uma realidade desconhecida na Igreja. Eles, e muitas vezes até os cristãos praticantes, desconhecem a história dos santos, a resposta dada pelos místicos aos apelos frequentes e instantâneos da Bíblia à oração e à prática dos mandamentos, ao conhecimento da Verdade e à união com nosso Pai que está nos céus.

As Histórias de um Peregrino Russo colocam-nos na presença, num contexto não habitual para os europeus ocidentais, de uma tradição que remonta a Cristo e aos Apóstolos, e que é a da oração contínua, da oração do coração; da Igreja primitiva à Rússia, passando pelo Monte Sinai, pelo deserto do Egito e pelo Monte Athos, foi transmitida uma experiência precisa, saborosa, luminosa, santificadora de oração e, através dela, do Amor misericordioso, salvador e unificador de Deus., ensinado de um professor experiente a um discípulo, vivido por religiosos ou leigos. Uma ilustração relativamente recente desta tradição encontra-se na pessoa, na vida e nos ensinamentos de São Serafim de Sarov (1759-1833), conhecido por muitos no Ocidente, e no famoso starti de Optino, o grande convento russo.

Nas quatro primeiras histórias de um peregrino russo, o leitor pôde conhecer o próprio peregrino, sua vocação, suas experiências espirituais alimentadas pela Bíblia e pela Filocalia, que é uma compilação de textos patrísticos que tratam da oração espiritual e da guarda do coração. Antes de entrar no Caminho, o peregrino recebeu do seu padre uma bênção que o ajudou a viver das graças conferidas pelos sacramentos e a evitar os perigos do individualismo orgulhoso ou caprichoso, através da submissão humilde e fervorosa a um mestre, que encarnou para o seu discípulo a Vontade de Deus.

As três histórias que aparecem nesta parte permitem-nos reencontrar o peregrino. Foram encontrados entre os papéis do padre Ambrosio de Optino e publicados na Rússia em 1911.

A quinta história mostra o caráter sombrio e irracional da natureza entregue a si mesma, e a necessidade urgente de oração para escapar misericordiosamente do peso que arrasta o homem para o abismo; fala da Providência, do Amor de Deus, da intercessão da Santíssima Virgem Maria, da proteção que a oração garante. Seguem conselhos diretos e práticos sobre a confissão, considerações sobre a excelência e grandeza da fórmula Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tem piedade de mim, pecador, que constitui o que se chama “Oração de Jesus”; É isto que, na Ortodoxia, e às vezes de forma simplificada, constitui o “apoio” da oração contínua desde o início da sua aprendizagem. Depois, a história fala dos dons do Espírito Santo, do amor ao próximo; responde aos medos de quem não ousa recorrer à oração e, finalmente, oferece um método evangélico de oração, mostrando no Santo Evangelho um ensinamento progressivo sobre a oração e os seus frutos.

A sexta história fala da função dos Evangelhos; dá, apoiando-se no ensinamento dos santos, o segredo da salvação, revelado pela oração contínua: “Estar Nele (Cristo) significa sentir continuamente a Sua presença, invocar continuamente o Seu Nome”; Trata-se da gravidade e do poder da oração, da possibilidade de rezar no meio de

ocupações absorventes ou em companhia, da preguiça ou do desejo de gozo espiritual; Por fim, um breve resumo revisita alguns pontos importantes.

A sétima história fala sobre o eremita, a função do padre, os perigos da imaginação, o desânimo e mostra, por fim, como orar pelos outros.

Estas histórias contêm instruções precisas, apoiadas pela Tradição e ilustradas por pequenas anedotas. É, em particular, a frequência da oração, que é "o único método para chegar à oração pura e verdadeira... Para convencê-lo definitivamente da necessidade e da fecundidade da oração frequente, preste atenção a: — Que todo desejo e todo pensamento de orar é obra do Espírito Santo e da voz do nosso anjo da guarda.

— Que o nome de Jesus Cristo invocado na oração contenha em si um poder salvífico que existe e atua por si mesmo...".

Este caráter de invocação do Nome de Jesus tem origem bíblica; dele falam os Apóstolos, depois de terem sido convidados por Jesus Cristo a rezar em Seu Nome e atentos pelo Pater Noster: Santificado seja o teu Nome e pelo Magnificat: Santo é o Seu Nome. A Santa Virgem evidentemente conhecia o significado do Nome de Jesus, que é: Deus Salvador, e invocou este Nome que resume toda a Revelação misericordiosa do Pai em Seu Filho e toda a história da salvação; Os Apóstolos, por sua vez, invocaram-no, como mostram os textos bíblicos e a maravilhosa história do discípulo de São João, Santo Inácio de Antioquia, que invocava continuamente o Nome de Jesus e até o inscreveu em letras de ouro no seu coração.. A "Oração de Jesus" de que fala o peregrino russo mostra a continuidade desta invocação no tempo, associada a um apelo explícito à Misericórdia. Mas os nomes de "Pai" e "Maria" também têm sido frequentemente invocados, assim como os de "Deus" ou "Senhor".

A prática de invocar um Nome divino pode ser apoiada, por exemplo, por estas citações dos Salmos: mas eu invoquei o Nome do Senhor; Senhor, salve minha alma; sacrificarei uma multidão de louvores e invocarei o Nome do Senhor; bem-aventurados aqueles que amam o Teu Nome. O santo bispo Inácio Brianchaninov escreveu no século passado: "O Nome, por sua forma externa, é limitado, mas representa um objeto ilimitado, Deus, de quem recebe um valor infinito e divino, o poder e as propriedades de Deus". É a doutrina da Tradição.

Os católicos podem perguntar-se se conseguem encontrar na sua Igreja um ensinamento semelhante ao encontrado nos Contos de um Peregrino Russo. Não cabe aqui responder detalhadamente a esta questão; Digamos simplesmente que se a Igreja Ortodoxa desenvolveu e continua a ensinar uma doutrina particularmente precisa da invocação do Nome de Jesus e da oração contínua, a Igreja Católica

também respondeu à exortação de São Paulo: Rezai sem cessar!, e prega devoção ao Santo Nome.

Por um lado, o cristianismo dos santos da Igreja do Oriente é de tal autenticidade que o seu ensinamento diz respeito a todos aqueles que querem ser verdadeiramente cristãos; Por outro lado, as obras de um São Bernardo de Claraval, de um São Boaventura, de um São Bernardino de Sena ou de um Santo Afonso Maria de Ligório, que são santos do Ocidente, também contêm ensinamentos sobre a invocação do santo Nome de Jesus e também o de Maria, sobre o qual Santo Efrém escreveu: “O Nome de Maria é a chave que abre as portas do céu”. E um Frère Laurent da Ressurreição, por exemplo, escreveu com maestria sobre A Experiência da Presença de Deus.

Se hoje é difícil encontrar um padre, um professor de vida de oração, no Ocidente, devemos pedir a ajuda do Espírito Santo. Ele compensa a ausência de um professor humano ou pode dar a oportunidade de encontrá-lo, pois Ele mesmo é o Mestre por excelência e todo professor humano, qualquer que seja o seu grau de santidade, não é de certa forma mais do que Seu representante e Sua encarnação.

Como ensina o monge na sexta história: “Todo desejo e todo pensamento de orar é obra do Espírito Santo ”. Que este mesmo Espírito guie os passos daqueles que buscam o Caminho, a Verdade e a Vida!

Na festa do Santo Nome de Jesus.

QUINTO RELATO

O PADRE: Um ano se passou desde a última vez que vi o peregrino, quando finalmente uma batida suave na porta e uma voz suplicante anunciaram a chegada daquele irmão piedoso, por quem uma recepção cordial esperava.

— Entre, querido irmão, e vamos juntos agradecer a Deus por ter abençoado seu caminho e por tê-lo trazido de volta.

O PEREGRINO: Louvado seja e graças ao Pai que está nos céus pela sua generosidade em todas as coisas, que Ele ordena segundo a sua melhor opinião e sempre para o bem de nós, peregrinos e estrangeiros em terra estranha. Eis este pecador, que te deixou no ano passado e que a misericórdia de Deus considerou digno de ver e ouvir novamente a tua alegre acolhida. E, claro, você espera ouvir de mim uma descrição completa da Cidade Santa de Deus, Jerusalém, pela qual minha alma ansiava e para a qual eu estava firmemente determinado a ir. Mas os nossos desejos nem sempre podem ser satisfeitos, e foi o que aconteceu no meu caso. E com razão, pois como poderia eu, infeliz pecador, ser considerado digno de pisar aquela terra sagrada onde os passos divinos de Nosso Senhor Jesus Cristo deixaram a sua marca?

Você se lembra, padre, que saí daqui no ano passado com um velho surdo como companheiro e que recebi uma carta de um comerciante de Irkutsk para seu filho em Odessa pedindo-lhe que me enviasse para Jerusalém. Bom, chegamos perfeitamente em Odessa em pouco tempo. Meu companheiro comprou imediatamente uma passagem para Constantinopla e partiu. Eu, por minha vez, comecei a procurar o filho do comerciante para saber o endereço da carta. Logo encontrei sua casa, mas lá descobri, para minha surpresa e pesar, que meu benfeitor não estava mais entre os vivos. Ele havia morrido, após uma curta doença, e havia sido enterrado três semanas antes. Isso me desanimou muito, mas ainda confiava no poder de Deus. A casa inteira estava de luto, e a viúva, que ficou com três filhos pequenos, estava tão angustiada que chorava continuamente e desmaiava de dor várias vezes ao dia. Sua dor era tão grande que parecia que ela também não viveria muito. Apesar de tudo, no meio de tudo isto, ela recebeu-me com carinho, embora em tal estado de coisas não pudesse enviar-me a Jerusalém. Mas ela me pediu para ficar com ela cerca de quinze dias até que seu sogro viesse a Odessa, como havia prometido, para colocar em ordem os assuntos da família indefesa.

Então eu fiquei. Uma semana se passou, depois um mês, depois outro. Mas, em vez de vir, o comerciante escreveu dizendo que seus próprios assuntos não lhe permitiriam vir e aconselhando que os empregados fossem demitidos e que todos fossem imediatamente com ele para Irkutsk. Começou então uma grande agitação e, ao ver que já não se interessavam por mim, agradei-lhes a hospitalidade e despedi-me. Mais uma vez vaguei pela Rússia.

Eu pensei e pensei. Para onde eu deveria ir? Finalmente decidi que iria primeiro para Kiev, onde não ia há muitos anos. Então eu fui para lá. Naturalmente, a princípio fiquei chateado por não ter conseguido realizar meu desejo de ir a Jerusalém, mas refletindo vi que mesmo isso não havia acontecido sem a providência de Deus, e me acalmei com a esperança de que Deus, que ama os homens, aceitaria a intenção do ato e não deixaria que minha infeliz viagem fosse desprovida de edificação e benefício espiritual. E assim foi, pois me deparei com pessoas que me ensinaram muitas coisas que eu desconhecia e que, para minha salvação, trouxeram luz à minha alma sombria. Se a necessidade não tivesse me colocado nesta jornada, eu não teria encontrado esses meus benfeitores espirituais.

Assim, durante o dia eu caminhava orando e à noite, quando parava para passar a noite, lia minha Filocalia para fortalecer e estimular minha alma em sua luta contra os inimigos invisíveis da salvação.

No caminho, a cerca de setenta verstas de Odessa, me deparei com um fato surpreendente. Havia uma longa fila de carroças carregadas de mercadorias; seriam

cerca de trinta. Eu os alcancei. O cocheiro da frente, que era o guia, caminhava ao lado de seu cavalo, e os demais o seguiam em grupo à distância. O percurso passava por uma lagoa, que era atravessada por um riacho, e onde o gelo quebrado da primavera rodopiava e se amontoava nas margens com um barulho horrível. De repente, o primeiro condutor, um jovem, parou o cavalo, e toda a fila de carros atrás dele teve que parar também. Os outros motoristas correram em sua direção e viram que ele havia começado a se despir. Perguntaram por que ele fez isso e ele respondeu que queria muito tomar banho na lagoa. Alguns dos motoristas atônitos começaram a rir dele, outros a repreendê-lo, chamando-o de louco, e o mais velho, seu próprio irmão, tentou detê-lo, dando-lhe um empurrão para que não continuasse. O outro estava se defendendo e não tinha intenção de prestar atenção ao que lhe diziam. Vários jovens condutores começaram a tirar água da lagoa nos baldes com que davam de beber aos cavalos e, de brincadeira, atiravam-na na cabeça e nas costas de quem queria banhar-se, dizendo: “Aqui, aqui; Nós vamos te dar um banho! Assim que a água tocou seu corpo, ele exclamou: “Ah, que bom!” e sentou-se no chão. Eles continuaram jogando água nele e depois de um tempo ele se deitou e morreu pacificamente ali mesmo. Todos ficaram chocados, sem saber por que isso havia acontecido. Os mais velhos ficaram muito agitados, dizendo que as autoridades deveriam ser avisadas, enquanto os demais chegaram à conclusão de que era seu destino ter tal morte.

Fiquei com eles cerca de uma hora e depois continuei meu caminho. Cerca de cinco verstas adiante, vi uma aldeia na estrada e, ao entrar nela, encontrei um velho padre caminhando pela rua. Ocorreu-me que poderia contar-lhe o que acabara de ver, para saber a sua opinião. O padre me levou até sua casa, contei-lhe o ocorrido, pedindo-lhe que me explicasse a causa do ocorrido.

— Não posso lhe dizer nada sobre isso, querido irmão, exceto talvez que há muitas coisas surpreendentes na natureza que a nossa razão não consegue compreender. Acredito que isso foi organizado por Deus para mostrar aos homens mais claramente seu governo e providência sobre a natureza, por meio de certos casos de mudanças anormais em suas leis. Acontece que eu próprio já fui testemunha de um caso semelhante. Perto da nossa aldeia há uma ravina muito profunda e íngreme, não muito larga, mas com vinte metros de profundidade ou mais. É chocante olhar para o seu fundo escuro. Eles construíram uma espécie de passarela para atravessá-la. Um camponês da minha freguesia, homem de família muito respeitável, foi subitamente tomado, sem motivo, pela vontade irresistível de atirar-se desta pequena ponte para o fundo do barranco. Ele lutou contra a ideia e resistiu ao impulso durante uma semana inteira. Finalmente, ele não conseguiu mais se conter. Um dia ele acordou cedo, saiu de casa como um raio e pulou no abismo. Logo ouviram seus gemidos e, com muita dificuldade, o retiraram do buraco, com as

pernas quebradas. Quando lhe perguntaram o motivo da queda, ele respondeu que, apesar da grande dor que agora sofria, seu espírito se acalmou ao ter realizado o desejo irresistível que o obcecou durante uma semana inteira, e para cuja satisfação ele estava disposto a perder sua vida. Ele passou um ano inteiro no hospital, se recuperando. Eu costumava ir vê-lo e muitas vezes encontrava os médicos perto dele. Assim como você, queria saber deles o motivo deste evento. Os médicos responderam unanimemente que era um “frenesi”. E quando lhes pedi uma explicação científica sobre o que era isso e o que o levou a atacar um homem, não consegui arrancar mais nada deles, exceto que este era um dos segredos da natureza ainda não revelado à ciência. Eu, pela minha parte, salientei que, se em tal mistério da natureza, alguém se voltasse para Deus em oração, e também falasse sobre isso com pessoas boas, então este “frenesi” incontrolável de que falavam não alcançaria o seu propósito..

Na verdade, encontramos muitas coisas na vida humana das quais não podemos ter uma compreensão clara.

Enquanto conversávamos, já escurecia e passei a noite lá. Pela manhã, o prefeito mandou sua secretária pedir ao padre que enterrasse o falecido no cemitério, e dizer que os médicos, após a autópsia, não detectaram nenhum sinal de loucura, e deram a causa da morte como convulsão repentina.

“Olhe para isso agora”, disse-me o padre. A ciência médica não consegue dar uma razão precisa para esta necessidade incontrolável de água.

E assim me despedi do padre e retomei minha jornada. Depois de viajar vários dias e me sentindo bastante cansado, cheguei a uma cidade comercial de tamanho considerável chamada Bielaya Tcherkov. Como a tarde já estava caindo, comecei a procurar alojamento para passar a noite. No mercado encontrei um homem que parecia ser um viajante. Ele fez perguntas nas lojas sobre o endereço de uma certa pessoa que morava lá. Quando ele me viu, veio em minha direção e disse:

— Você também parece um peregrino, então vamos juntos encontrar um homem chamado Evreinov, que mora nesta cidade. Ele é um bom cristão e dirige uma esplêndida pousada onde acolhe peregrinos. Olha, tenho algo escrito sobre ele.

Consenti prontamente e logo encontramos a casa dele. Embora o estalajadeiro não estivesse em casa, sua esposa, uma senhora gentil, nos recebeu muito calorosamente e nos ofereceu um pequeno e isolado espaço no sótão. Nos acomodamos e descansamos um pouco.

Então nosso estalajadeiro veio e nos convidou para jantar com eles. Durante o jantar conversamos sobre quem éramos e de onde viemos, e por uma razão ou

outra a conversa girou em torno da questão de por que ele se chamava Evreinov [102].

“Vou lhe contar uma coisa estranha sobre isso”, disse ele, e começou sua história:

“Vou contar o que aconteceu. Meu pai era judeu. Ele nasceu em Schklov e odiava os cristãos. Desde cedo ele se preparou para ser rabino e estudou minuciosamente todo o discurso judaico que visava refutar o Cristianismo. Um dia ele passou por um cemitério cristão. Ele viu um crânio humano, que devia ter sido retirado de alguma sepultura recentemente escavada. Ele ainda tinha as duas mandíbulas e nelas havia alguns dentes de aparência horrível. Num acesso de raiva, ele começou a zombar dela; Ele cuspiu nela, cobriu-a de insultos e chutou-a. Não contente com isso, pegou-a e prendeu-a num poste, como fazem com ossos de animais para espantar pássaros vorazes. Depois de se divertir, ele foi para casa. Na noite seguinte, mal tinha adormecido, quando um estranho lhe apareceu e o repreendeu violentamente, dizendo: “Como ousa insultar o que resta dos meus pobres ossos? Eu sou cristão; mas quanto a você, você é um inimigo de Cristo”. A visão se repetia várias vezes todas as noites e ele não conseguia dormir nem descansar. Mais tarde, a mesma visão começou a surgir diante de seus olhos em plena luz do dia, enquanto ele ouvia o eco daquela voz reprovadora. Com o tempo, a visão tornou-se mais frequente até que, finalmente, ele começou a se sentir desanimado, cheio de medo e a perder forças. Ele foi até seu rabino, que o cobriu de orações e exorcismos. Mas o aparecimento não só não parou, como tornou-se mais frequente e ameaçador.”

Este estado de coisas tornou-se conhecido e, ao saber disso, um amigo seu, cristão, começou a aconselhá-lo a aceitar a religião cristã, e a incitá-lo a pensar que não havia outra forma de se livrar do seu aspecto perturbador. Mas o judeu estava relutante em dar este passo. Ainda assim, ele disse em resposta: “Eu farei de bom grado o que você deseja para se livrar desta aparição atormentadora e intolerável”. O cristão ficou feliz ao ouvir isso e o convenceu a enviar ao bispo local um pedido de batismo e recepção na Igreja Cristã. A petição foi escrita e o judeu, não muito ansioso, assinou-a. E eis que, no mesmo momento em que a petição foi assinada, a aparição parou e nunca mais o incomodou. Sua alegria não tinha limites e, com o espírito completamente calmo, ele sentiu uma fé tão ardente em Jesus Cristo que voou até o bispo, contou-lhe toda a história e expressou o profundo desejo de ser batizado. Aprendeu com dificuldade e rapidez os dogmas da fé cristã e, após o batismo, veio morar nesta cidade. Aqui ele se casou com minha mãe, uma boa cristã. Ele levou uma vida piedosa e de bem-estar e foi muito generoso com os pobres. Ele me ensinou a ser o mesmo e, antes de morrer, deu-me instruções sobre o assunto, juntamente com sua bênção. É por isso que sou chamado de Evreinov.

Ouvi esta história com respeito e humildade e pensei comigo mesmo: Quão bom e quão benevolente é Nosso Senhor Jesus Cristo, e quão grande é o Seu amor! Por quais caminhos diferentes ele atrai os pecadores para si! Quão sabiamente ele usa coisas pequenas para levar a coisas grandes! Quem poderia imaginar que a brincadeira maligna de um judeu com ossos sem vida o levaria ao verdadeiro conhecimento de Jesus Cristo, e seria o meio de conduzi-lo a uma vida piedosa?

Depois do jantar, agradecemos a Deus e ao nosso anfitrião e nos retiramos para o nosso sótão. Ainda não queríamos ir para a cama, então começamos a conversar. O meu companheiro contou-me que era um comerciante de Mogilev e que tinha passado dois anos na Bessarábia como noviço num dos mosteiros de lá, mas apenas com um passaporte que expirava numa data fixa. Ele agora estava voltando para casa para obter o consentimento da corporação mercantil para sua entrada definitiva na vida monástica.

“Esses mosteiros me satisfazem”, disse ele, “pela sua ordem e constituição e pela vida rigorosa dos muitos princípios piedosos que ali vivem.

Ele me garantiu que colocar os mosteiros da Bessarábia próximos aos russos era como comparar o céu com a terra, e encorajou-me a fazer o que ele fez.

Enquanto conversávamos sobre essas coisas, um terceiro hóspede foi trazido ao nosso quarto. Era um suboficial do exército que agora voltava para casa de licença. Vimos que ele estava muito cansado da viagem. Fizemos nossas orações juntos e fomos dormir. Na manhã seguinte, acordávamos cedo nos preparando para a viagem e só queríamos ir agradecer ao estalajadeiro quando de repente ouvimos os sinos anunciando as matinas. O comerciante e eu começamos a pensar no que faríamos. Como sair sem ir à igreja depois de ouvir os sinos? Seria melhor ficar para as matinas, fazer as nossas orações na igreja e depois marchar com mais alegria. Uma vez decidido isso, comunicamos para o suboficial. Mas este disse:

— Qual é o sentido de ir à igreja enquanto você está viajando? O que Deus ganha com a nossa ida? Vamos para casa e faremos nossas orações mais tarde. Vocês dois vão se quiserem. Eu não irei. Quando eles assistirem às matinas, estarei a cinco verstas daqui e quero voltar para casa o mais rápido possível.

Para isso o comerciante disse:

— Tenha cuidado, irmão; Não vá tão rapidamente com seus projetos até saber quais são os planos de Deus.

Fomos então à igreja e ele seguiu seu caminho.

Ficamos para as matinas e também para a missa. Então, voltávamos ao nosso sótão para preparar os alforjes para a marcha, quando o que vemos senão o nosso estalajadeiro trazendo o samovar?

- Onde vão? - disse -. Vocês devem tomar uma xícara de chá; sim, e comerem conosco também. Não podemos deixá-los passar fome.

Então ficamos. Fazia meia hora que estávamos sentados ao lado do samovar quando, de repente, vimos nosso suboficial entrando correndo, sem fôlego.

— Venho até você com tristeza e alegria ao mesmo tempo.

- Como é isso? -perguntamos a ele.

E foi isso que ele disse:

— Quando os deixei e fui embora, pensei em entrar na taberna para trocar uma conta e tomar alguma coisa para beber ao mesmo tempo, para poder continuar melhor. Assim fiz, e depois de pegar o troco e beber alguma coisa, vœi embora. Depois de ter percorrido cerca de três verstas, ocorreu-me contar o dinheiro que o homem da taberna me tinha dado. Sentei-me na beira da estrada, peguei minha bolsa e examinei-a. Nenhuma notícia. Então, de repente, descobri que meu passaporte estava faltando. Apenas alguns papéis e dinheiro. Eu estava tão assustado como se tivesse perdido a cabeça. Num instante vi o que tinha acontecido. Sem dúvida eu o deixei cair ao pagar na taverna. Eu tive que voltar imediatamente. Eu corri e corri. Outro pensamento assustador tomou conta de mim: e se não estiver lá? Isso significaria problemas. Corri até o homem atrás do balcão e perguntei a ele. “Eu não vi isso”, disse ele. Que desanimador! Procurei de um lugar para outro; Procurei em todos os lugares, onde quer que pudesse estar. E o que vocês acham?: Tive a sorte de encontrar meu passaporte. Lá estava ele, ainda curvado, no chão, entre a palha e o lixo, todo pisoteado. Graças a Deus! Fiquei feliz, garanto. Foi como se um grande peso tivesse sido tirado dos meus ombros. Claro, estava sujo e coberto de lama, o suficiente para me render um tapa na cara, mas isso não era importante. De qualquer forma, podia ir para casa e voltar em segurança. Mas eu vim te contar. E o que é mais: à força de correr, em estado de choque, meu pé ficou em carne viva devido à fricção e não consigo mais andar. Então vim pedir uma pomada para passar antes de fazer o curativo.

“Você vê, irmão”, disse o comerciante. Isso porque você não queria nos ouvir e ir conosco à igreja. Você queria nos dar uma boa vantagem e, pelo contrário, aqui está você de novo, e coxo, como prova. Eu já disse para você não se apressar tanto com seus planos; Você vê onde tudo terminou. Foi uma coisa pequena não ir à igreja, mas usar uma linguagem como “que bem fazemos a Deus orando?” Isso, irmão, estava errado. É claro que Deus não precisa de nossas orações como pecadores,

mas ainda assim, em Seu amor por nós, Ele se agrada que oremos. E não é só aquela santa oração que o próprio Espírito Santo nos ajuda a oferecer e desperta em nós que Lhe agrada, pois Ele nos pede isso quando diz: Permanecei em mim e eu em você, mas toda intenção, todo impulso, Até mesmo todo pensamento direcionado à Sua glória e à nossa salvação tem valor aos Seus olhos. E para nós, a infinita misericórdia de Deus concede recompensas generosas. O amor de Deus concede graça mil vezes mais do que as ações humanas merecem. Se você der a Ele o óbolo mais simples, Ele devolverá ouro como pagamento. Se você simplesmente decidir ir ao Pai, Ele virá ao seu encontro. Você diz uma única palavra, curta e sem sentimento: "Bem-vindo; tenha misericórdia de mim", e Ele se vira para você e te beija. Este é o amor do Pai celestial por nós, indignos como somos. E simplesmente por causa deste amor, Ele se alegra em cada passo que damos em direção à salvação, não importa quão curto seja. Mas você vê desta forma: que glória há para Deus e que vantagem há para alguém, se alguém orar um pouco e depois deixar seus pensamentos vagarem novamente, ou se ele fizer alguma pequena ação meritória, como fazer uma oração em cinco ou dez reverências, ou invocar o Nome de Jesus com um suspiro sincero, ou se dedica a algum bom pensamento, ou se entrega a alguma leitura espiritual, ou se abstém de comida, ou suporta alguma afronta em silêncio? — Tudo isto não Lhe parece suficiente para a sua salvação total, e você acredita que fazê-lo é infrutífero. Não, nenhum destes pequenos atos é em vão, pois Deus, que tudo vê, levará isso em conta e Lhe dará uma recompensa cem vezes maior, não só na vida eterna, mas nesta vida. São João Crisóstomo afirma:

"Nenhum bem de qualquer espécie, por mais insignificante que seja, será desprezado pelo justo Juiz. Se os pecados serão investigados com tal detalhe que responderemos com palavras, desejos e pensamentos, tanto mais as boas obras, por menores que sejam, serão levadas em conta em todos os detalhes e contarão como nosso mérito diante de nosso Juiz cheio de amor."

Vou contar um caso que eu mesmo vi no ano passado. No mosteiro da Bessarábia onde morava havia um padre, um monge de vida santa. Um dia, uma tentação o assaltou. Ele sentiu uma grande vontade de comer peixe seco. E como naquela época era impossível consegui-lo no mosteiro, ele planejou ir ao mercado e comprá-lo. Durante muito tempo lutou contra a ideia, argumentando que um monge deveria contentar-se com a comida habitual fornecida aos irmãos e evitar a todo custo ceder à satisfação dos próprios desejos. Além disso, caminhar pelo mercado, no meio da multidão, também era uma fonte de tentação para um monge e algo inapropriado para ele. No final, as mentiras do Inimigo derrotaram o seu raciocínio e ele, rendendo-se à sua própria obstinação, decidiu-se e saiu em busca do peixe. Depois de sair do mosteiro e andar pela rua, percebeu que não trazia o rosário na

mão e começou a pensar: “Que história é essa de andar como um soldado sem espada? Isto é muito impróprio, e os leigos que me encontrarem irão criticar-me e cairão em tentação, vendo um monge sem o seu rosário”. Ele estava prestes a voltar para buscá-lo quando, apalpando o bolso, viu que estava lá. Tirou-o, benzeu-se e, com o rosário na mão, continuou com calma. Ao se aproximar do mercado, ele viu um cavalo parado em frente a uma loja com uma grande carroça cheia de enormes tonéis. De repente, este cavalo, assustado por algum motivo, disparou com toda a força e, com um grande barulho de cascos, avançou direto em sua direção, roçando seu ombro e derrubando-o no chão, embora sem lhe causar muitos danos. Imediatamente depois, a dois passos dele, a carga tombou e a carroça quebrou. Ele sentou-se rapidamente, claro, bastante assustado, mas ao mesmo tempo maravilhado com a forma como Deus salvou sua vida, pois se a carga tivesse caído uma fração de segundo antes, ele teria sofrido o mesmo destino da carroça. Sem pensar mais, comprou o peixe, voltou, comeu, fez suas orações e foi dormir.

“Ele teve um sono leve, e, nele, um padre de aparência simpática, que ele não conhecia, apareceu-lhe e disse: “Ouça; Sou o protetor desta casa e desejo instruí-lo para que compreenda e se lembre da lição que lhe foi dada. Observe: O fraco esforço que você fez contra a sensação de prazer e a sua negligência em compreender e dominar a si mesmo, deram ao Inimigo a oportunidade de atacá-lo. Ele preparou para você aquela bomba que explodiu diante de seus olhos. Mas o seu anjo da guarda previu isso e lhe inspirou a ideia de fazer uma oração e lembrar o seu rosário. Porque você ouviu essa sugestão, obedeceu e a colocou em prática, foi isso que o salvou da morte. Você viu o amor de Deus pelos homens e Sua generosa recompensa pelo menor ato de se voltar para Ele?” Dizendo isso, o padre da visão desapareceu rapidamente da cela. O monge prostrou-se a seus pés e, ao fazê-lo, acordou, encontrando-se não na cama, mas ajoelhado na porta. Ele contou a história dessa visão para o benefício espiritual de muitas pessoas, inclusive o meu.”

Verdadeiramente ilimitado é o amor de Deus por nós, pecadores. Não é maravilhoso que uma ação tão insignificante - sim, o simples ato de tirar o rosário do bolso e carregá-lo na mão, e invocar o Nome de Deus apenas uma vez - possa dar a vida a um homem, e isso em equilíbrio da Justiça, um momento de invocação de Jesus Cristo pode compensar muitas horas de negligência? Aqui, na verdade, está o pagamento em ouro por uma bagatela. Você vê, irmão, quão poderosa é a oração, e quanto é o Nome de Jesus quando O invocamos? João dos Cárpatos diz na Filocalia que quando, na oração de Jesus, invocamos o santo Nome e dizemos: “Tem piedade de mim, pecador”, a cada uma destas súplicas a Voz de Deus responde secretamente: “Filho, teu “os pecados estão perdoados.” E continua dizendo que quando fazemos a Oração, não há nada naquele momento que nos distinga dos santos, dos confessores e dos mártires. Pois, como diz São João Crisóstomo, “a

oração, mesmo quando estamos cheios de pecado ao pronunciá-la, imediatamente nos purifica”. A amorosa benevolência de Deus para conosco é grande; Porém, nós, pecadores, somos indiferentes e não estamos dispostos a dar uma só hora a Deus em ação de graças, e trocamos o tempo da oração, que é o mais importante, pelos cuidados e azáfama do dia a dia, esquecendo-nos para Deus e nosso dever. É por esta razão que muitas vezes encontramos infortúnios e calamidades, mas mesmo estes são usados pela amantíssima providência de Deus para a nossa instrução e para voltar os nossos corações para Ele.

Quando o comerciante terminou a sua palestra, eu lhe disse:

— Que consolo você trouxe também para minha alma pecadora, sua adoração! Eu me prostraria aos seus pés.

Ao ouvir isso, ele começou a falar comigo assim:

— Ah, parece que você é um amante de histórias piedosas. Espere então; Vou ler para você outro semelhante ao que contei a ele. Tenho aqui um livro com o qual viajo chamado Agapia ou “A Salvação dos Pecadores”, que contém muitas coisas admiráveis.

Tirou o livro do bolso e começou a ler uma belíssima história sobre um certo Agathonik, um homem devoto, que desde a infância fora ensinado por seus piedosos pais a rezar todos os dias diante do ícone da Mãe de Deus a oração que começa por Alegria-te, virgem grávida de Deus, e assim sempre fez. Mais tarde, quando cresceu e começou sua própria vida, ficou absorto nas preocupações e na agitação da vida e raramente fazia orações, até abandoná-las completamente.

Um dia, ele deu alojamento para passar a noite a um peregrino, que lhe disse que ele era um eremita da Tebaida, e que ele teve uma visão na qual foi ordenado a ir até um certo Agathonik e repreendê-lo por ter abandonado a oração para a Mãe de Deus. Agathonik disse que a razão foi que ele fez a oração por muitos anos sem observar nenhum resultado. Então, o eremita lhe disse: “Lembra-te, cego e ingrato, quantas vezes esta oração te ajudou e te impediu de infortúnios. Lembre-se de como, em sua juventude, você foi milagrosamente salvo de um afogamento. Você não se lembra de como uma epidemia levou muitos de seus amigos para o túmulo e você permaneceu saudável? Você se lembra de quando, viajando com um amigo, vocês dois caíram da carroça e ele quebrou a perna enquanto você saiu ileso? Você não sabia bem que um jovem seu conhecido, que estava com boa saúde e forte, agora jaz doente e fraco, enquanto você está saudável e não sofre nenhuma dor? E nisso lembrou Agathonik de muitas outras coisas. Finalmente, disse: “Você deve saber que todos esses males foram afastados de você pela proteção da Santíssima Mãe de Deus, graças àquela breve oração com a qual você diariamente elevava seu

coração à união com Deus. Observe agora; Continue com ela e não pare de louvar a Rainha dos Céus, para que ela não te abandone.

Quando ele terminou de ler, fomos chamados para jantar, após o que, sentindo-nos renovados, agradecemos ao estalajadeiro e partimos. Nos separamos, e cada um foi para onde achou melhor.

Caminhei cerca de cinco dias, encorajado pela lembrança das histórias que ouvira do bom comerciante de Bielaya Tcherkov, e já me aproximava de Kiev. De repente, e sem motivo algum, comecei a me sentir desanimado e triste, e meus pensamentos tornaram-se sombrios e depressivos. A oração veio com dificuldade e uma espécie de indolência tomou conta de mim. Neste ponto, avistando uma floresta de vegetação rasteira espessa junto à estrada, entrei nela para descansar um pouco, procurando um lugar isolado onde pudesse sentar-me debaixo de um arbusto e ler a minha Filocalia, a fim de estimular o meu espírito fraco e confortar o meu espírito medroso.. Encontrei um lugar tranquilo e comecei a ler João Cassiano, na quarta parte da Filocalia - sobre os Oito Pensamentos. Depois de ler alegremente por meia hora, inesperadamente notei a figura de um homem a cerca de cem metros de distância mais adiante na floresta. Ele estava ajoelhado e absolutamente imóvel. Fiquei feliz em ver isso, pois percebi naturalmente que ele estava orando e comecei a ler novamente. Continuei lendo por mais ou menos uma hora e então olhei para cima novamente. O homem ainda estava ajoelhado ali e não se mexeu. Tudo isso me impressionou muito e pensei: “Que servos devotados de Deus existem!”

Enquanto eu pensava sobre isso, o homem de repente caiu no chão e ficou imóvel. Isso me assustou e como eu não tinha visto seu rosto, pois ele estava ajoelhado de costas para mim, fiquei curioso para ir ver quem era. Quando cheguei até ele, encontrei-o dormindo levemente. Ele era um garoto do campo, um jovem de cerca de vinte e cinco anos. Ele tinha um rosto agradável, bonito, mas pálido. Ele usava um cafetã de camponês com uma corda como cinto. Não havia nada mais especial nele. Ele não tinha kotomka [103] e nem mesmo bengala. O barulho da minha chegada o acordou e ele se levantou. Perguntei-lhe quem ele era e ele disse-me que era um camponês estatal, da província de Smolensk, e que vinha de Kiev.

— E para onde você vai agora? - perguntei-lhe.

“Eu mesmo não sei aonde Deus vai me levar”, respondeu ele.

— Faz muito tempo que você não sai de casa?

- Sim; mais de quatro anos.

— E onde você morou esse tempo todo?

— Tenho ido de santuário em santuário, a mosteiros e igrejas. Não adiantava ficar em casa. Sou órfão e não tenho parentes. Além disso, tenho um pé aleijado. Então vou vagando pelo mundo.

“Alguma pessoa temente a Deus deve ter ensinado você, ao que parece, a não passear, mas a visitar lugares sagrados”, eu disse.

“Sim, você viu”, ele respondeu. Não tendo pai nem mãe, quando criança ia com os pastores da nossa aldeia e tudo correu bem até aos dez anos. Então, um dia, trouxe o rebanho para casa sem perceber que o melhor carneiro do prefeito [104] não estava entre eles. E nosso prefeito era um homem mau e desumano. Quando ele chegou em casa naquela tarde e viu que seu carneiro estava perdido, ele se lançou contra mim com insultos e ameaças. Se eu não fosse encontrar o carneiro, ele jurou que me espancaria até a morte e disse: “Vou quebrar seus braços e pernas”. Sabendo o quão cruel era, saí atrás do carneiro, visitando os locais onde o rebanho pastava durante o dia. Procurei e procurei por mais de metade da noite, mas não havia sinal dele em lugar nenhum. E era uma noite muito escura também, pois o outono já se aproximava. Quando eu já tinha ido fundo na floresta (e na nossa região as florestas são infinitas), de repente estourou uma tempestade. Parecia que todas as árvores estavam dançando. Ao longe, os lobos começaram a uivar. Fiquei com tanto medo que meu cabelo ficou em pé. Tudo ficou cada vez mais horrível, tanto que eu estava prestes a desmaiar de medo e horror. Então, caí de joelhos, fiz o sinal da cruz e de todo o coração disse: “Senhor Jesus Cristo, tem piedade de mim”. Assim que disse isso, senti-me absolutamente calmo e como se nenhuma angústia tivesse acontecido. Todo o meu medo desapareceu e me senti tão feliz no coração, como se tivesse sido transportado para o céu.

Isso me deixou tão feliz que, bom, eu não conseguia parar de repetir a Oração. Ainda hoje não sei se a tempestade durou muito, nem como foi a noite. Quando olhei para cima, o dia já estava chegando e eu ainda estava ajoelhado no mesmo lugar. Sentei-me calmamente, vi que não ia mais encontrar o carneiro e fui para casa. Mas agora tudo estava bem no meu coração e repeti a oração tanto quanto pude. Assim que cheguei à aldeia, o prefeito viu que eu não tinha trazido o carneiro e bateu-me até eu ficar meio morto; Ele deixou esse pé fora do lugar, viu? Tive que ficar de cama durante seis semanas, mal conseguindo me mover, por causa dessa surra. Tudo o que sabia era que continuava repetindo a Oração e que isso me confortava. Quando me recuperei um pouco, fui vagar pelo mundo, e como me acotovelar no meio da multidão não me interessava, e ao mesmo tempo representava muitas oportunidades para o pecado, recorri a vagar de um lugar santo para outro, e também pelas florestas. Foi assim que passei quase cinco anos.

Quando ouvi isso, meu coração se alegrou porque Deus me considerou digno de encontrar um homem tão bom, e perguntei-lhe:

— E você ainda usa a Oração com frequência?

“Eu não poderia existir sem ela”, respondeu ele. Só de lembrar como me senti naquela primeira vez na floresta, é como se alguém me fizesse ajoelhar e comecei a orar. Não sei se a minha oração pecaminosa agrada ou não a Deus, pois, quando oro, às vezes sinto uma grande felicidade (não sei por que), uma leveza de espírito, uma espécie de quietude alegre; mas, em outros casos, sinto uma tristeza melancólica e um desânimo de espírito. Apesar de tudo, quero continuar rezando sempre, até a morte.

— Não fique triste, querido irmão. Tudo agrada a Deus e serve a nossa salvação, tudo, não importa o que aconteça durante a oração. Isto é o que dizem os Santos Padres. Quer haja alegria no coração ou tristeza, está tudo bem. Nenhuma oração, boa ou má, é desperdiçada aos olhos de Deus. A alegria e o fervor mostram que Deus nos recompensa e nos consola pelo nosso esforço, enquanto a tristeza e a secura indicam que Deus purifica e fortalece a nossa alma, e que através desta prova salutar a salva, preparando-a com humildade para o desfrutar da felicidade abençoada no futuro.. Como prova disso, vou ler para você algo que São João Clímaco escreveu.

Encontrei a passagem e li para ele. Ele ouviu até o final com atenção e gostou, me agradecendo muito. E assim, nos separamos. Ele caminhou direto para as profundezas da floresta e eu voltei para o caminho. Continuei meu caminho, agradecendo a Deus por me considerar apto, pecador como sou, para receber tal ensinamento.

No dia seguinte, com a ajuda de Deus, cheguei a Kiev. A primeira e mais importante coisa que eu queria fazer era jejuar um pouco e confessar-me e comungar naquela cidade santa. Então parei perto dos Santos [105], pois assim era mais fácil ir à igreja. Um bom cossaco me acolheu e como ele morava sozinho em sua cabana, ali encontrei paz e tranquilidade. Depois de uma semana, durante a qual me preparei para a confissão, ocorreu-me que deveria torná-la o mais detalhada possível. Então comecei a lembrar e revisar completamente todos os pecados desde a minha juventude. E para não esquecer de nada, anotei, e detalhadamente, tudo o que consegui lembrar. Enchi uma grande folha de papel com ele.

Aprendi que em Kitævaya Pustina, a cerca de sete verstas de Kiev, vivia um sacerdote de vida ascética, muito sábio e compreensivo. Quem se aproximava dele em confissão encontrava uma atmosfera de terna compaixão e partia com ensinamentos para sua salvação e alívio de espírito. Fiquei muito feliz em ouvir isso

e fui para lá imediatamente. Depois de pedir seu conselho e de termos conversado um pouco, dei-lhe minha folha de papel para ler. Ele leu na íntegra e depois disse:

— Querido amigo, muito do que você escreveu é absolutamente fútil. Ouça: Primeiro: não confesse pecados dos quais você já se arrependeu e foi perdoado; não volte a eles, pois isso seria duvidar do poder do sacramento da penitência. Segundo: não se lembre de outras pessoas que tiveram relação com os seus pecados; Julgue apenas você mesmo. Terceiro: os Santos Padres proibem-nos de mencionar todas as circunstâncias dos pecados e ordenam-nos que os confessemos em geral, para evitar a tentação tanto para nós como para o sacerdote. Quarto; Você veio para se arrepender e não se arrepende porque não sabe como se arrepender, isto é, porque o seu arrependimento é morno e negligente. Quinto: você repassou todos esses detalhes, mas negligenciou o mais importante: você não revelou os pecados mais graves de todos. Você não confessou, nem notou, que não ama a Deus, que odeia o próximo, que não acredita na Palavra de Deus e que está cheio de orgulho e ambição. Uma imensa quantidade de mal e toda a nossa perversão espiritual residem nesses quatro pecados. São as raízes de onde brotam os rebentos de todos os pecados em que caímos.

Fiquei muito surpreso ao ouvir isso e disse:

— Perdœ-me, Reverendo Padre, mas como é possível não amar a Deus, nosso Criador e nosso Guardião? O que há para acreditar senão na Palavra de Deus, na qual tudo é verdadeiro e santo? Amo todos os meus semelhantes e por que os odiaria? Não tenho nada do que me orgulhar; Além de ter inúmeros pecados, não tenho nada digno de ser exaltado, e o que poderia cobiçar, com a minha pobreza e a minha saúde debilitada? Naturalmente, se eu fosse um homem culto ou rico, sem dúvida seria culpado das coisas de que você fala.

"É uma pena, querido, que você tenha entendido tão pouco do que eu disse." Olha, você aprenderá mais rápido se eu lhe der essas anotações. É o que sempre uso para minha própria confissão. Leia-os de capa a capa e você terá, com bastante clareza, uma amostra exata do que acabei de lhe contar.

Ele me deu as anotações e comecei a lê-las. Aqui estão elas:

CONFISSÃO QUE LEVA O HOMEM INTERIOR À HUMILDADE

"Olhando cuidadosamente para mim mesmo e observando o curso do meu estado interior, verifiquei por experiência que não amo a Deus, que não amo meus semelhantes, que não tenho fé e que estou cheio de orgulho e sensualidade. Eu realmente descobri tudo isso em mim mesmo a partir do exame cuidadoso dos meus sentimentos e do meu comportamento, desta forma:

"1. Eu não amo a Deus. — Pois se eu amasse a Deus, estaria continuamente pensando Nele com profunda alegria. Cada pensamento de Deus me daria alegria e deleite. Pelo contrário, penso com muito mais frequência e com muito mais saudade nas coisas terrenas, e pensar em Deus parece-me cansativo e árido. Se eu amasse a Deus, falaria com Ele em oração e seria então meu alimento e meu deleite, e me levaria a uma comunhão ininterrupta com Ele. Mas, pelo contrário, não só não encontro prazer na oração, mas ela até representa um esforço. Para mim luto contra a relutância, estou enfraquecido pela preguiça e estou sempre pronto para me ocupar com qualquer ninharia, desde que isso encurte a oração e me afaste dela. O tempo passa sem perceber em ocupações vãs, mas quando estou ocupado com Deus, quando me coloco em Sua presença, cada hora me parece um ano. Quem ama outra pessoa, pensa nela o dia todo sem cessar, representa-a no seu imaginário, preocupa-se com ela e em hipótese alguma nunca sai do seu pensamento. Mas ao longo do dia dificilmente reservo uma hora para mergulhar na meditação de Deus, para inflamar o meu coração com amor por Ele, enquanto dou ansiosamente vinte e três horas como oferendas fervorosas aos ídolos das minhas paixões. Sou rápido em falar de assuntos frívolos e de coisas que desagradam ao espírito; isso me dá prazer. Mas quando se trata da consideração de Deus, tudo é aridez, tédio e indolência. Mesmo quando sou inadvertidamente levado por outros a uma conversa espiritual, tento rapidamente mudar de assunto para outro que satisfaça meus desejos. Tenho uma curiosidade incansável por notícias, sejam elas eventos de cidadãos ou questões políticas. Busco sinceramente a satisfação do meu amor pelo conhecimento da ciência e da arte, e pela forma de obter as coisas que desejo possuir. Mas o estudo da Lei de Deus, o conhecimento de Deus e a religião não têm efeito sobre mim e não satisfazem nenhum apetite da minha alma. Vejo essas coisas não apenas como uma ocupação não essencial para um cristão, mas ocasionalmente como uma espécie de assunto secundário para talvez ocupar o lazer, em momentos perdidos. Resumindo: Se o amor a Deus é reconhecido pela observância dos seus mandamentos (Se me amais, guardareis os meus mandamentos, diz Nosso Senhor Jesus Cristo), e eu não só não os guardo, mas mesmo tento muito pouco, conclui-se verdadeiramente que não amo a Deus. É o que Basílio, o Grande diz: "A prova de que um homem não ama a Deus e ao Seu Cristo está no fato de não guardar os Seus mandamentos".

"2. Eu também não amo meu próximo. —Porque não só não posso decidir dar a minha vida por ele (segundo diz o Evangelho), mas nem sequer sacrifico a minha felicidade, o meu bem-estar e a minha paz pelo bem dos meus semelhantes. Se eu o amasse tanto quanto a mim mesmo, como ordena o Evangelho, as suas desgraças também me afligiriam e eu me deleitaria igualmente com a sua felicidade. Mas, pelo contrário, ouço histórias estranhas e infelizes sobre o meu vizinho e não sinto pena; Permaneço imperturbável ou, o que é pior, encontro certo prazer nisso. Não apenas

não cubro o mau comportamento do meu irmão com amor, mas também o proclamo abertamente com censura. O seu bem-estar, a sua honra e a sua felicidade não me dão prazer como se fossem meus e, como se fossem algo absolutamente estranho para mim, não me dão nenhum sentimento de felicidade. Além do mais, despertam sutilmente em mim sentimentos de inveja ou desprezo.

"3. Eu não tenho fé. — Nem na imortalidade nem no Evangelho. Se eu estivesse firmemente persuadido e acreditasse sem dúvida que além do túmulo está a vida eterna e a recompensa pelas ações desta vida, pensaria nisso continuamente. A própria ideia da imortalidade me aterrorizaria e me faria comportar-me nesta vida como um estrangeiro que se prepara para entrar em sua terra natal. Pelo contrário, nem penso na eternidade e vejo o fim desta vida terrena como o limite da minha existência. E esta ideia secreta aninha-se dentro de mim: "Quem sabe o que acontece na morte?" Se digo que acredito na imortalidade, falo apenas com base no meu entendimento, pois meu coração está muito longe de uma firme convicção disso. Isto é claramente atestado pela minha conduta e pela minha preocupação contínua em dar satisfação à vida dos sentidos. Se meu coração recebesse com fé o Santo Evangelho como a Palavra de Deus, eu estaria continuamente ocupado com ele, eu o estudaria, me deleitaria nele e lhe dedicaria minha atenção com toda devoção. A sabedoria, a clemência e o amor estão escondidos nele; Ele me levaria à felicidade e eu teria grande alegria em estudar a Lei de Deus dia e noite. Nele eu encontraria alimento, como meu pão diário, e meu coração seria movido a guardar suas leis. Nada no mundo seria forte o suficiente para me afastar dele. Pelo contrário, se de vez em quando leio ou ouço a Palavra de Deus, é apenas por necessidade ou por interesse geral de conhecimento, e por não lhe prestar muita atenção, considero-a monótona e sem qualquer interesse. Geralmente chego ao final da leitura sem tirar nada dela e estou mais do que disposto a mudar para uma leitura mundana, na qual obtenho maior prazer e encontro temas novos e interessantes.

"4. Estou cheio de orgulho e amor sensual por mim mesmo. — Todas as minhas ações confirmam isso. Vendo algo de bom em mim mesmo, quero exibi-lo ou ter orgulho disso para outras pessoas, ou me admirar internamente por isso. Embora eu revele uma humildade exterior, ainda a atribuo inteiramente à minha própria força e me considero superior aos outros, ou pelo menos não pior que eles. Se observo uma falha em mim mesmo, tento desculpá-la e escondo-a dizendo: "Fui feito assim" ou "a culpa não é minha". Fico irritado com quem não me trata com respeito e os considero incapazes de valorizar as pessoas. Saio por aí me gabando de meus talentos e considero meus contratemplos em qualquer empresa um insulto pessoal. Murmuro e encontro prazer na desgraça dos meus inimigos. Se eu me esforço por algo bom, é apenas com o propósito de ganhar admiração, ou autocomplacência

espiritual, ou consolo mundano. Em uma palavra: faço continuamente de mim mesmo um ídolo e o sirvo ininterruptamente, buscando em tudo o prazer dos sentidos e o sustento para minhas paixões sensuais e meus apetites.

"Examinando tudo isto, vejo-me como arrogante, espúrio, incrédulo, sem amor a Deus e com ódio pelos meus semelhantes. Qual condição poderia ser mais culpada? O dos espíritos das trevas é melhor que o meu. Eles, embora não amem a Deus, odeiem os homens e vivam no orgulho, pelo menos acreditam e tremem. Mas quanto a mim, pode haver sentença mais terrível do que a que me espera? E que pena de castigo será mais severa do que aquela que recairá sobre a vida de indiferença e de loucura que reconheço em mim mesmo?

Lendo na íntegra este modelo de confissão que o padre me deu, fiquei horrorizado e pensei comigo mesmo: "Meu Deus! Que pecados terríveis estão escondidos dentro de mim, e nunca os notei! O desejo de me ver limpo deles me fez implorar a este grande pai espiritual que me ensinasse a conhecer as causas de todos esses males e a curá-los. E ele começou a me instruir.

— Olha, querido irmão. A causa de não amar a Deus é a falta de fé; A falta de fé é motivada pela falta de convicção; e a causa disso é a negligência na busca pelo conhecimento santo e verdadeiro, a indiferença para com a luz do espírito. Numa palavra: se você não tem fé, você não pode amar; Se você não tem convicção, não pode ter fé; e para obter convicção você deve obter um conhecimento completo e preciso da questão que está diante de você. Pela meditação, pelo estudo da Palavra de Deus e pela observação de sua experiência, você deve despertar em sua alma um anseio e uma saudade (ou, como alguns chamam, uma "admiração") que lhe dê um desejo insaciável de conhecer as coisas mais de perto e mais plenamente e penetrar mais profundamente em sua natureza.

Um autor espiritual fala disso desta forma: "O amor", diz ele, "geralmente cresce com o conhecimento, e quanto maior a profundidade e extensão do conhecimento, mais amor haverá, mais facilmente o coração se amolecerá e se abrirá ao amor.." amor de Deus, contemplando diligentemente toda a plenitude e beleza da natureza divina e o seu amor ilimitado pelos homens.

Agora você vê, então, que a causa desses pecados sobre os quais você leu é a preguiça de pensar nas coisas espirituais, preguiça que abafa o próprio sentimento da necessidade de tal reflexão. Se você quer saber como vencer este mal, lute pela iluminação do seu espírito com todos os meios ao seu alcance, e consiga-o através do estudo aplicado da Palavra de Deus e dos Santos Padres, com a ajuda da meditação. e conselhos espirituais e pela conversa daqueles que são sábios em Cristo. Ah, querido irmão, quantas desgraças encontramos apenas por causa da nossa preguiça em buscar luz para as nossas almas na Palavra da verdade! Não

estudamos a Lei de Deus dia e noite, e não a pedimos diligentemente e sem cessar. E por isso o nosso homem interior, desamparado, sofre fome e frio, tanto que não tem forças para dar um passo resolutivo no caminho da virtude e da salvação. Então, queridos, vamos decidir fazer uso desses métodos e encher nossas mentes tão frequentemente quanto possível com pensamentos de coisas celestiais, e o amor, derramado do alto em nossos corações, acenderá dentro de nós. Faremos isto juntos e rezaremos sempre que pudermos, pois a oração é o meio capital e mais poderoso para a nossa regeneração e a nossa felicidade. Rezaremos nos termos que a Santa Igreja nos ensina: “Ó Deus, faze-me capaz de te amar agora como amei o pecado no passado”. [106].

Ouvi tudo isso com atenção. Profundamente comovido, pedi a este santo Padre que ouvisse a minha confissão e me administrasse a comunhão. E na manhã seguinte, depois do dom da comunhão, preparei-me para regressar a Kiev com este abençoado viático. Mas o bom padre, que estava indo passar alguns dias na laura, manteve-me em sua cela de eremita durante esse período, para que no silêncio dela eu pudesse me entregar à oração sem impedimentos. E, de fato, passei esses dois dias como se estivesse no céu. Pelas orações de meu padre, eu, indigno de mim mesmo, desfrutei de perfeita paz. A oração derramou-se em meu coração com tanta facilidade e alegria que durante esse tempo acho que esqueci tudo, inclusive eu mesmo; Em meus pensamentos havia apenas Jesus Cristo, e somente Ele.

Finalmente, o padre regressou e pedi-lhe orientação e conselhos sobre o próximo passo na minha rota de peregrinação. Ele me deu sua bênção, dizendo: "Vá até Pochæv, curve-se diante da milagrosa Pegada [107] da puríssima Mãe de Deus, e Ela guiará seus passos no caminho da paz."

Assim, seguindo fielmente o seu conselho, três dias depois parti para Pochæv.

Por cerca de duzentas versts não viajei nada feliz, pois a estrada se estendia por tavernas e aldeias judaicas, e raramente encontrei alguma habitação cristã. Numa propriedade, observei a presença de uma pousada de cristãos russos e fiquei feliz com isso. Entrei para passar a noite e também pedi um pão para a viagem, pois meus biscoitos estavam acabando. Vi o chefe, um velho de aparência abastada que, como descobri, vinha da mesma província que eu, Orlov. Assim que entrei na sala, sua primeira pergunta foi esta:

- Qual é tua religião?

Respondi que era cristão e pravoslavny [108].

— Sim, pravoslavny! — ele disse rindo —. Você é pravoslavny apenas em palavras; Nas ações vocês nada mais são do que pagãos. Eu sei tudo sobre sua religião, irmão. Um padre iluminado me convidou uma vez e eu experimentei. Entrei para a

sua Igreja e nela permaneci seis meses, depois dos quais voltei aos costumes da nossa comunidade. Unir-se à sua Igreja nada mais é do que um engano. Leitores murmurando de qualquer forma o ofício divino, com coisas que não ouve e outras que não consegue entender. E o canto não é melhor do que o que se ouve numa taberna. E as pessoas estão todas amontoadas, homens e mulheres juntos; Eles conversam durante a celebração, se viram, olham em volta, andam de um lugar para outro e não deixam paz nem tranquilidade para fazer suas orações. Que tipo de celebração é essa? Não é nada além de um pecado! Enquanto estiver conosco, a celebração é devota; você pode ouvir o que é dito, sem perder detalhes; O canto é muito comovente, e o povo fica em silêncio, os homens de um lado e as mulheres do outro, e todos sabem que reverência fazer e quando, segundo o que ordena a Santa Igreja. Quando você entra em uma de nossas igrejas você sente, real e verdadeiramente, que se aproximou da adoração a Deus; Mas numa dos seus não se sabe onde chegou, se na igreja ou no mercado!

Por tudo isso entendi que o velho era um raskolnik teimoso. Mas ele falou de forma tão plausível que não pude discutir com ele nem convertê-lo. Eu apenas pensei comigo mesmo que seria impossível converter os “velhos crentes” à verdadeira igreja até que os serviços religiosos fossem corrigidos entre nós, e até que o clero em particular desse um exemplo nisso. O raskolnik nada sabe da vida interior; ele confia no externo, e é nisso que somos descuidados.

Queria então sair dali, e já tinha saído para o corredor, quando vi, com surpresa, pela porta aberta de uma sala privada, um homem que não parecia russo; Ele estava deitado na cama lendo um livro. Ele me chamou por sinais e perguntou quem eu era. Eu disse isso a ele e ele falou assim:

— Escute, querido amigo: você não aceitaria cuidar de um doente, digamos por uma semana, até que, com a ajuda de Deus, eu melhore? Sou grego e monge do Monte Athos. Vim para a Rússia recolher esmolas para o meu mosteiro e, ao regressar, adœci, tanto que não consigo andar por causa das dores nas pernas. Então eu aluguei este quarto aqui. Não diga não, servo de Deus! Eu te pagarei.

— Não há necessidade de você me pagar. Terei prazer em cuidar de você da melhor maneira que puder, em nome de Deus.

Eu fiquei com ele, então. Ouvi muito dele sobre o que diz respeito à salvação das nossas almas. Ele me contou sobre Athos, a Montanha Sagrada, sobre o grande podvizhniki [109] de lá, e sobre os muitos eremitas e anacoretas. Ele tinha consigo uma cópia da Filocalia em grego e um livro de Isaque, o Sírio. Lemos juntos e comparamos a tradução eslava de Paisius Velichkovsky com o original grego. Ele declarou que seria impossível traduzir do grego com mais precisão e fidelidade do que com a Filocalia Paisius, o Eslavo, havia feito

Percebendo que ele estava sempre em oração, e que era bem versado na oração interior do coração, e como falava russo perfeitamente, consultei-o sobre este assunto. Ele prontamente me explicou muito sobre isso, e eu ouvi com atenção e até escrevi muitas das coisas que ele disse. Assim, por exemplo, ele me falou da excelência e grandeza da Oração do Nome de Jesus, nestes termos:

“Mesmo a própria forma da Oração do Nome de Jesus”, disse ele, “mostra quão grande é esta oração. É composto por duas partes. Na primeira, isto é, Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, conduz o nosso pensamento para a vida de Jesus Cristo ou, como dizem os Santos Padres, é um compêndio de todo o Evangelho. A segunda parte, tenha piedade de mim, um pecador, confronta-nos com a realidade da nossa própria impotência e culpa. E deve-se notar que o desejo e a súplica de uma alma pobre, pecadora e humilde não podem ser expressos em palavras de uma forma mais sábia, mais clara e mais exata do que isto: Tem piedade de mim. Nenhum outro arranjo de palavras seria tão satisfatório e completo quanto este. Se alguém dissesse, por exemplo: Perdõe-me, tire os meus pecados, purifique-me das minhas transgressões, apague as minhas ofensas, tudo isso expressaria apenas um pedido, o de ser livre do castigo, do medo de uma alma tímida e lânguida. Mas dizer Tem piedade de mim implica não só o desejo de perdão que vem do medo, mas é o apelo sincero do amor filial, que coloca a sua esperança na misericórdia de Deus, e reconhece humildemente que é demasiado fraco para se curvar..sua própria vontade e manter uma vigilância cuidadosa sobre si mesmo. É um apelo à misericórdia, isto é, à graça, que se manifestará no dom de Deus da força que nos permite resistir à tentação e vencer as nossas inclinações pecaminosas. É como um devedor sem dinheiro que pede ao seu benigno credor não só que perdõe a sua dívida, mas também que tenha pena da sua extrema pobreza e lhe dê esmolas; é isso que essas palavras profundas (Tenha piedade de mim) eles expressam. É como dizer: “Deus misericordioso, perdoa os meus pecados e ajuda-me a corrigir-me; desperte em minha alma um forte impulso para seguir Teus comandos. Distribua Tua graça no perdão dos meus pecados atuais e direcione minha mente negligente, minha vontade e meu coração somente para Ti.

Fiquei maravilhado com a sabedoria de suas palavras e agradei-lhe por instruir minha alma pecaminosa, e ele continuou a me ensinar outras coisas admiráveis.

“Se você quiser”, disse ele (e eu o tomei de certa forma por um erudito, pois ele disse ter estudado na Academia de Atenas), “continuarei contando-lhe o tom com que a Oração é dita. Tive a oportunidade de ouvir muitos cristãos tementes a Deus orarem oralmente como a Palavra de Deus lhes ordena e de acordo com a Tradição da Santa Igreja. Eles o usam tanto em suas orações privadas quanto na igreja. Se você ouvir com atenção e intimidade esta recitação silenciosa da Oração, poderá notar, para seu benefício espiritual, que o tom da voz varia de pessoa para pessoa.

Assim, alguns colocam ênfase na primeira palavra da Oração e dizem Senhor Jesus Cristo, e então completam o resto em tom simples. Outros iniciam a Oração com voz uniforme e colocam ênfase no meio da Oração, na palavra Jesus, como se fosse uma exclamação, e concluem, novamente, no mesmo tom do início. Outros, ainda, iniciam a Oração e continuam-na sem dar ênfase até chegarem às últimas palavras, Tenha piedade de mim, onde eles levantam suas vozes em êxtase. E alguns dizem a Oração inteira com toda a ênfase na frase Filho de Deus.

Agora escute. A Oração é uma e a mesma. Os cristãos ortodoxos mantêm uma única profissão de fé. E é uma noção comum a todos eles que esta Oração, sublime entre todas, inclui duas coisas: O Senhor Jesus e o chamado a Ele. Isto é conhecido por ser o mesmo para todos. Por que, então, nem todos o expressam da mesma forma, ou seja, por que não no mesmo tom? Por que a alma ora de uma maneira particular e se expressa com particular ênfase, não no mesmo lugar para todos, mas num determinado lugar para cada um? Muitos dizem que isso talvez seja o resultado do hábito ou da imitação dos outros, ou que depende da forma de entender as palavras que correspondem ao ponto de vista particular, ou finalmente que é apenas o que vem mais fácil e naturalmente a alguém. ... cada pessoa. Mas penso de forma muito diferente sobre isso. Gosto de procurar algo mais elevado, algo desconhecido não apenas para quem ouve, mas até mesmo para quem ora. Não há nisso um impulso misterioso do Espírito Santo, que implora em nós com gemidos inefáveis naqueles que não sabem como ou pelo que orar? E se é pelo Espírito Santo, como diz o Apóstolo, pelo qual cada um invoca o Nome de Jesus Cristo, o Espírito Santo, que trabalha em segredo e dá uma oração a quem ora, também pode dispensar o Seu dom benéfico sobre tudo, apesar de sua falta de força. A um ele concede o temor reverencial de Deus; para outro, amor; para outro, firmeza na fé; e outro, humildade. E assim com todos.

Se assim for, então aquele que recebeu o dom da reverência e do louvor ao poder do Todo-Poderoso enfatizará com especial sentimento em suas orações a palavra Senhor, na qual sente a grandeza e o poder do Criador. Aquele que recebeu a secreta efusão de amor em seu coração é transportado em êxtase e cheio de alegria ao excluir Jesus Cristo, da mesma forma que um certo padre que não conseguia ouvir o Nome de Jesus sem experimentar um extraordinário transbordamento de amor e alegria., mesmo em uma conversa normal. O crente inabalável na Divindade de Jesus Cristo, consubstancial ao Pai, inflama-se de uma fé ainda mais ardente ao dizer as palavras Filho de Deus. Aquele que recebeu o dom da humildade e está profundamente consciente da sua própria fraqueza, arrepende-se e humilha-se com as palavras, tem piedade de mim, e derrama o seu coração de forma mais efusiva nestas últimas palavras da Oração. Ele espera na benevolência amorosa de Deus e odeia sua própria queda no pecado. Aqui estão, na minha

opinião, as causas dos diferentes tons em que as pessoas dizem a Oração do Nome de Jesus. E graças a isso você pode perceber, na escuta, para a glória de Deus e para sua própria instrução, que emoção particular move cada pessoa, que dom espiritual cada pessoa possui. Muitas pessoas me falaram sobre isso: “Por que todos esses sinais de dons espirituais ocultos não aparecem juntos e reunidos?” Então, não apenas uma, mas cada palavra da Oração ficaria impregnada do mesmo tom de êxtase. Respondo assim: “Visto que a Graça de Deus distribui seus dons com sabedoria a cada homem separadamente, de acordo com suas forças, como vemos na Sagrada Escritura, quem pode descobrir com seu entendimento limitado e penetrar nos desígnios de agradecimento? O barro não está inteiramente nas mãos do oleiro e ele não pode fazer uma coisa ou outra com ele?”

Passei cinco dias com esse padre e sua saúde melhorou muito. Esse período foi tão benéfico para mim que nem percebi como passou rápido. Pois bem, naquela pequena sala, em silêncio e reclusão, não estávamos ocupados com outra coisa senão invocar silenciosamente o Nome de Jesus ou falar sobre o mesmo assunto, a oração interior.

Um dia, um peregrino veio nos ver. Ele reclamou amargamente dos judeus e os insultou. Ele caminhou por suas cidades e teve que suportar sua inimizade e trapaça. Seu ressentimento contra eles era tamanho que os amaldiçoou, chegando ao ponto de dizer que não mereciam viver por causa de sua obstinação e descrença. Finalmente, ele disse que tinha tanta aversão por eles que não conseguia controlar nada.

“Você não tem o direito, amigo”, dissera o padre, “de insultar e amaldiçoar os judeus desta forma”. Deus os fez como nos fez. Você deveria lamentar por eles e orar por eles, não amaldiçoá-los. Acredite, a antipatia que você sente por eles vem do fato de você não estar alicerçado no amor de Deus e não ter a oração interior como apoio e, portanto, carecer de paz interior. Vou ler para vocês uma passagem dos Santos Padres sobre isso. Ouça, isto é o que escreve o Asceta Marcos: “A alma que está intimamente unida a Deus torna-se, porque sua alegria é tão grande, como uma criança gentil e ingênua, e não condena mais ninguém, seja grego, pagão, judeu”. pecador, mas contempla todos igualmente com um olhar puro; “Ele encontra alegria no mundo inteiro e deseja que todos os gregos, judeus e gentios glorifiquem a Deus”. E Macário, o Grande, do Egito, diz que o contemplativo “arde com um amor tão grande que, se fosse possível, faria do seu interior um lar para todos, sem fazer distinções entre o bem e o mal”. Aqui você vê, querido irmão, o que os Santos Padres pensam disso. Por isso aconselho você a deixar de lado sua ferocidade e olhar para tudo considerando que está sob a onisciente Providência de Deus, e que quando se deparar com vexames, acuse-se principalmente de falta de paciência e humildade.

Finalmente, mais de uma semana se passou e meu padre se recuperou. Agradei-lhe de todo o coração por todos os ensinamentos abençoados que ele me deu e nos despedimos. Ele partiu para sua terra natal e eu comecei o percurso que havia planejado. Eu já havia começado a me aproximar de Pochæv e não tinha andado mais de cem verstas quando um soldado me alcançou. Perguntei-lhe para onde ia e ele disse-me que regressava à sua terra natal, em Kamenets Podolsk. Continuamos em silêncio por cerca de dez verstas, e notei que ele suspirava profundamente, como se algo o estivesse angustiando, e que estava muito deprimido. Perguntei-lhe por que ele estava tão triste.

— Bom amigo, já que você percebeu meu arrependimento, se você me jurar por tudo que é mais sagrado para você que não vai contar a ninguém, eu lhe contarei tudo sobre mim, já que estou perto da morte e não eu não tenho ninguém com quem conversar sobre isso.

Assegurei-lhe, como cristão, que não precisava contar a ninguém e que, por amor fraternal, ficaria feliz em dar-lhe toda a ajuda que pudesse.

"Bem, então", começou ele, "fui recrutado como soldado entre os camponeses do Estado." Após cerca de cinco anos de serviço, isso se tornou insuportável para mim; na verdade, muitas vezes fui chicoteado por negligência e embriaguez. A ideia de fugir me veio à cabeça e aqui estou, desertor há quinze anos. Durante seis anos me escondi onde pude. Roubei fazendas, despensas e armazéns. Roubei cavalos; Eu roubei lojas. E continuei esse tipo de profissão sempre sozinho. Me livrei do que foi roubado de diversas maneiras. Bebi o dinheiro e levei uma vida depravada cometendo todo tipo de pecado. Só minha alma não pereceu. Continuei indo muito bem, mas acabei na prisão por vagar sem passaporte. Mas mesmo daí escapei quando surgiu a oportunidade. Então, encontrei inesperadamente um soldado que havia sido dispensado do serviço e estava voltando para casa, em uma província remota; Mas como estava doente e mal conseguia andar, pediu-me que o levasse à cidade mais próxima, onde pudesse encontrar alojamento. Eu o conduzi, então. A polícia autorizou-nos a passar a noite num palheiro, num monte de feno, e dormimos lá. Quando acordei de manhã, olhei para o meu soldado e lá estava ele, morto e rígido. Procurei apressadamente seu passaporte, ou seja, sua carteira de motorista, e quando a encontrei, junto com uma boa quantia em dinheiro também, e enquanto todos ainda dormiam, saí daquele galpão e do quintal o mais rápido que pude, e entrei na floresta e desapareci. Quando li seu passaporte, vi que em idade e características distintivas ele era quase igual a mim. Fiquei muito feliz com isso e parti decididamente para a região de Astrakhan. Lá comecei a me estabelecer um pouco e consegui um emprego como agricultor. Associei-me a um velho que tinha casa própria e era negociante de gado. Ele morava sozinho com a filha, que era viúva. Depois de um ano morando com ele, casei com essa filha dele. Então o velho

morreu. Não conseguimos realizar o negócio. Voltei a beber, minha mulher também, e em um ano gastamos tudo o que o velho nos deixou. E então, minha esposa ficou doente e morreu. Vendi tudo o que sobrou, assim como a casa, e logo gastei o dinheiro.

Então eu não tinha nada para viver, nada para comer. Voltei então à minha antiga profissão de traficante de bens roubados, e com ainda mais ousadia porque agora tinha passaporte. Então voltei à minha antiga vida depravada por cerca de um ano. Chegou uma temporada em que durante muito tempo não tive sucesso. Roubei um cavalo velho e miserável de um bobil [110] e o vendi aos açougueiros por um centavo. Com o dinheiro, fui à taberna e comecei a beber. Tive a ideia de ir para uma cidade onde houvesse um casamento, com a intenção de pegar tudo que pudesse assim que todos estivessem dormindo depois da festa. Como o sol ainda não havia se posto, fui para a floresta esperar a noite. Lá, deitei-me e adormeci profundamente. E então tive um sonho em que me vi em uma campina ampla e linda. De repente, uma nuvem horrível surgiu no céu e depois veio um trovão tão terrível que o chão tremeu sob meus pés. E foi como se alguém tivesse me empurrado até os ombros na terra, o que me oprimiu por todos os lados. Apenas minhas mãos e cabeça ficaram de fora. Então, aquela nuvem horrível pareceu pousar no chão, e dela saiu meu avô, que já estava morto há cerca de vinte anos. Ele era um homem muito íntegro e durante trinta anos serviu como capelão em nossa cidade. Ele se aproximou de mim com uma cara zangada e ameaçadora, e eu tremi de medo. Pude ver, ali perto, diversas pilhas de coisas que havia roubado em diversas ocasiões. Fiquei ainda mais assustado. Meu avô veio até mim e, apontando para a primeira pilha, disse ameaçadoramente: "O que é isso? Vá em frente!". E de repente, a terra ao meu redor começou a me apertar de tal forma que não consegui suportar a dor e o desmaio. Gemi e gritei: "Tenha piedade de mim", mas o tormento continuou. Então meu avô apontou para outra pilha e disse novamente: "O que é isso? Aperte-o com mais força! E senti uma dor e uma angústia tão intensas que nenhuma tortura no mundo se compara. Por fim, o meu avô trouxe para mim o cavalo que eu roubara à tarde e exclamou: "E o que é isto? Vá em frente; o mais forte que puder!" E senti tanta dor em todos os lugares que não consigo descrever, foi tão cruel, terrível e exaustivo. Era como se todas as minhas forças tivessem sido tiradas e eu estivesse sufocando com aquela dor horrível. Senti que não conseguiria resistir e que perderia a consciência se a tortura continuasse mais um pouco. Mas o cavalo deu um coice e bateu na minha bochecha, abrindo-a. E no momento de receber esse golpe acordei horrorizado e tremendo como um fraco. Vi que já era dia e que o sol estava nascendo. Toquei minha bochecha e ela estava sangrando. E aquelas partes que, no sonho, haviam sido enterradas eram todas, por assim dizer, duras e rígidas, e havia buracos nelas. Fiquei com tanto medo que mal consegui me levantar e ir para casa. Minha bochecha doeu por muito tempo. Olha, você ainda

pode ver a cicatriz. Eu não estava assim antes. E assim, depois disso, muitas vezes o medo e o horror me assaltaram, e só me resta lembrar o que sofri naquele sonho para que a angústia e o desmaio reapareçam, com tamanho tormento que não sei mais o que fazer. E o que é mais; Isso aconteceu com mais frequência e, eventualmente, comecei a ter medo das pessoas e a sentir vergonha, como se todos soubessem da minha ignomínia passada. E por causa desse sofrimento eu não conseguia mais comer nem dormir. Eu estava devastado. Pensei em ir ao meu regimento e declarar tudo abertamente. Talvez Deus perdoasse meus pecados se eu aceitasse meu castigo. Mas tive medo e perdi a coragem ao pensar que me fariam correr com baquetas. E então, perdendo a paciência, tive vontade de me enforcar. Mas ocorreu-me que, de qualquer forma, não viverei muito; Em breve morrerei, pois perdi todas as minhas forças. Então pensei em voltar para me despedir da minha terra e morrer nela. Tenho um sobrinho lá e aqui estou em minha jornada de seis meses e, enquanto isso, a aflição e o medo me deixam infeliz. O que você acha, irmão? O que devo fazer? Eu realmente não aguento muito mais.

Ao ouvir tudo isso, fiquei maravilhado e louvei a sabedoria e a bondade de Deus, vendo as diferentes formas como ele alcança os pecadores. Então eu disse a ele:

— Querido irmão, você deveria ter orado a Deus neste momento de medo e angústia. Este é o grande remédio para todos os nossos males.

- Nem fale! - disse -; Achei que assim que começasse a orar, Deus iria me aniquilar.

— Que bobagem, irmão! É o diabo quem coloca essas ideias na sua cabeça. A misericórdia de Deus é infinita, e Ele tem compaixão dos pecadores e perdoa imediatamente aqueles que se arrependem. Você pode não conhecer a Oração de Jesus, Senhor Jesus Cristo, tenha piedade de mim, um pecador; Isto deve ser dito continuamente.

— Uau, eu conheço essa frase. Eu costumava repetir isso algumas vezes para me animar quando ia cometer um assalto.

- Então ouça. Deus não te aniquilou quando você estava prestes a cometer uma má ação e você fez a Oração. Você fará isso agora, se começar a orar no caminho do arrependimento? Você vê, então, como seus pensamentos vêm do diabo. acredite, querido irmão, se você fizer a Oração, sem prestar atenção aos pensamentos que lhe vêm à mente, logo encontrará alívio. Todo o medo e tensão desaparecerão e você finalmente estará completamente em paz. Você se tornará um homem piedoso e todas as suas paixões pecaminosas o deixarão. Garanto-lhe, porque já vi muitos casos assim na minha vida.

E então contei-lhe vários casos em que a Oração de Jesus manifestou seu maravilhoso poder de atuar nos pecadores. Finalmente, convenci-o a ir comigo à

Mãe de Deus de Pochæv, um refúgio para os pecadores, antes de voltar para casa, e ali confessar-se e comungar.

O soldado ouviu tudo isso com atenção e alegria, como pude perceber, e concordou com tudo. Fomos juntos até Pochæv, com a condição de que nenhum de nós falasse um com o outro, mas que rezaríamos a Oração o tempo todo. Nesse silêncio, caminhamos um dia inteiro. No dia seguinte, ele me disse que se sentia muito mais aliviado e que sua mente estava claramente mais calma do que antes. Chegamos a Pochæv no terceiro dia, e exortei-o a não interromper a oração nem de dia nem de noite, enquanto estivesse acordado, e assegurei-lhe que o santíssimo Nome de Jesus, que é insuportável para nossos inimigos espirituais, teria o força para salvá-lo. Sobre este ponto, li para ele na Philokalia que, embora devamos rezar a Oração de Jesus em todos os momentos, é especialmente necessário fazê-lo com o maior cuidado quando nos preparamos para a comunhão.

Ele fez isso e depois confessou e comungou. Embora os velhos pensamentos ainda o assaltassem de vez em quando, ele agora os afastava facilmente com a Oração. No domingo, para poder ficar de pé com mais tranquilidade para as matinas, foi dormir cedo e continuou a rezar a oração. Eu ainda estava sentado no canto lendo minha Filocalia ao lado de uma vela. Passada uma hora; Ele adormeceu e eu comecei a orar. De repente, cerca de vinte minutos depois, ele se assustou e acordou, pulou rapidamente da cama, correu em minha direção chorando e, transbordando de felicidade, disse:

- Oh irmão! O que eu acabei de assistir! Que paz e alegria sinto! Eu acredito que Deus tem misericórdia dos pecadores e não os atormenta. Glória a Ti, Senhor, glória a Ti!

Fiquei surpreso e satisfeito e pedi-lhe que me contasse exatamente o que havia acontecido com ele.

— Bem, olhe; "Isso", disse ele, "assim que adormeci, me vi naquela campina onde havia sido atormentado." No começo fiquei apavorado, mas vi que em vez de uma nuvem o sol estava nascendo e uma luz maravilhosa brilhava sobre toda a campina. E vi que havia flores vermelhas e grama nele. Então, de repente, meu avô se aproximou de mim, parecendo o mais afável que você poderia imaginar, e me cumprimentou com doçura e carinho. E ele disse: "Vá para Zhitomir, para a igreja de São Jorge. Eles o colocarão sob proteção eclesiástica. Passe o resto da sua vida lá e ore sem cessar. Deus terá misericórdia de você." Depois de dizer isso, fez o sinal da cruz sobre mim e desapareceu imediatamente. Não posso dizer o quanto fiquei feliz; Foi como se um grande peso tivesse sido tirado dos meus ombros e eu tivesse voado para o céu. Naquele momento acordei, com a alma tranquila e o coração tão cheio de alegria que não sabia o que fazer. O que devo fazer agora? Partirei

imediatamente para Zhitomir, como meu avô me instruiu. Será fácil para mim ir com a Oração.

— Mas espere um momento, querido irmão. Como você pode sair no meio da noite? Fique para as matinas, faça suas orações e depois vá para Deus.

Não dormimos depois dessa conversa. Fomos à igreja; Ele permaneceu nas matinas, rezando verdadeiramente, com lágrimas, e disse que se sentia em grande paz e contentamento, e que a oração continuava feliz. Depois, depois da liturgia, ele comungou e, depois de comermos um pouco, fui com ele até a estrada de Zhytomyr, onde nos despedimos com lágrimas de alegria.

Depois disso, comecei a pensar nos meus próprios assuntos. Para onde eu iria agora? No final, decidi voltar a Kiev. Os sábios ensinamentos do meu padre atraíram-me para lá e, além disso, se eu ficasse com ele, ele poderia encontrar algum filantropo devoto de Cristo que me colocaria no caminho para Jerusalém, ou pelo menos para o Monte Athos. Fiquei mais uma semana em Pochæv, aproveitando o tempo para lembrar tudo o que havia aprendido com aqueles que conheci em minha viagem e para anotar um grande número de coisas úteis. Depois me preparei para a viagem, coloquei minha kotomka e fui à igreja confiar minha viagem à Mãe de Deus. Quando a liturgia terminou, fiz minhas orações e me preparei para sair. Eu estava nos fundos da igreja quando entrou um homem que, embora não estivesse vestido com roupas ricas, sem dúvida pertencia à classe distinta, e me perguntou onde as velas eram vendidas. Eu indiquei para ele. No final da liturgia fiquei rezando na capela da Sagrada Pegada. Quando terminei minhas orações, parti. Eu havia dado alguns passos rua abaixo quando vi uma janela aberta em uma das casas, ao lado da qual estava sentado um homem lendo um livro. Meu caminho passou bem embaixo daquela janela e vi que o homem sentado ali era o mesmo que me perguntou sobre as velas da igreja. Ao passar, tirei o chapéu e, quando ele me viu, fez sinal para que eu fosse até ele e disse:

— Suponho que você deve ser um peregrino, certo?

"Sim", respondi.

Ele me pediu para entrar e queria saber quem eu era e para onde estava indo. Contei a ele tudo sobre mim, sem esconder nada. Ele me ofereceu um chá e começou a conversar comigo.

— Ouça, alma de Deus. Aconselho você a ir ao Mosteiro Solovetsky [111]. Há uma peça teatral tranquila e muito isolada chamada Anzersky. É como um segundo Athos, e todos são bem-vindos lá. O noviciado consiste apenas na leitura alternada do saltério na igreja, durante quatro horas em cada vinte e quatro. Eu mesmo vou para lá e prometi ir a pé. Poderíamos ir juntos. Eu estaria mais seguro com você;

Dizem que é um caminho muito solitário. Por outro lado, tenho dinheiro e posso sustentar você durante toda a viagem. E eu proporia que seguissemos nestas condições: que caminhássemos cerca de vinte passos um do outro; Dessa forma, não nos atrapalharíamos e, enquanto caminhávamos, poderíamos passar o tempo lendo ou meditando. Pense bem, irmão, e aceite; valerá a pena para você.

Ao ouvir este convite, tomei este acontecimento como um sinal de caminho que me foi oferecido pela Mãe de Deus, a quem pedi que me mostrasse o caminho da bem-aventurança. E sem pensar duas vezes, aceitei imediatamente. E no dia seguinte iniciamos a viagem. Caminhamos três dias um após o outro, conforme havíamos combinado. Ele lia sempre um livro, um livro do qual nunca saía, nem de dia nem de noite; e às vezes eu meditava em alguma coisa. Finalmente, paramos em um determinado lugar para jantar. Comeu com o livro aberto à sua frente e sem tirar os olhos dele. Vi que o livro era uma cópia dos Evangelhos e disse-lhe:

— Permita-me perguntar, senhor, por que o senhor não se separa dos Evangelhos nem por um momento, nem de dia nem de noite? Por que você sempre os tem na mão e os carrega com você?

“Porque com ele e só com ele aprendo quase continuamente”, respondeu.

— E o que você aprende? —Eu disse em seguida.

— A vida cristã, que se resume na oração. Considero a oração o meio mais importante e necessário para a salvação e o primeiro dever de todo cristão. A oração é o primeiro passo da vida piedosa e também a sua coroa, e é por esta razão que o Evangelho ordena a oração incessante. Para outros atos de devoção há um tempo determinado, mas em matéria de oração não há momentos de descanso. Sem oração é impossível fazer algum bem, e sem o Evangelho não se pode aprender adequadamente sobre a oração. Portanto, todos aqueles que alcançaram a salvação através da vida interior, os santos pregadores da Palavra de Deus, bem como os eremitas e solitários, e certamente todos os cristãos tementes a Deus, foram instruídos por sua ocupação infalível e constante com os abismos do Palavra de Deus e pela leitura do Evangelho. Muitos deles tinham o Evangelho constantemente nas mãos, e nos seus ensinamentos sobre a salvação davam este conselho: “Sente-se no silêncio da sua cela e leia o Evangelho, e leia-o novamente”. Aqui está a razão pela qual trato apenas do Evangelho.

Este seu argumento e seu desejo de oração me satisfizeram muito. Perguntei-lhe então de qual Evangelho específico ele derivou seu ensinamento sobre a oração.

“De todos igualmente”, respondeu ele, “ou melhor, de todo o Novo Testamento, lido em ordem”. Tenho lido isso há muito tempo e captado o significado, e isso me mostrou que há no Santo Evangelho uma graduação e uma cadeia regular de ensino

sobre a oração, começando com o primeiro evangelista e continuando até o fim em ordem sistemática.. Por exemplo: logo no início é estabelecido o modo de enfoque ou introdução ao ensinamento sobre a oração; então, a forma ou expressão externa dele em palavras. Posteriormente, encontramos as condições necessárias para poder oferecer a oração e os meios para aprendê-la, com exemplos; e, finalmente, o ensinamento secreto sobre a incessante oração interior e espiritual do Nome de Jesus Cristo, que se mostra mais elevada e mais salutar do que a oração externa. E então vem a sua necessidade, o seu fruto abençoado, e assim por diante. Numa palavra: O conhecimento completo e detalhado sobre a prática da oração pode ser obtido no Evangelho, numa ordem e sequência sistemáticas, do início ao fim.

Ao ouvir isso, decidi pedir-lhe que me mostrasse tudo detalhadamente e disse: "Como quero ouvir e falar sobre oração mais do que qualquer outra coisa, ficaria muito satisfeito em ver esta cadeia secreta de ensinamentos sobre o assunto, em todos os seus aspectos." Pelo amor de Deus, então, mostre-me tudo isso sobre o próprio Evangelho. Ele aceitou de bom grado e, oferecendo-me um lápis, disse:

— Abra o seu Evangelho; Olhe para ele e anote o que ele lhe diz. Por favor, dê uma olhada nessas minhas anotações. Agora, disse ele, olhe primeiro o sexto capítulo do Evangelho de São Mateus e leia do quinto ao nono versículo. Você vê como aqui temos a preparação ou introdução, ensinando que devemos começar a orar não por vanglória e ruidosamente, mas em silêncio e em um lugar solitário; e que devemos orar apenas pelo perdão dos pecados e pela comunhão com Deus, e não inventar uma infinidade de exigências desnecessárias sobre as coisas temporais, como fazem os gentios. Depois leia mais tarde no mesmo capítulo, versículos nove a quatorze. Aqui nos é dada a forma da frase, ou seja, em que termos ela deve ser expressa. Aí você reuniu com muita sabedoria tudo o que é necessário e desejável para nossas vidas. Continue lendo os versículos quatorze e quinze do mesmo capítulo e verá as condições que devem ser observadas para que a oração seja eficaz. Pois Deus não perdoará nossos pecados a menos que perdemos aqueles que nos injustiçaram. Abra agora o sétimo capítulo e você encontrará, do sétimo ao décimo segundo versículo, como ter sucesso na oração, como ser destemido na esperança: pergunte, procure, bata. Estas expressões energéticas descrevem a frequência da oração e a urgência de praticá-la, de tal forma que a oração não só acompanha cada ação, mas até a precede no tempo. Esta constitui a propriedade principal da frase. Vereis um exemplo disso no décimo quarto capítulo do Evangelho de São Marcos, do versículo trinta segundo ao quadragésimo, onde o próprio Jesus Cristo repete muitas vezes as mesmas palavras da oração. O Evangelho de São Lucas, capítulo onze, versículos cinco a quatorze, dá um exemplo semelhante de oração repetida na parábola do amigo importuno e no pedido repetido da viúva [113], que ilustra a ordem de Jesus Cristo de que nós devemos rezar sempre, em todos os momentos e em todos os

lugares, e não nos abandonarmos ao desânimo, isto é, à preguiça. Depois deste ensinamento detalhado, é o Evangelho de São João que nos mostra o ensinamento essencial sobre a oração interior secreta do coração. Isto nos é ilustrado, antes de tudo, pela história profunda do diálogo de Jesus Cristo com a mulher samaritana, onde se revela a adoração interior de Deus. no espírito e na verdade que Deus deseja, e que consiste na verdadeira oração contínua, como fonte de água viva que jorra para a vida eterna [114]. Mais tarde, no capítulo quinze, versículos quarto ao oitavo, a força, o poder e a necessidade da oração interior, isto é, da presença do espírito em Cristo, na incessante comemoração de Deus, nos são descritos de forma ainda mais decisiva. Por fim, leia os versículos vinte e três a vinte e cinco do capítulo décimo sexto do mesmo evangelista. Veja que mistério nos é revelado ali. Você observa que a Oração de Jesus, quando repetida com frequência, tem maior força e com grande facilidade abre o coração e o santifica. Isto pode ser observado muito claramente no caso dos Apóstolos, que foram discípulos de Jesus Cristo durante um ano inteiro, e a quem Ele já havia ensinado o Pai Nosso (que conhecemos através deles); mas no final da sua vida terrena, Jesus Cristo revelou-lhes o mistério que ainda faltava nas suas orações. Para que a sua oração pudesse dar um passo claro, disse-lhes: Até agora você não pediu nada em meu nome. Em verdade, em verdade vos digo: tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo dará. E assim aconteceu no caso dele. Pois, sempre depois, quando os Apóstolos aprenderam a oferecer orações em Nome de Jesus Cristo, quantas obras maravilhosas eles realizaram e quanta luz abundante foi derramada sobre eles! Você vê agora a cadeia, a plenitude do ensinamento sobre a oração depositado com tanta sabedoria no Santo Evangelho? E se continuarmos mais tarde com a leitura das Epístolas dos Apóstolos, também poderemos encontrar nelas o mesmo ensinamento consecutivo sobre a oração.

Como continuação das notas que já lhe dei, mostrarei várias passagens que ilustram as propriedades da oração. Assim, a sua prática é descrita nos Atos dos Apóstolos, isto é, o exercício constante e diligente da oração por parte dos primeiros cristãos, que foram iluminados pela sua fé em Jesus Cristo [115]. Referimo-nos aos frutos da oração ou ao resultado de estarmos constantemente em oração, ou seja, ao derramamento do Espírito Santo e dos seus dons sobre quem reza. Você verá algo assim no capítulo dezesseis, versículos vinte e cinco e vinte e seis. Então, siga as Epístolas dos Apóstolos em ordem e você verá: Primeiro, quão necessária é a oração em todas as circunstâncias [116]; segundo, como o Espírito Santo nos ajuda a orar [117]; terceiro, como todos devemos orar em espírito [118]; quarto, quão necessárias são a tranquilidade e a paz interior para a oração [119]; quinto, quão necessário é orar sem cessar [120]; e sexto, que não devemos orar apenas por nós mesmos, mas por todos os homens [121]. E desta forma, gastando muito tempo extraindo cuidadosamente o significado, podemos encontrar ainda mais revelações do

conhecimento secreto escondido na Palavra de Deus, que nos escapa se apenas a lermos ocasionalmente ou folheá-la.

Você percebe, depois do que acabei de lhe indicar, com que sabedoria e com que método o Novo Testamento revela o ensino de nosso Senhor Jesus Cristo sobre o assunto que estivemos investigando? em que sequência maravilhosa é apresentada nos quatro evangelistas? É assim: Em São Mateus vemos o acesso, a introdução à oração, a sua forma concreta, as suas condições, e assim por diante. Vamos continuar. Em São Marcos encontramos exemplos; em São Lucas, parábolas; em São João, o exercício secreto da oração interior, embora isto também se encontre nos outros evangelistas, seja brevemente ou longamente. Em Atos a prática da oração e seus resultados nos são descritos; nas Epístolas dos Apóstolos e no próprio Apocalipse, muitas propriedades inseparavelmente associadas ao ato de orar. E aí está a razão pela qual os Evangelhos são suficientes para mim como professor em todos os caminhos da salvação.

Durante todo o tempo em que ele me mostrou isso e me instruiu, eu estava marcando nos Evangelhos (na minha Bíblia) todas as passagens que ele me apontava. Achei isso muito digno de nota e instrutivo e agradei a ele. Depois continuamos por mais cinco dias em silêncio. Os pés do meu companheiro começaram a doer muito, sem dúvida porque ele não estava acostumado a andar continuamente. Então ele alugou uma carroça com alguns cavalos e me levou com ele. E assim chegamos aos seus arredores, onde ficamos três dias para que, depois de descansar um pouco, possamos partir diretamente para Anzersky, para onde ele está ansioso por ir.

O PADRE: Esse seu amigo é magnífico. A julgar pela sua devoção, ele deve ser muito educado. Eu gostaria de vê-lo.

O PEREGRINO: Ficamos no mesmo lugar. Vou trazer para você amanhã. Agora é tarde demais. Bye Bye.

SEXTO RELATO

O PEREGRINO: Como lhe prometi ontem, pedi ao meu respeitável companheiro peregrino, que consolou minha jornada com sua palestra espiritual e que você queria ver, que me acompanhasse até aqui.

O PADRE: Será muito agradável para mim, e espero também para os meus respeitados visitantes, ver vocês dois e ter a oportunidade de ouvir suas experiências. Tenho aqui comigo um venerável skhimnik [122] e um sacerdote piedoso. E onde dois ou três estiverem reunidos em nome de Jesus Cristo, Ele prometeu estar presente. E agora cinco de nós estamos reunidos aqui em Seu nome, então sem dúvida Ele se dignará a derramar Suas bênçãos ainda mais

generosamente. O que o seu companheiro me contou ontem, querido irmão, sobre o seu ardente apego ao Santo Evangelho é muito notável e instrutivo, e seria muito interessante saber de que forma este grande e bendito segredo lhe foi revelado.

O PROFESSOR: O Deus amantíssimo, que deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade, revelou-me isso por Sua grande misericórdia de uma forma maravilhosa e sem qualquer intervenção humana. Fui professor durante cinco anos e levei uma espécie de vida de triste dissipação, cativado pela vã filosofia do mundo, e não segundo Cristo. Talvez eu tivesse perecido completamente se não tivesse sido sustentado, até certo ponto, pela convivência com minha mãe muito piedosa e minha irmã, uma jovem muito séria. Um dia, enquanto estava passeando, conheci um excelente jovem que se dizia francês e estudante, recém chegado de Paris e que procurava um emprego como tutor. Fiquei muito encantado com seu alto nível de cultura e, como ele era estrangeiro neste país, convidei-o para minha casa e ficamos amigos. Ao longo de dois meses, ele veio me ver com frequência. Às vezes saíamos para passear e nos divertir juntos, e saíamos com interesses que você poderia considerar muito imorais. Finalmente, um dia ele veio com um convite para um lugar desse tipo e, para me persuadir mais rapidamente, começou a elogiar a particular vivacidade e simpatia da companhia para a qual me convidou. Depois de ter conversado sobre isso por um curto período de tempo, ele de repente me pediu para sair do escritório onde estávamos sentados e ir sentar na sala de estar. Isso me pareceu muito estranho. E eu disse a ele que nunca antes havia notado qualquer relutância nele em permanecer em meu escritório, e qual era a causa disso agora, perguntei a ele. E acrescentei que a sala era contígua ao quarto onde estavam minha mãe e minha irmã e que, portanto, seria indecoroso continuar ali esse tipo de conversa. Insistiu sob vários pretextos, mas no final declarou abertamente: "Entre esses livros na estante, você tem um exemplar dos Evangelhos. Tenho tanto respeito por este livro que, na sua presença, é difícil para mim falar sobre assuntos vergonhosos. Por favor, tire-o daí; "Então podemos falar livremente." Sorri, frivolamente, com suas palavras. Tirando os Evangelhos da estante, eu disse: "Você deveria ter me contado muito antes", e estendi-os para ele, dizendo: "Bem, pegue-os você mesmo e coloque-os em qualquer canto da sala". Mal tinha tocado nele com os Evangelhos quando, instantaneamente, ele estremeceu e desapareceu. Isso me confundiu tanto que, de susto, caí no chão sem sentidos. Ao ouvir o barulho, todos da casa vieram correndo em minha direção e durante meia hora tentaram em vão fazer com que eu me recuperasse. Por fim, quando voltei a mim, estava tremendo de medo e me sentindo absolutamente perturbado, e minhas mãos e pés estavam completamente dormentes e eu não conseguia movê-los. Foi chamado o médico, que diagnosticou paralisia como resultado de algum grande choque ou susto. Depois disso, fiquei de cama um ano inteiro e, mesmo com os cuidados médicos mais cuidadosos, não

obtive o menor alívio, de modo que, devido à minha doença, parecia que teria que deixar meu cargo. Minha mãe, que já estava envelhecendo, faleceu nesse período e minha irmã se preparava para adquirir o hábito, o que aumentou ainda mais minha dor. Só tive um consolo neste período de doença, que foi a leitura do Evangelho, que não saiu das minhas mãos desde o início. Foi como uma espécie de lembrança da coisa maravilhosa que aconteceu comigo. Um dia, um monge desconhecido veio me ver. Ele fez uma coleta para seu mosteiro. Ele falou comigo de forma muito persuasiva e me disse que eu não deveria depender apenas de remédios, que sem a ajuda de Deus eles não seriam capazes de me dar qualquer alívio, e que eu deveria orar a Deus e orar diligentemente exatamente por isso, já que a oração é o meio mais poderoso para curar todos os males, tanto físicos quanto espirituais.

“Como posso rezar neste estado, quando não tenho forças para fazer qualquer tipo de reverência, nem posso sequer levantar a mão para me persignar?”, respondi, perplexo. Ao que ele disse: “Bem, seja como for, reze de uma forma ou de outra.” Mas ele não entrou mais no assunto, nem me explicou realmente como orar. Quando o meu visitante partiu, parece-me que quase involuntariamente comecei a pensar na oração e no seu poder e nos seus efeitos, lembrando-me dos ensinamentos que havia recebido sobre o conhecimento religioso há muito tempo, quando ainda era estudante. Isso me deixou muito feliz e renovou meu conhecimento sobre religião em minha mente, além de dar alegria ao meu coração. Ao mesmo tempo, comecei a sentir algum alívio na minha condição. Como o livro dos Evangelhos estava continuamente comigo, tal era a minha fé nele como resultado do milagre, e como também me lembrei de que todas as palestras sobre oração que ouvi nas conferências se baseavam no texto do Evangelho, Achei que seria melhor fazer um estudo da oração e da piedade cristã baseado unicamente no ensinamento do Evangelho. Extraíndo laboriosamente o seu significado, bebi dele como de uma fonte abundante e encontrei um método completo para a vida de redenção e de autêntica oração interior. Marquei com reverência todas as passagens sobre este assunto e, desde então, tenho tentado sinceramente aprender este ensinamento divino e colocá-lo em prática com todas as minhas forças, embora não sem dificuldades. Enquanto eu estava assim ocupado, minha saúde melhorou gradualmente e, finalmente, como você vê, me recuperei completamente. Como ainda morava sozinho, decidi, em gratidão a Deus pela Sua benevolência paterna, que me restaurou e iluminou minha mente, seguir o exemplo de minha irmã e os ditames de meu próprio coração, e dedicar-me a uma vida aposentada, para que, livre de obstáculos, pudesse acolher e fazer minhas aquelas doces palavras de vida eterna que me foram dadas na Palavra de Deus. Então aqui estou hoje, fugindo para a solidão esquete do Mosteiro Solovetsky, no Mar Branco, chamado Anzersky, que ouvi de boa fonte ser um lugar muito adequado para a vida contemplativa. Vou te contar outra coisa também. O Santo Evangelho me dá muito conforto nesta jornada,

derrama luz abundante em minha mente inculta e acelera meu coração congelado. Ainda assim, a verdade é que, apesar de tudo, reconheço francamente a minha fraqueza e admito sem reservas que as condições para cumprir a tarefa espiritual e alcançar a salvação, a exigência da abnegação total, das extraordinárias realizações espirituais e da mais profunda humildade que os mandamentos do Evangelho assustam-me pela sua magnitude e também pelo estado fraco e danificado do meu coração. Então agora me encontro entre o desespero e a esperança. Não sei o que será de mim no futuro.

O SKHIMNIK: Com um exemplo tão evidente de uma graça especial e milagrosa de Deus, e tendo em conta a sua educação, seria imperdoável não só ceder à depressão, mas até admitir na sua alma uma sombra de dúvida sobre a proteção e a ajuda de Deus. Você sabe o que Crisóstomo, o Iluminado de Deus, diz sobre isso? “Ninguém deve ficar desanimado”, ensina ele, “e dar a falsa impressão de que os preceitos do Evangelho são impossíveis ou impraticáveis. Deus, que predestinou a salvação do homem, não lhe impôs, é claro, mandamentos com a intenção de torná-lo um transgressor devido à sua impraticabilidade. Não; mas para que pela sua santidade e necessidade de uma vida virtuosa, eles possam ser uma bênção para nós, tanto nesta vida como na eterna. É claro que o cumprimento regular e inabalável dos mandamentos de Deus é extraordinariamente difícil para a nossa natureza caída e, portanto, a salvação não é fácil de alcançar, mas a mesma Palavra de Deus, que estabelece os mandamentos, também oferece não apenas os meios para a sua pronta realização, mas também conforto em sua execução. Se isto se esconde à primeira vista atrás de um véu de mistério, é então, sem dúvida, para nos fazer aplicar ainda mais à humildade e para nos levar mais facilmente à união com Deus, indicando que nos voltemos diretamente para Ele em oração e súplica por Sua ajuda paterna. É aqui que reside o segredo da salvação, e não na confiança nos nossos próprios esforços.

O PEREGRINO: Como gostaria, fraco como sou, de conhecer esse segredo, para poder corrigir, pelo menos até certo ponto, a minha vida indolente, para a glória de Deus e para a minha própria salvação.

O SKHIMNIK: Você conhece o segredo, querido irmão, do seu livro, a Filocalia. Reside naquela oração contínua sobre a qual você fez um estudo tão determinado e na qual você se ocupou tão ardentemente e encontrou consolo.

O PEREGRINO: Eu me jogo a seus pés, Reverendo Padre. Pelo amor de Deus, deixa-me ouvir dos teus lábios, para o meu bem, sobre este mistério salvífico e sobre a santa Oração, sobre a qual anseio ouvir mais do que qualquer outra coisa e sobre a qual gosto de ler para obter força e conforto para a minha alma pecadora.

O SKHIMNIK: Não posso satisfazer seu desejo com minhas próprias opiniões sobre este assunto elevado porque tenho muito pouca experiência nisso. Mas tenho algumas notas escritas de forma muito clara por um autor espiritual precisamente sobre esta questão. Se os demais presentes quiserem, eu os trarei imediatamente e, com sua permissão, poderei lê-los para todos.

TODOS: Seja gentil, Reverendo Padre; Não esconda de nós esse conhecimento salvador.

O SEGREDO DA SALVAÇÃO REVELADO PELA ORAÇÃO CONTÍNUA

Como se salvar? Esta piedosa pergunta surge naturalmente no espírito de cada cristão que leva em conta a natureza danificada e enfraquecida do homem e o que resta do seu impulso original em direção à verdade e à virtude. Todos que têm o menor grau de fé na imortalidade e na recompensa na vida após a morte são inadvertidamente confrontados com o pensamento, ao voltarem os olhos para o céu: “Como posso ser salvo?” Quando ele tenta encontrar uma solução para esse problema, ele pergunta aos sábios e instruídos. Então, seguindo a orientação deles, ele lê obras edificantes escritas sobre o assunto por autores espirituais e começa a seguir sem hesitação as verdades e regras que leu e ouviu. Ele encontra em todas estas instruções que lhe são constantemente apresentadas como condições necessárias para a salvação, uma vida piedosa e lutas heróicas contra si mesmo, que devem resultar numa decidida negação de si mesmo. Isto deve levá-lo à execução de boas obras e ao cumprimento constante das Leis de Deus, testemunhando assim uma fé firme e inquebrantável. Além disso, é-lhe pregado que todas estas condições devem necessariamente ser satisfeitas com a maior humildade e combinadas entre si. Como todas as boas ações dependem umas das outras, elas também devem apoiar-se, completar-se e fortalecer-se, da mesma forma que os raios do sol, que só revelam a sua força e acendem a chama quando são projetados sobre um único ponto através de uma lente. De outro modo, Quem é infiel no pouco também será infiel no muito.

Além disso, para incutir nele a mais profunda convicção da necessidade desta virtude complexa e unificada, ele ouve os mais apaixonados elogios à beleza da virtude, e ouve a vileza e a miséria do vício censuradas. Tudo isso fica gravado em sua memória pelas promessas verdadeiras, seja de recompensas e alegrias sublimes, seja de castigos atrozos e infortúnios na vida futura. Este é o caráter particular da pregação nos tempos modernos. Assim guiado, aquele que deseja ardentemente a salvação põe-se a realizar com toda a alegria o que aprendeu e a experimentar tudo o que ouviu e leu. Mas, infelizmente, já no primeiro passo ele percebe que é impossível para ele atingir seu propósito. Ele prevê, e verifica isso até pela experiência, que sua natureza danificada e enfraquecida prevalecerá sobre as

convicções de sua mente; que seu livre arbítrio está sujeito; que suas inclinações são perversas; que sua força espiritual nada mais é do que fraqueza. Assim lhe vem naturalmente o pensamento: “Não é possível encontrar algum meio que nos permita cumprir o que exige a Lei de Deus, o que exige a piedade cristã e que utilizaram todos aqueles que alcançaram a salvação e a santidade?”. Por isso, e para conciliar nele as exigências da razão e da consciência com a insuficiência das suas forças para satisfazê-las, dirige-se mais uma vez aos que pregam a salvação, com a pergunta: “Como posso ser salvo? Como se justifica esta incapacidade de satisfazer as condições para a salvação? Aqueles que pregam tudo o que aprendi são fortes o suficiente para executá-lo com firmeza?” “Pergunte a Deus. Reze para Deus. Ore por Sua ajuda”, ele é informado. “Assim, não teria sido mais proveitoso, conclui o inquiridor, se inicialmente, e sempre em todas as circunstâncias, tivesse feito um estudo da oração como meio de cumprir tudo o que a piedade cristã exige e pelo qual é alcançada a Salvação?”.

E assim, continue o estudo da oração: Leia; medite; estude o ensino daqueles que escreveram sobre o assunto. Encontrem neles, certamente, muitos pensamentos luminosos, conhecimentos muito profundos e palavras de grande força. Fala-se admiravelmente da necessidade da oração; outro escreve sobre a sua força, os seus efeitos benéficos; sobre a oração como um dever, ou sobre o fato de que exige zelo, atenção, fervor de coração, pureza de espírito, reconciliação com os inimigos, humildade, contrição e o resto das condições necessárias. Mas o que é realmente a oração? Como você realmente ora? Raramente se encontra para estas questões, por mais primordiais e urgentes que sejam, uma resposta precisa que possa ser compreendida por todos, e assim quem pergunta com ardor pela oração encontra-se novamente diante de um véu de mistério. Como resultado de suas leituras, sua mente é atraída para um aspecto da oração que, embora piedoso, é apenas externo, e ele chega à conclusão de que orar é ir à igreja, fazer o sinal da cruz, curvar-se, ajoelhar-se, ler salmos, cânones. e acatistas. Em geral, esta é a ideia que têm da oração aqueles que não conhecem os escritos dos Santos Padres sobre a oração interior e a ação contemplativa. Por fim, porém, o buscador acaba encontrando o livro chamado A Filocalia, na qual vinte e oito Santos Padres explicam de forma compreensível o conhecimento científico da verdade e a essência da oração do coração. Isto começa a remover o véu que foi levantado diante do segredo da salvação e da oração. Você vê que orar verdadeiramente significa direcionar seu pensamento e memória sem descanso para a lembrança de Deus, caminhando em Sua Presença divina, despertando para Seu amor pelo pensamento Nele, e unindo o Nome de Deus com a respiração e as batidas do coração. Ele é guiado em tudo isso pela invocação com os lábios do Santíssimo Nome de Jesus Cristo, ou pela recitação da Oração de Jesus, em todos os momentos, em todos os lugares e durante qualquer ocupação, sem descanso. Estas verdades luminosas, ao

iluminar o espírito de quem busca e abrir-lhe o caminho para o estudo e a realização da oração, ajudam-no a colocar imediatamente em prática estes sábios ensinamentos. Porém, quando tenta, ainda está sujeito a dificuldades até que um professor experiente lhe mostre, no mesmo livro, toda a verdade, ou seja, que só a oração incessante é o meio eficaz para aperfeiçoar a oração interior e salvar a alma.. É a frequência da oração que constitui a base de todo o método de atividade salvadora e que mantém a sua unidade. Como diz Simeão, o Novo Teólogo, “aquele que ora sem cessar, une tudo o que é bom nesta única coisa”. Assim, para expor a verdade desta revelação em toda a sua plenitude, o professor a desenvolve da seguinte forma:

"Para a salvação da alma é necessária, acima de tudo, a fé autêntica. A Sagrada Escritura diz: Sem fé é impossível agradar a Deus [123]. Quem não tem fé será julgado. Mas pode-se ver na mesma Escritura que o homem não pode iluminar dentro de si a fé, nem mesmo do tamanho de um grão de mostarda; que a fé não vem de nós, mas é um dom de Deus. É dado pelo Espírito Santo. Sendo assim, o que deve ser feito? Como conciliar a necessidade de fé do homem com a impossibilidade da sua parte de produzi-la? A maneira de fazer isso é revelada nas próprias Sagradas Escrituras: Peça e lhe será dado. Os Apóstolos não conseguiram suscitar dentro de si a perfeição da fé, mas rezaram a Jesus Cristo: Senhor: Aumenta a nossa fé. Aqui está um exemplo de como obter fé. Mostra que a fé é alcançada através da oração. Para a salvação da alma, além da fé, são necessárias boas obras, pois a fé, se não tiver obras, é em si morta. Pois um homem é julgado pelas suas obras e não apenas pela sua fé. Se você quer entrar na vida, guarde os mandamentos... você não matará; você não cometerá adultério; você não roubará; não prestará falso testemunho; Honre seu pai e sua mãe e ame o próximo como a si mesmo. E todos estes mandamentos devem ser guardados ao mesmo tempo, porque quem observa toda a Lei, mas viola um único preceito, torna-se culpado de todos [124]. Isto é o que o apóstolo Tiago ensina. E o apóstolo São Paulo diz, descrevendo a fraqueza do homem, que pelas obras da Lei ninguém será reconhecido diante dele [125]. Porque sabemos que a Lei é espiritual, mas eu sou carnal, vendido como escravo do pecado... Porque querer o bem está em mim, mas fazê-lo não. Na verdade, não faço o bem que quero, mas sim o mal que não quero... Portanto, eu mesmo, que com a mente sirvo a Lei de Deus, sirvo com a carne a lei do pecado.."

Como executar as obras prescritas pela Lei de Deus, se o homem está sem forças e não consegue guardar os mandamentos? Ele não tem chance de fazer isso até que peça, até que ore por isso. E você não tem porque não pede [127]; Essa é a causa, diz-nos o Apóstolo. E o próprio Jesus Cristo diz: Sem mim nada podeis fazer. E quanto a fazer isso com Ele, Ele nos dá este ensinamento: Permaneça em mim e eu

em você... Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto. Mas estar Nele significa sentir continuamente a Sua presença, orar continuamente em Seu nome. Se você me pedir alguma coisa em meu nome, eu o farei. Assim, a possibilidade de realizar boas obras só é alcançada através da oração. Um exemplo disso pode ser visto no próprio São Paulo: Três vezes ele rezou para vencer a tentação, dobrando o joelho diante de Deus Pai, para que Ele lhe desse força no homem interior, e no final foi ordenado acima de tudo. orar, e orar continuamente por tudo.

Do que acabamos de dizer, segue-se que toda a salvação do homem depende da oração e que, portanto, é primordial e necessária, pois por ela se vivifica a fé e com ela se realizam todas as boas obras. Numa palavra, com a oração tudo progride com sucesso; Sem ela, nenhum ato de piedade cristã pode ser realizado. Assim, a condição de que seja oferecida incessantemente e em todos os momentos pertence exclusivamente à oração. Pois bem, cada uma das outras virtudes cristãs tem o seu tempo. Mas no caso da oração, somos ordenados a ter uma ação contínua e ininterrupta. Orar sem cessar. É justo e conveniente rezar sempre, em qualquer lugar.

A verdadeira oração tem suas condições. Deve ser oferecida com mente e coração puros, com zelo ardente, com atenção aplicada, com temor e reverência, com a mais profunda humildade. Mas que pessoa conscienciosa deixará de admitir que está longe de satisfazer esses requisitos; quem oferece a sua oração mais por necessidade, por compulsão, do que por inclinação, prazer e amor por ela? Sobre isso, também, a Sagrada Escritura diz que não está no poder do homem manter seu espírito firme, limpá-lo de pensamentos impuros, porque os pensamentos do homem são maus desde a juventude, e que só Deus dá outro coração e outro espírito..., já que querer e agir vêm de Deus. O próprio Apóstolo São Paulo diz: Meu espírito (isto é, minha voz) ora, mas minha mente permanece infrutífera [128]. Não sabemos pedir o que é bom para nós [129], diz ele. Segue-se que somos incapazes de oferecer oração autêntica. Não podemos, em nossas orações, revelar suas propriedades essenciais.

Se tal é a impotência de cada ser humano, o que ainda é possível para a salvação da alma do lado da vontade humana e da sua força? O homem não pode adquirir fé sem oração, e o mesmo vale para as boas obras. E, finalmente, mesmo orar não está dentro das suas possibilidades. Então, o que resta para você fazer? O que lhe resta para exercer a sua liberdade e a sua força, para que não pereça, mas seja salvo?

Cada ação tem sua qualidade, e essa qualidade Deus reservou para Sua própria vontade e dom. Para que a dependência do homem em Deus, a vontade de Deus, possa ser demonstrada com a maior clareza e ele possa mergulhar mais

profundamente na humildade, Deus atribuiu à vontade e à força do homem apenas a quantidade da oração. Ele ordenou a oração incessante, para orarmos sempre, em todos os momentos e em todos os lugares. Aqui é revelado o método secreto para alcançar a verdadeira oração e, ao mesmo tempo, a fé, o cumprimento dos mandamentos de Deus e a salvação. Assim, é a quantidade que é atribuída ao homem, como sua parte; A frequência da oração depende de você e está sob a jurisdição de sua vontade. Isto é exatamente o que os Padres da Igreja ensinam. São Macário, o Grande, diz que orar verdadeiramente é um dom da graça. Hesíquio diz que a frequência da oração se torna um hábito e se torna uma coisa natural, e que sem a invocação frequente do Nome de Jesus Cristo é impossível purificar o coração. Os Veneráveis Calisto e Inácio aconselham a oração frequente e contínua do Nome de Jesus Cristo antes de todas as práticas ascéticas e boas obras, porque a frequência leva à perfeição até mesmo a oração imperfeita. O bem-aventurado Diádoco afirma que se um homem invocar o Nome de Deus com a maior frequência possível, não cairá em pecado. Quanta experiência e sabedoria há aqui, e quão próximas do coração estão estas instruções práticas dos Padres! Com a sua experiência e simplicidade, eles lançaram muita luz sobre os meios de levar a alma à perfeição. Que contraste gritante com as instruções morais da razão teórica! A razão é a seguinte: “Faça tal e tal boa ação; arme-se de coragem; use sua força de vontade; convença-se considerando os resultados felizes da virtude, purifique sua mente e coração dos sonhos mundanos, preencha seu lugar com meditações instrutivas, faça o bem e você será respeitado e viverá em paz; Viva da maneira que sua razão e sua consciência ditarem.” Mas, infelizmente, mesmo com todas as suas forças, tudo isso não atinge o seu propósito sem orações frequentes, sem pedir a ajuda de Deus.

Passemos agora a alguns outros ensinamentos dos Padres e veremos o que eles dizem sobre, por exemplo, a purificação da alma. São João Clímaco escreve: “Quando o espírito estiver obscurecido por pensamentos impuros, ponha em fuga o inimigo com a repetição frequente do Nome de Jesus. Você não encontrará no céu ou na terra uma arma mais poderosa e eficaz do que esta.” São Gregório Sinaíta ensina assim: “Saiba isto: ninguém pode controlar a sua mente sozinho; Portanto, quando surgirem pensamentos impuros, invoque o Nome de Jesus Cristo com frequência e em intervalos frequentes, e os pensamentos serão aquietados.” Que método simples e fácil! Em suma, está comprovado pela experiência. Que contraste com o conselho da razão teórica, que presunçosamente afirma alcançar a pureza pelos seus próprios esforços!

E uma vez que tomamos nota destas instruções com base na experiência dos Santos Padres, chegamos à verdadeira conclusão: Que o método principal, o único e muito fácil de alcançar a meta da salvação e da perfeição espiritual é a frequência e

ininterrupção da oração, por mais fraca que seja. Alma cristã, se você não encontra em si mesmo a força para adorar a Deus em espírito e em verdade, se o seu coração ainda não sente o calor e a doce satisfação da oração interior, então contribua para o sacrifício da oração com o que puder, ou seja, dentro das possibilidades da sua vontade, o que está ao seu alcance. Familiarizem, sobretudo, o humilde instrumento dos seus lábios com a invocação piedosa, frequente e persistente. Que invoquem o poderoso Nome de Jesus Cristo com frequência e sem interrupção. Não é um grande esforço e está ao alcance de todos. É o que ordena também o preceito do Santo Apóstolo: Por Ele ofereçamos continuamente a Deus um sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que bendizem o Seu Nome. [130].

Certamente, a frequência da oração cria um hábito e se torna algo natural. Conduz a mente e o coração, de tempos em tempos, a um estado adequado. Suponha que um homem cumpra continuamente este mandamento de Deus sobre a oração incessante; Bem, nesta única coisa ele terá cumprido todas elas. Porque se você oferece a Oração sem interrupção, em todos os momentos e em todas as circunstâncias, invocando secretamente o Santíssimo Nome de Jesus (embora a princípio você possa fazê-lo sem ardor ou zelo espiritual, e até mesmo forçando-se a fazê-lo), então você não terá tempo para conversas vãs, nem para julgar o próximo, nem para desperdício inútil de tempo em prazeres pecaminosos dos sentidos. Todo mau pensamento seu encontraria resistência ao seu desenvolvimento. Qualquer ato culposo proposto não seria executado tão facilmente como com a mente desocupada. Muitas palavras e conversas vãs seriam restringidas e até totalmente eliminadas, e toda falta seria imediatamente limpa da alma pelo poder misericordioso da invocação frequente do Nome divino. O exercício frequente da oração muitas vezes impediria a alma de cometer atos pecaminosos e a chamaria ao que constitui o exercício essencial da sua arte, a união com Deus. Você vê agora quão importante e necessária é a quantidade na oração? A frequência da oração é o único método para alcançar a oração pura e verdadeira. É a melhor e mais eficaz preparação para a oração e o meio mais seguro de alcançar o objetivo da oração e da salvação.

Para finalmente convencê-lo da necessidade e fecundidade da oração frequente, advirta: Primeiro; que todo impulso e todo pensamento voltado para a oração é obra do Espírito Santo e voz do nosso anjo da guarda; segundo, que o Nome de Jesus Cristo invocado na oração inclui um poder salutar que existe e atua por si mesmo e, portanto, você não deve ser perturbado pela imperfeição ou secura da sua oração; espera pacientemente o fruto da invocação frequente do Nome divino. Não dê ouvidos às insinuações tolas e inexperientes do mundo vão, de que uma invocação morna, por mais insistente que seja, é uma repetição inútil. Não! O poder do Nome divino e a sua invocação frequente darão frutos no devido tempo. Um

certo autor espiritual falou maravilhosamente sobre isso. “Eu sei”, diz ele, “que para muitos chamados espiritualistas e filósofos sábios, que procuram em toda parte falsas grandezas e práticas que parecem elevadas aos olhos da razão e do orgulho, o simples exercício vocal, mas frequente, da oração parece algo de pouca importância, uma ocupação trivial, até mesmo uma ninharia. Mas, infelizes, enganam-se e esquecem-se do ensinamento de Jesus Cristo: Em verdade vos digo que, a menos que vocês se convertam e se tornem como crianças, vocês não entrarão no reino dos céus [131]. Eles elaboram para si próprios uma espécie de ciência da oração, sobre os fundamentos instáveis da razão natural. Precisamos de muita ciência, ou reflexão, ou conhecimento para dizer com coração puro: Jesus, Filho de Deus, tem piedade de mim? Ah, alma cristã, anime-se e não silencie a invocação ininterrupta da sua oração, ainda que o seu chamado venha de um coração ainda em guerra consigo mesmo e meio cheio pelo mundo. Não te preocupes. Prossiga com a oração, não a deixe calar e não se preocupe. Ela se purificará através da repetição. Nunca deixe a sua memória esquecer isto: Maior é Aquele que está em você do que Aquele que está no mundo [132]. Deus é maior que o nosso coração e conhece todas as coisas, diz o Apóstolo.

“E assim, depois de todos estes argumentos convincentes de que a oração frequente, tão poderosa em cada fraqueza humana, é certamente acessível ao homem e depende inteiramente da sua própria vontade, decida experimentá-la, mesmo que apenas por um único dia, a princípio. Mantenha a vigilância sobre si mesmo e faça com que a frequência de sua oração seja tal que, das vinte e quatro horas do dia, você gaste muito mais tempo ocupado com a piedosa invocação do Nome de Jesus Cristo, do que com outras tarefas. E este triunfo da oração sobre os assuntos mundanos certamente demonstrará no devido tempo que esse dia não terá sido perdido, mas terá buscado a salvação; que na balança do Julgamento divino, a oração frequente supera as suas fraquezas e más ações e apaga do livro de registros da consciência os pecados daquele dia; que ela coloca os teus pés na escada da virtude e te dá a esperança da santificação na próxima vida.

O PEREGRINO: Agradeço-te de todo o coração, Santo Padre. Com esta leitura você trouxe alegria à minha alma pecadora. Pelo amor de Deus, permita-me fazer uma cópia do que você leu. Posso fazer isso em uma ou duas horas. Tudo o que você leu foi tão belo e consolador, e é tão compreensível e claro para minha mente embotada quanto a Filocalia, na qual os Santos Padres tratam da mesma questão. Aqui, por exemplo, João dos Cárpatos, na quarta parte da Filocalia, também diz que se você não tem forças suficientes para o autocontrole ou para as realizações ascéticas, saiba que Deus quer salvá-lo através da oração. Mas como tudo isso é desenvolvido de maneira bela e compreensível em seu caderno. Agradeço a Deus acima de tudo e a você por me permitir ouvi-lo.

O PROFESSOR: Também escutei com muita atenção e apreciei sua leitura, Reverendo Padre. Qualquer argumento que se baseie em lógica estrita é uma delícia para mim. Mas, ao mesmo tempo, parece-me que a possibilidade da oração contínua depende em alto grau das circunstâncias que lhe são favoráveis e da solidão total e tranquila. Pois concordo que a oração frequente e incessante é um meio único e poderoso de obter o auxílio da graça divina em todo ato de devoção pela santificação da alma, e que está dentro das possibilidades humanas. Mas este método só pode ser usado se alguém aproveitar a possibilidade de solidão e calma. Ao afastar-se das ocupações, preocupações e distrações, pode-se orar com frequência ou mesmo continuamente. Você só precisa lutar contra a preguiça ou contra o tédio de seus próprios pensamentos. Mas se ele estiver vinculado a deveres e ocupações constantes, se estiver necessariamente na companhia barulhenta de pessoas e tiver um forte desejo de orar com frequência, ele não poderá realizar esse desejo por causa das distrações inevitáveis. Portanto, o método da oração frequente, porque depende de circunstâncias favoráveis, não pode ser utilizado por todos, nem diz respeito a todos.

EL SKHIMNIK: Não faz sentido tirar tal conclusão. E isso sem falar no fato de que o coração que aprendeu a oração interior pode sempre orar e invocar o Nome de Deus sem impedimentos durante qualquer ocupação, seja física ou mental, e com qualquer ruído (quem sabe disso, sabe por experiência própria).), e aqueles que o ignoram devem aprendê-lo por meio de treinamento gradual). Pode-se dizer com total confiança que nenhuma distração externa pode interromper a oração de quem deseja orar, porque o pensamento secreto do homem não está vinculado a nenhum vínculo com o mundo externo e é inteiramente livre em si mesmo. Em todos os momentos pode ser reconhecida e orientada para a oração; até a própria língua pode expressar a oração secretamente e sem som audível na presença de muitas pessoas e durante ocupações externas. Além disso, os nossos assuntos certamente não são tão importantes, e a nossa conversa tão interessante, que seja impossível encontrar durante eles, às vezes, o meio de invocar frequentemente o Nome de Jesus Cristo, mesmo quando o espírito ainda não foi treinado no oração contínua. Embora, é claro, a solidão e a evitação de distrações constituam realmente a principal condição para a oração atenta e contínua, ainda assim deveríamos nos sentir culpados pela raridade da nossa oração, porque a quantidade e a frequência estão nas mãos de todos, tanto saudáveis como doentes.. Eles estão sob a esfera de ação de sua vontade. Podem encontrar-se exemplos que o comprovam, naqueles que, embora sobrecarregados de obrigações, deveres, cuidados, preocupações e trabalhos, não só invocaram sempre o Nome divino de Jesus Cristo, mas também assim aprenderam e alcançaram a incessante oração interior do coração. Assim foi o Patriarca Fócio, elevado do posto de senador à dignidade patriarcal, que, governando o vasto patriarcado de Constantinopla, perseverou continuamente na

invocação do Nome de Deus, e assim alcançou a oração do coração que age por si mesmo. Ou Calixto, do santo Monte Athos, que aprendeu a orar incessantemente enquanto exercia seu atarefado trabalho de cozinheiro. Ou o simples Lázaro, que estava continuamente sobrecarregado de trabalho para a congregação, repetia ininterruptamente, no meio de todas as suas ruidosas ocupações, a Oração de Jesus e estava em paz. E muitos outros, que igualmente praticaram a invocação contínua do Nome de Deus.

Se fosse impossível orar no meio de ocupações que distraem, ou na companhia de pessoas, então, é claro, não teríamos recebido ordens. São João Crisóstomo, no seu ensinamento sobre a oração, diz: “Ninguém deve responder que é impossível para um homem ocupado com os cuidados do mundo e que não pode ir à igreja rezar sempre. Em qualquer lugar, onde quer que você esteja, você pode erguer um altar a Deus em seu espírito através da oração e, portanto, é apropriado orar no trabalho, enquanto viaja, em pé no balcão ou sentado, em suas ocupações manuais. Em todos os lugares e em todos os lugares é possível orar e, de fato, se alguém diligentemente voltar sua atenção para si mesmo, então em todos os lugares encontrará circunstâncias apropriadas para orar, desde que esteja convencido de que a oração deve constituir sua ocupação principal. precedência sobre qualquer outro dever. E neste caso, naturalmente ordenaríamos os nossos assuntos de forma mais decisiva; nas conversas necessárias com outras pessoas, ele manteria a brevidade, uma tendência ao silêncio e uma aversão a palavras vãs; Ele não ficaria excessivamente perturbado por coisas irritantes. E desta forma, ele encontraria mais tempo para orar silenciosamente. Com tal regra de vida, todas as suas ações, pelo poder da invocação do Nome de Deus, seriam coroadas de sucesso e, por fim, ele seria treinado para a ininterrupta e piedosa invocação do Nome de Jesus Cristo. Ele saberia por experiência que a frequência da oração, este meio único de salvação, é uma possibilidade da vontade humana; que é possível rezar em todos os momentos, em todas as circunstâncias e em todos os lugares, e passar facilmente da oração vocal frequente à oração mental e, desta, à oração do coração, que abre o Reino de Deus em nós..

O PROFESSOR: Admito que é possível, e até fácil, orar frequentemente, e até continuamente, durante as ocupações mecânicas, uma vez que o trabalho mecânico do corpo não requer um emprego profundo da mente ou muita reflexão, e, portanto, ao realizá-lo, minha mente pode estar imersa em oração contínua, e meus lábios a seguirem igualmente. Mas se devo me envolver em algo exclusivamente intelectual, como, por exemplo, ler cuidadosamente, ou estudar cuidadosamente uma questão profunda, ou composição literária, como posso orar com minha mente e meus lábios nesse caso? E já que a oração é, acima de tudo, uma ação da mente, como posso dar à mesma mente, e no mesmo momento, coisas diferentes para fazer?

O SKHIMNIK: A solução do seu problema não é nada difícil, se levamos em consideração que aqueles que rezam continuamente estão divididos em três classes: Primeiro, os iniciantes; segundo, aqueles que fizeram algum progresso; e terceiro, os bem treinados. Agora, os iniciantes muitas vezes são capazes de experimentar, às vezes, um impulso da mente e do coração em direção a Deus, e de repetir orações curtas com os lábios, mesmo quando estão envolvidos no trabalho mental. Aqueles que fizeram algum progresso e alcançaram uma certa estabilidade mental são capazes de meditar ou escrever na presença ininterrupta de Deus, como base da oração. O exemplo a seguir ilustrará isso: imagine que um monarca severo e exigente ordenou que você redigisse um tratado sobre uma questão obscura em sua presença, aos pés de seu trono. Mesmo que você pudesse estar absolutamente ocupado com seu trabalho, a presença do rei, que tem poder sobre você e que tem sua vida em suas mãos, não permitiria que você esquecesse por um só momento que está pensando, refletindo e escrevendo não na solidão, mas num lugar que exige de você uma reverência, um respeito e uma postura particulares. Esta viva sensação de proximidade do rei exprime muito claramente a possibilidade de estarmos empenhados numa incessante oração interior mesmo durante o trabalho intelectual. Quanto aos demais, aqueles que, por longo hábito ou pela graça de Deus, progrediram na oração mental até chegar à oração do coração, estes não interrompem a oração contínua durante exercícios intelectuais profundos, nem mesmo durante o sono. Como nos disse o Muito Sábio: Durmo, mas meu coração está acordado [133]. Muitos, isto é, aqueles que alcançaram este mecanismo do coração, adquirem tal aptidão para invocar o Nome divino, que ele por si só desperta para a oração, inclina a mente e todo o espírito para uma efusão de oração incessante a qualquer momento. qualquer que seja a circunstância em que a oração se encontre, e por mais abstrata e intelectual que seja sua ocupação naquele momento.

O PADRE: Permita-me, Reverendo Padre, dizer o que penso. Dê-me uma chance de dizer algumas palavras. Foi admiravelmente indicado no artigo que você leu que o único meio de salvação e de alcançar a perfeição é a oração frequente, de qualquer tipo. Pois bem, não entendo muito bem isto, e me parece assim: De que me serviria orar e invocar continuamente o Nome de Deus apenas com a língua e os lábios, se não prestasse atenção o que eu estava dizendo ou entendendo? Isso nada mais seria do que uma vã repetição. O único resultado seria que a língua continuaria a tagarelar e que a mente, prejudicada em suas meditações, veria sua atividade prejudicada. Deus não pede palavras, mas uma mente atenta e um coração puro. Não seria melhor fazer uma oração, por mais curta que seja, talvez até raramente ou apenas em determinados momentos, mas com atenção, com zelo e fervor do coração, e com a devida compreensão? Caso contrário, mesmo que você faça a oração dia e noite, você ainda não alcançará a pureza da mente e não estará

realizando nenhum ato de devoção ou obtendo nada para a sua salvação. Você não confiaria em nada além de conversas externas e ficaria cansado e entediado, e no final o resultado é que sua fé na oração se tornaria completamente fria e você abandonaria completamente esse caminho infrutífero. Além disso, a futilidade de orar apenas com os lábios pode ser vista pelo que nos foi revelado nas Sagradas Escrituras, tal como: Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim [134]. Nem todo aquele que diz: Senhor, Senhor!, entrará no reino dos céus [135]. Mas na igreja eu prefiro falar dez palavras com significado... em vez de dizer dez mil palavras em línguas [136]. Tudo isso mostra a esterilidade da oração externa distraída da boca.

O SKHIMNIK: Poderia haver algo de verdadeiro no seu ponto de vista se ao conselho de rezar com a boca não se acrescentasse a necessidade de ser contínua, se a Oração de Jesus não possuísse uma força que atuasse por si mesma e não obtivesse, para si, atenção e zelo em decorrência da continuidade em seu exercício. Mas como a questão agora em questão é a frequência, a duração e o caráter ininterrupto da oração (mesmo que a princípio ela possa ser realizada de forma distraída ou seca), então, por esse mesmo fato, as conclusões que você erroneamente tirou não param em nada. Vamos investigar a questão um pouco mais de perto. Um autor espiritual, após argumentar sobre o grande valor e benefício da oração frequente expressa em uma única fórmula, finalmente diz: "Muitas pessoas supostamente esclarecidas consideram esta oferta frequente de uma única oração como inútil e até insignificante, chamando-a de mecânica". ocupação, típica de gente simples. Mas, infelizmente, não conhecem o segredo que se revela a partir deste exercício mecânico; Não sabem como este culto frequente dos lábios se torna imperceptivelmente um autêntico apelo do coração, penetra na vida interior, torna-se uma delícia e torna-se, por assim dizer, natural para a alma, dando-lhe luz e sustento, e conduzindo-a à união com Deus. Esses críticos me fazem pensar em crianças pequenas que aprendiam o alfabeto e a leitura. Quando se cansavam, exclamavam: "Não seria cem vezes melhor ir pescar, como papai, do que passar o dia inteiro repetindo 'a', 'b', 'c' incessantemente, ou rabiscando com um lápis?" em uma folha de papel? O valor de saber ler e os benefícios que isso traz, que só poderiam alcançar como resultado desse cansativo estudo memorizado das letras, era um segredo escondido para eles. Da mesma forma, a invocação simples e frequente do Nome de Deus é um segredo escondido para aqueles que não estão convencidos dos seus resultados e do seu grande valor. Eles, avaliando o ato de fé com base na força de sua própria razão inexperiente e míope, esquecem, que ao fazê-lo, que o homem tem duas naturezas, em influência direta de uma sobre a outra; que o homem é composto de alma e corpo. Por que, por exemplo, quando você quer purificar a alma, você primeiro cuida do corpo e o faz jejuar, privando-o de sustento e de alimentos estimulantes? É, claro, para que não

atrapalhe, ou melhor, para que se torne o meio de promover a purificação da alma e a iluminação da mente, para que o sentimento contínuo de fome possa lembrá-lo da sua resolução de buscar a perfeição interior e as coisas agradáveis a Deus, que você tão facilmente esquece. E você verifica por experiência que jejuando o seu corpo você obtém a purificação da sua mente, a paz do seu coração, um instrumento para domar suas paixões e um lembrete do esforço espiritual. E assim, através de coisas externas e materiais você recebe benefício e ajuda interna e espiritual. Você deve entender a mesma coisa sobre a oração frequente dos lábios, que pela sua longa duração obtém a oração interior do coração e favorece a união da mente com Deus. É vão imaginar que a língua, fatigada por esta frequência e por esta estéril falta de compreensão, será forçada a abandonar inteiramente este esforço externo de oração como inútil. Não. A experiência mostra exatamente o oposto aqui. Aqueles que praticaram a oração incessante asseguram-nos que o que acontece é o seguinte: quem decidiu invocar incessantemente o Nome de Jesus Cristo ou, o que dá no mesmo, rezar continuamente a Oração de Jesus, naturalmente encontra dificuldades no início e tem que lutar contra a preguiça. Mas quanto mais e mais ele se esforça para isso, mais ele se torna imperceptivelmente familiarizado com esta tarefa, de modo que, no final, os lábios e a língua adquirem uma tal capacidade de se moverem por si próprios, que mesmo sem qualquer esforço da sua parte, eles próprios agem de forma irresistível e fazem a oração silenciosamente. Ao mesmo tempo, o mecanismo dos músculos da garganta é reeducado de tal forma que ao orar ele começa a perceber que fazer a oração é uma das propriedades essenciais e perpétuas de si mesmo, e até sente, cada vez que para, como se algo estivesse faltando. E daí resulta que a sua mente começa, por sua vez, a curvar-se, a escutar esta ação involuntária dos lábios, e é assim despertada para a atenção, que finalmente se torna uma fonte de deleite para o coração e de oração autêntica. Aqui você vê, então, o efeito verdadeiro e benéfico da oração vocal contínua ou frequente, exatamente o oposto do que supõem aqueles que não a experimentaram nem compreenderam. Quanto às passagens da Sagrada Escritura que você apresentou em apoio à sua objeção, elas serão explicadas se as examinarmos adequadamente. A adoração hipócrita de Deus com a boca, a ostentação nela contida, ou o louvor insincero da exclamação: “Senhor, Senhor!”, foram revelados por Jesus Cristo por esta razão, a saber, que a fé dos orgulhosos fariseus era apenas uma assunto de boca, e a sua consciência não o justificava de forma alguma, nem o seu coração o confessava. Foi a eles que estas coisas foram dirigidas, e não se referem a fazer orações, sobre as quais Jesus Cristo deu instruções claras, explícitas e precisas. É preciso orar sempre e não desanimar. Da mesma forma, quando o apóstolo Paulo diz que na igreja prefere cinco palavras ditas com entendimento a uma multidão de palavras ditas sem pensar ou em língua desconhecida, ele fala do ensino em geral, não da oração em particular, sobre a qual

diz com firmeza: Quero que os homens orem em todos os lugares [137], e este é o preceito geral: orai sem cessar. Você vê agora quão proveitosa é a oração frequente em toda a sua simplicidade, e que reflexão séria requer uma compreensão adequada da Sagrada Escritura?

O PEREGRINO: Isso mesmo, Reverendo Padre. Tenho visto muitos que, simplesmente, sem a luz de nenhuma instrução e sem sequer saber o que é atenção, ofereceram incessantemente com a boca a Oração de Jesus. Eu os vi chegar ao ponto em que seus lábios e língua não podiam mais ser impedidos de recitar a Oração. Ela lhes trouxe felicidade e iluminação, e de pessoas fracas e negligentes ela fez podvizhniki e campeões da virtude [138].

O Skhimnik: A oração leva o homem a um novo nascimento, por assim dizer. A sua força é tão grande que nada, nenhum grau de sofrimento, pode enfrentá-la. Se quiserem, e como despedida, vou ler para vocês, irmãos, um breve mas interessante artigo que trago comigo.

TODOS ELES: Ouviremos com o maior prazer.

SOBRE O PODER DA ORAÇÃO

A oração é tão forte, tão poderosa, que foi possível dizer: “Reze e faça o que quiser”. A oração irá guiá-lo para uma ação correta e justa. Para agradar a Deus você não precisa de nada mais do que amor. “Ame e faça o que quiser”, diz o bem-aventurado Agostinho [139], “porque quem ama verdadeiramente não pode querer fazer algo que não agrada a quem ama”. Visto que a oração é o derramamento e a atividade do amor, pode-se dizer verdadeiramente de maneira semelhante: “Nada além da oração contínua é necessária para a salvação”. “Ore e faça o que quiser”, e você alcançará o objetivo da oração. Através dele você obterá a iluminação.

Para desenvolver ainda mais a nossa compreensão sobre este assunto, tomemos alguns exemplos:

"1. “Ore e pense o que quiser.” Seus pensamentos serão purificados pela oração. A oração iluminará sua mente; ela separará e afastará todos os pensamentos ruins. Isto é assegurado por São Gregório, o Sinaíta. Se você deseja eliminar pensamentos e purificar sua mente, seu conselho é: “Elimine-os com oração!” Já que nada como a oração pode controlar os pensamentos. São João Clímaco também diz sobre isso: “Derrote os inimigos em sua mente com o Nome de Jesus. Você não encontrará outra arma como esta.

"2. “Ore e faça o que quiser.” Suas ações serão agradáveis a Deus e úteis e saltares para você. A oração frequente, seja ela qual for, não permanece estéril, porque nela está o poder da graça: E todo aquele que invocar o Nome do Senhor será salvo. Por exemplo: Um homem que orou sem resultado e sem devoção, obteve

através desta oração clareza de entendimento e um chamado ao arrependimento. Uma menina dada aos prazeres rezou a caminho de casa, e a oração mostrou-lhe o caminho da vida virginal e da obediência aos ensinamentos de Jesus Cristo.

"3. "Ore e não se preocupe muito em dominar suas paixões com suas próprias forças." A oração irá destruí-los em você. Pois Aquele que está em você é maior do que aquele que está no mundo, diz a Sagrada Escritura. E São João dos Cárpatos ensina que se você não tem o dom do autocontrole, não deve se afligir por ele, mas saiba que Deus lhe pede diligência na oração, e que isso o salvará. O padre de quem nos é dito no Otechnik [140] que quando caiu no pecado não cedeu ao desânimo, mas se dedicou à oração, e através dela recuperou o equilíbrio, é um exemplo disso.

"4. "Ore e não tema nada." Não tema infortúnios ou desastres. A oração irá protegê-lo e evitá-los. Lembre-se de São Pedro, que tinha pouca fé e estava afundando; a São Paulo, que rezou na prisão; ao monge que pela oração foi libertado dos ataques da tentação; à menina que foi libertada das más intenções de um soldado como resultado da oração; e casos semelhantes, que ilustram o poder, a força e a universalidade da Oração de Jesus.

"5. "Ore de uma forma ou de outra, mas ore sempre e não se preocupe com nada." Seja feliz em espírito e calmo. A oração consertará tudo e o instruirá. Lembre-se do que os santos — João Crisóstomo e Marcos, o Asceta — dizem sobre o poder da oração. A primeira declara que a oração, mesmo oferecida por nós que estamos cheios de pecado, nos purifica imediatamente. A segunda diz: "Rezar de uma forma ou de outra está ao nosso alcance, mas rezar com pureza é um dom da Graça". Então ofereça a Deus o que há em você para poder oferecer. Dê a Ele primeiro apenas a quantia (que está em seu poder), e Deus derramará força sobre você para sua fraqueza. "A oração, que pode ser seca e distraída, mas contínua, criará um hábito e se tornará algo natural, e se transformará numa oração pura, luminosa, apaixonada e meritória." Por fim, deve-se notar que se a sua vigilância na oração for prolongada, então, naturalmente, você não terá tempo não apenas para cometer ações pecaminosas, mas até mesmo para pensar nelas.

Você vê agora que pensamentos profundos estão concentrados nesta sábia afirmação: "Ame e faça o que quiser"; "orar e fazer o que quiser"? Quão reconfortante e consolador tudo isto é para o pecador oprimido pelas suas fraquezas, que geme sob o peso das suas paixões conflitantes.

Oração: aqui está reunida a totalidade do que nos é dado como meio universal de salvação e crescimento da alma na perfeição. Só isso. Mas quando a oração é mencionada, uma condição é acrescentada. Orar sem cessar é o mandamento da Palavra de Deus. Portanto, a oração mostra o seu poder e o seu fruto mais eficaz

quando é oferecida muitas vezes, incessantemente; porque a frequência da oração pertence sem dúvida à nossa vontade, assim como a pureza, o zelo e a perfeição nela contidas são dom da Graça.

Então, oraremos sempre que pudermos; dedicaremos toda a nossa vida à oração, mesmo quando ela estiver sujeita a distrações no início. Sua prática frequente nos ensinará atenção; a quantidade certamente levará à qualidade. “Se você quer aprender a fazer algo bem, seja ele qual for, você deve fazê-lo com a maior frequência possível”, disse um autor espiritual experiente.

O PROFESSOR: Verdadeiramente, a oração é algo grandioso, e a frequência fervorosa dela é a chave que abre o tesouro de sua graça. Mas quantas vezes descubro em mim um conflito entre o fervor e a preguiça! Quão feliz me faria encontrar os meios para obter a vitória e para me convencer e despertar para a aplicação constante na oração!

O SKHIMNIK: Muitos autores espirituais oferecem numerosos meios baseados no raciocínio lógico para encorajar a diligência na oração. Aconselham-no, por exemplo, a impregnar a mente com pensamentos sobre a necessidade, a excelência e o benefício da oração para salvar a alma; adquirir a firme convicção de que Deus nos pede absolutamente para orar e que a Sua Palavra ordena isso em todos os lugares; lembre-se sempre de que se você for preguiçoso e descuidado na oração, não será capaz de progredir nos atos de devoção ou em alcançar a paz e a salvação e, portanto, inevitavelmente sofrerá punição nesta vida e tormento na próxima; encoraje a sua resolução pelo exemplo de todos os santos que obtiveram a santidade e a salvação através da oração contínua.

Embora todos estes métodos tenham o seu valor, e provenham da compreensão autêntica, a alma, dada ao prazer, que está doente de apatia, mesmo quando os aceitou e usou, raramente vê os seus frutos por esta razão: que estes medicamentos são amargos para seu paladar prejudicado e muito fraco para sua natureza profundamente danificada. Porque qual é o cristão que não sabe que deve rezar com frequência e com diligência, que Deus lhe pede isso, que somos punidos pela nossa preguiça de rezar, que todos os santos rezaram constante e fervorosamente? No entanto, quão raramente todo esse conhecimento dá bons resultados! Todo aquele que se observa vê que justifica muito pouco, e em ocasiões muito raras, estes ditames da razão e da consciência, e que, com pouca memória deles, vive o tempo todo da mesma maneira má e preguiçosa. E por isso os Santos Padres, com a sua experiência e conhecimento divino, conhecendo a fraqueza da vontade e o exagerado amor ao prazer do coração humano, fazem uma determinação particular a respeito, e a respeito disso espalham mel na borda do copo com o remédio. Eles mostram o meio mais fácil e eficaz de acabar com a

preguiça e a indiferença na oração, na esperança, com a ajuda de Deus, de alcançar a perfeição e a doce expectativa do amor a Deus através da oração.

Aconselham-vos a meditar sempre que possível sobre o estado da vossa alma e a ler atentamente o que os Padres escreveram sobre este assunto. Eles oferecem a encorajadora garantia de que esses deleites interiores podem ser alcançados rápida e facilmente na oração, e dizem quão desejáveis eles devem ser. Alegria profunda, uma grande efusão interior de calor e luz, entusiasmo indescritível, leveza de coração, paz profunda e a própria essência de bem-aventurança e contentamento são todos resultados da oração do coração. Mergulhando em reflexões como esta, a alma fraca e fria inflama-se e ganha forças, anima-se com fervor pela oração e é, por assim dizer, tentada a pôr à prova a prática da oração. Como diz Santo Isaac, o Sírio: "A alegria é um incentivo para a alma; a alegria que resulta da esperança que floresce no coração, e a meditação nesta esperança constitui o bem-estar do coração. O mesmo autor continua: "Desde o início desta atividade até o seu final, pressupõe-se que haja um certo método e confiança na sua conclusão, e isso tanto move a alma a estabelecer uma base para a tarefa como a extrair conforto da visão de seu objetivo ao longo do trabalho para alcançá-lo. Da mesma forma, Santo Hesíquio, depois de descrever o obstáculo que a preguiça representa à oração, e de afastar as falsas ideias sobre a renovação do fervor por ela, diz finalmente, abertamente: "Se não estivermos dispostos a desejar o silêncio do coração por nada outra razão, então que seja pelo deleite que a alma experimenta nela e pela alegria que ela traz. Segue-se daí que este Santo Padre coloca o delicioso sentimento de alegria como um incentivo à assiduidade na oração, e da mesma forma Macário, o Grande, ensina que nossos esforços espirituais (oração) devem ser realizados com propósito e na confiança de que eles darão frutos, isto é, alegria aos nossos corações. Exemplos claros da eficácia deste método são encontrados em muitas passagens do Filocalia, contendo descrições detalhadas das delícias da oração. Quem luta contra a fraqueza da preguiça ou da securia na oração deve relê-las sempre que puder, considerando-se, porém, indigno dessas alegrias e censurando-se sempre pela sua negligência na oração.

O SACERDOTE: Tal meditação não levará o inexperiente à voluptuosidade espiritual, como chamam os teólogos a esta tendência da alma, que anseia pela consolação excessiva e pela doçura da graça, e não se contenta em realizar atos de devoção? obrigação e dever sem sonhar com recompensas?

O PROFESSOR: Penso que os teólogos, neste caso, alertam contra o excesso ou o desejo de felicidade espiritual, e não rejeitam inteiramente o gozo e o consolo da virtude. Pois se o desejo de recompensa não é a perfeição, Deus ainda não proibiu o homem de pensar em recompensas e consolações, e Ele mesmo usa até mesmo a ideia de recompensa para incitar o homem a cumprir Seus mandamentos e alcançar

a perfeição. Honrar seu pai e sua mãe é o mandamento, e você vê a recompensa seguir como um agulhão para seu cumprimento, para que você seja feliz. Se você quer ser perfeito, vá, venda o que você tem e venha me seguir. Aqui está a exigência de perfeição, e logo depois vem a recompensa como um incentivo para alcançá-la: E você terá um tesouro no céu. Bem-aventurados sereis quando os homens, odiando-vos, vos excomungarem e amaldiçoarem, e proscreverem o vosso nome como mau por causa do Filho do Homem [141]. Há uma grande demanda aqui por uma realização espiritual que requer força de alma excepcional e paciência inabalável. E, portanto, há para ele uma grande recompensa e consolação, que são capazes de elevar e manter esta força excepcional: porque será grande a sua recompensa nos céus. Por esta razão, penso que é necessário um certo desejo de prazer na oração do coração, e que provavelmente constitui o meio para alcançar diligência e sucesso nela. E assim, tudo isto corrobora sem dúvida o ensinamento prático sobre este assunto que acabamos de ouvir do Padre Skhimnik.

O SKHIMNIK: Um dos grandes teólogos - refiro-me a São Macário do Egito - fala mais claramente sobre esta questão. Diz: "Assim como quando você planta uma videira você dedica sua atenção e seu esforço com o propósito de colher as uvas, porque se assim não fosse todo o seu trabalho seria estéril, assim também na oração, se você não procurar benefício espiritual, isto é, amor, paz, alegria e o resto, seu trabalho será inútil. Portanto, devemos cumprir nossos deveres espirituais (oração) com o propósito e a esperança de colhermos o fruto, ou seja, conforto e alegria em nossos corações. Você vê com que clareza o Santo Padre responder a esta pergunta sobre a necessidade de prazer na oração? E, na verdade, me veio à mente um ponto de vista que li há pouco tempo de um escritor espiritual, que era mais ou menos que o fato de a oração ser natural ao homem é o que constitui a causa principal de sua inclinação para com ela. Assim, o reconhecimento desta naturalidade pode servir também, na minha opinião, como um meio eficaz para vivificar a diligência na oração, meio que o professor tanto procura.

Deixe-me agora resumir brevemente os pontos para os quais chamei a atenção naquele caderno. Por exemplo, o autor diz que a razão e a natureza conduzem o homem ao conhecimento de Deus. A primeira investiga o fato de que não pode haver efeito sem causa, e subindo a escada das coisas tangíveis, do mais baixo ao mais alto, chega-se finalmente à Causa primeira, Deus. A segunda exhibe a cada passo seu maravilhoso conhecimento, sua harmonia, ordem e gradação, e oferece o material básico para a escada que conduz das causas finitas ao Infinito. Assim, o homem natural chega naturalmente ao conhecimento de Deus. E, portanto, não existe, nem nunca existiu, qualquer povo, qualquer tribo bárbara sem algum conhecimento de Deus. Como resultado deste conhecimento, o ilhéu mais selvagem, sem qualquer impulso exterior, volta involuntariamente o olhar, por assim dizer, para

o céu, cai de joelhos, exala um suspiro que não compreende, embora seja tão necessário, e tem a sensação inequívoca de que há algo que o atrai para cima, algo que o empurra para o desconhecido. Esta é a base a partir da qual todas as religiões naturais partem. É algo muito notável neste contexto que, universalmente, a essência ou alma de toda religião consista na oração secreta, que se manifesta em algum tipo de atividade do espírito e que é claramente uma oblação, embora mais ou menos deformada pela escuridão da compreensão crua dos povos pagãos. Quanto mais surpreendente é este fato aos olhos da razão, tanto mais é necessário que descubramos a causa oculta desta coisa maravilhosa, que se exprime numa inclinação natural à oração. A resposta psicológica para isso não é difícil de encontrar. A raiz, fonte e força de todas as paixões e ações do homem está no seu amor inato por si mesmo. A noção universal e profundamente enraizada de autopreservação confirma isto claramente. Todo desejo humano, todo empreendimento, toda ação tem como finalidade a satisfação do amor por si mesmo, a busca da própria felicidade. A satisfação desta exigência acompanha o homem natural durante toda a sua vida. Mas o espírito humano não se satisfaz apenas com o que tem a ver com os sentidos, e o amor inato por si mesmo nunca atenua a sua insistência. E assim, os desejos se multiplicam, os esforços para alcançar a felicidade se intensificam, enchendo a imaginação e incitando os sentimentos para esse mesmo fim. O fluxo desse sentimento e desejo interior é, quando se desenvolve, o estimulante natural da oração. É uma exigência de amor a si mesmo, que dificilmente alcança seu propósito. Quanto menos o homem natural consegue alcançar a felicidade e quanto mais se esforça por ela, mais cresce o seu anseio e mais ele encontra uma saída para isso na oração. Ele se dirige, pedindo o que deseja, à Causa desconhecida de todo o ser. É assim que este amor inato por si mesmo, elemento principal da vida, constitui o estímulo à oração fortemente enraizado no homem natural. O sapientíssimo Criador de todas as coisas incutiu na natureza do homem a capacidade de amor-próprio precisamente como um "esporão", para usar a expressão dos Padres, que estimula o ser caído do homem e o põe em contato com as coisas celestes. Ah, se o homem não tivesse deteriorado esta capacidade, se a tivesse mantido na sua excelência, em contato com a sua natureza espiritual! Ele teria então um incentivo poderoso e um meio eficaz de conduzi-lo pelo caminho da perfeição. Mas, infelizmente! Quantas vezes ele faz desta nobre capacidade uma paixão vil, quando faz dela o instrumento de sua natureza animal!

OO PADRE: Agradeço de todo o coração, meus queridos visitantes. A sua conversa salutar foi para mim um grande consolo e ensinou-me, na minha inexperiência, muitas coisas úteis. Que Deus lhe dê Sua graça em recompensa por seu amor edificante. (Se separam todos).

SÉTIMO RELATO

O PEREGRINO: Meu piedoso amigo professor e eu não resistimos ao desejo de empreender nossa viagem e, antes de fazê-lo, reservar um momento para nos despedirmos e pedir-lhe que reze por nós.

O PROFESSOR: Sim, nosso contato íntimo com você significou muito para nós, assim como as conversas salutares sobre assuntos espirituais que tivemos em sua casa, na companhia de seus amigos. Conservaremos no coração a memória de tudo isto como penhor de fraternidade e de amor cristão naquela terra distante para onde rapidamente partiremos.

O PADRE: Obrigado por se lembrar de mim. E, por falar nisso, como você chegou na hora certa! Há dois viajantes hospedados aqui, um monge moldavo e um eremita que vive tranquilamente numa floresta há vinte e cinco anos. Eles querem ver você. Eu apresento para você imediatamente. Aqui estão eles.

O PEREGRINO: Ah, que bênção é uma vida de solidão! E quão apropriado é levar a alma a uma união ininterrupta com Deus! A floresta silenciosa é como um Jardim do Paraíso onde a deliciosa árvore da vida cresce no coração devoto do solitário. Se eu tivesse algo assim para viver, nada, acredito, me separaria de uma vida hermética.

O PROFESSOR: Tudo nos parece particularmente desejável visto de longe. Mas todos vemos por experiência própria que cada lugar, embora possa ter as suas vantagens, também tem as suas desvantagens. Certamente, se alguém é melancólico por temperamento e inclinado ao silêncio, então uma vida solitária é um consolo. Mas quantos perigos existem neste caminho! A história da vida ascética oferece numerosos exemplos que mostram como numerosos solitários e eremitas, privados de todo tratamento humano, se enganaram e foram vítimas de seduções profundas.

O Eremita: Estou surpreso com a frequência com que se ouve dizer na Rússia, não apenas em casas religiosas, mas mesmo entre leigos tementes a Deus, que muitos que desejam a vida eremítica, ou exercitar-se na prática da oração interior, mantêm seguir esta inclinação por medo de que as seduções os percam. Determinados a fazê-lo, eles apresentam exemplos da conclusão a que chegaram como argumento tanto para evitar a vida interior deles próprios como para desviar dela também os outros. Na minha opinião, isto advém de duas causas: ou da incapacidade de compreender a tarefa a realizar e da falta de iluminação espiritual, ou da própria indiferença face à realização contemplativa e do ciúme que outros, que estão num nível inferior em relação a eles, eles podem deixá-los para trás neste conhecimento superior. É uma pena que aqueles que têm esta convicção não investiguem o ensinamento dos Santos Padres sobre este assunto, pois ensinam, de forma muito decisiva, que não se deve temer nem duvidar ao invocar Deus. Se alguns de fato caíram no autôengano e no fanatismo, isso é consequência do orgulho, de não terem

professor e de tomarem as aparências e a imaginação como realidade. Se tal momento de provação chegasse, especificam os Padres, ele traria a experiência e daria uma coroa de glória, porque a ajuda de Deus vem rapidamente em proteção, quando tal coisa é permitida. Seja corajoso. Eu estou contigo; não temas, diz Jesus Cristo. Daí resulta que sentir medo e preocupação com a própria vida interior sob o pretexto do risco de autøgano é uma coisa vã. Pois a humilde consciência dos próprios pecados, a abertura da alma ao professor e a ausência de imagens na oração são uma defesa forte e segura contra aquelas ilusões tentadoras das quais alguns têm tanto medo e pelas quais não se aventuram. na atividade espiritual. E, a propósito, estes últimos estão eles próprios expostos à tentação, como nos lembram as sábias palavras de Filoteu, o Sinaíta, que diz: “Há muitos monges que não compreendem a ilusão das suas próprias mentes, que sofrem nas mãos de demônios; Isto é, dedicam-se diligentemente a apenas uma forma de atividade, as boas obras externas, e quanto à atividade espiritual, isto é, a contemplação interna, dificilmente se preocupam, pois neste ponto são ignorantes.

Embora os Contos tenham sido publicados sem o nome do autor, a edição em inglês de Aleksei Pentkovsky *The Pilgrim's Tale*, Paulist Press, 1999, sugere que as primeiras quatro histórias são uma reescrita de uma obra original do Arquimandrita Mikhail Kozlov (1826-1884), e que o suplemento suplementar os relatos são obra de Arsenii Trœpolskii (1804-1870).

NOTAS DA PRIMEIRA PARTE

[1] O Abade APOLLO. Cfr. *Apophtegmata Patrum* (citado por Paul Evdokimov, *The Ages of the Spiritual Life*, Paris, 1964, p. 230).

[2] Frithjof SCHUON, *Sobre a Unidade Transcendente das Religiões*, cap. IX, “Sobre a Iniciação Crística”, Paris, 1968, pp. 155 e 161.

[3] Jean GOUILLARD, *Pequena Filocalia da oração do coração*, “Livro da Vida”, número 83-84, Paris, 1968, p. 177.

[4] *Oskrovennye razskazy Strannika dukhovnomu svoemu otcu*, Paris, YMCA Press, 1930. Uma primeira tradução francesa foi publicada na revista *Irénikon* (Amay/Meuse, Bélgica). Tradução alemã: *Ein russisches Pilgerleben*, de R. von WALTER, Berlim, 1925.

[5] *Sobre os efeitos benéficos da oração de Jesus*, Ladimirova u Svidnika, Tchecoslováquia, 1933 (em russo). (São essas histórias que compõem a segunda parte desta edição.)

[6] Ver nota 23.

[7] Cfr. Gregório de NISA, Sexta-feira de Moisés, traduzido e apresentado por J. Daniélou, SJ, Col. "Fontes Cristãs", Lyon-Paris, 1943. Em alemão: Gregor VON NYSSA, Der Versiegelte Quell, trad. e introdução. de Baus Urs von Balthasar, Salzburgo, O. Müller, 1939. No que diz respeito à teologia oriental, ver mais em particular C. CONGAR: "The Notion of Deification in Orient", Vie spirituelle, 1935, p. 99, e a Sra. Lot BORODINE: "A Deificação na Igreja Grega", Revisão da História das Religiões, t. Apocalipse 105, 106, 107 (1933).

[8] Anselmo STOLZ, O. S. B., Theologie der Mystik, Ratisbona, 1936.

[9] Literalmente: perícopes 253. Este termo designa os textos da Bíblia tal como são lidos nos cultos ou na missa.

[10] 1 Tes. 5, 17.

[11] Ef. 6, 18.

[12] 1Tm. 2, 8.

[13] Em outras palavras: um pomieshchik, cavalheiro da pequena nobreza rural.

[14] 1 versta = 1.067 km.

[15] É a pergunta tradicional que o discípulo dirige ao seu mestre nos mosteiros e eremitérios do Oriente.[16] Breve tratado sobre a eficácia da oração, escrito por São Demétrio de Rostov (1651-1709); (cf. Obras, Moscou, 1895, pp. 107-114). Demétrio (nascido Daniel SAVICH TUPTALO), filho de um oficial cossaco, adquiriu o hábito em 1668. Nomeado por Pedro, o Grande, para a sé episcopal de Rostov (perto de Moscou) em 1701, lutou vigorosamente contra o relaxamento do clero e dos fiéis. e restaurou a disciplina em sua eparquia. Autor de numerosos sermões e tratados, bem como de um levantamento sobre seitas, dedicou a maior parte da sua vida a escrever o Menologium Russo, um calendário litúrgico que contém a vida dos santos na ordem das suas festas que Pedro Mohila não tinha conseguido. para realizar. A edição, iniciada em 1684, só foi concluída em 1705, em Kiev. Nesta obra, assim como num sermão, pronunciou-se a favor da Imaculada Conceição, o que lhe rendeu severas reprimendas de Joaquim, Metropolita de Moscou. Seu corpo foi encontrado intacto em 1752, Foi canonizado em 1757. Sua festa é celebrada em 21 de setembro. Ele é o primeiro santo canonizado pelo Santo Sínodo.

[17] Pl. de padre. O padre, ou o Ancião, é um monge ou homem solitário que leva uma vida ascética ou de oração e que, sem ter função particular no mosteiro, é escolhido pelos jovens monges ou pelos leigos como mestre espiritual. A caridade por parte do professor e a humildade por parte do discípulo são as virtudes sobre as quais se estabelece uma relação espiritual mais íntima do que aquilo que no Ocidente é chamado de "direção da consciência". Além da descrição do padre Zósimo em Os Irmãos Karamazov, muitos detalhes sobre este assunto são dados no

livro bastante completo de Igor SMOLITSCH: *Leben und Lehre der Starzen*, Viena, 1936.

[18] Cant. 5, 2. Esta citação feita pelo peregrino de um texto fundamental para o hesicasmo, numa época em que esta escola mística ainda era desconhecida, parece implicar sem dúvida que as histórias foram escritas depois de certas conversas, por um monge que, ao mesmo tempo que reproduz as palavras do peregrino, acrescenta por si mesmo as citações que lhe são familiares.

[19] 1Tm. 2, 1.

[20] Rom. 8, 26.

[21] Isaque de Nínive, também chamado de "o Sírio". Asceta e místico nestoriano do final do século VII. Originário da Arábia (região de Beit Qataraya, na costa do Golfo Pérsico voltada para as ilhas do Bahrein), ainda jovem ingressou no convento de Mar Mattai em Jabal Makkub, cerca de trinta quilômetros ao norte de Mossul. Elevado à sé episcopal de Nínive pelo Patriarca Nestoriano Jorge (660-680), não pôde permanecer ali, sem dúvida por causa do ciúme do clero local contra um estrangeiro, e aposentou-se após cinco meses. Morreu em idade muito avançada no convento de Rabban Schabor, tendo ficado cego devido às suas austeridades e às suas leituras.

De suas obras, traduzidas para o grego no século XVIII e publicadas por Nicéforo Theotoki (2ª ed., Atenas, 1895), alguns trechos são encontrados em MIGNE, *Patrologie grecque*, t. 86. col. 8 11-886. Sob o título *Liber de contemplu mundi*, estão assim reunidos 25 sermões diferentes, distribuídos arbitrariamente em 53 capítulos. A mesma coleção foi incluída na *Filocalia grega e eslava*. Nesse caminho ele passou para a Rússia. Lembre-se de que em *Os Irmãos Karamazov*, Smerdyakov é um leitor regular de Isaac, o Sírio.

Cfr. WENSINK, *Da vita contemplativa de Isaac de Nínive*, Trad. inglês, 1930.

Cfr. *asimismo*, Marius BESSON, "Uma coleção de sentenças atribuídas a Isaac, o Sírio", *Oriens Christianus*, Roma, 1901, t. 1, pp. 46-60 e 288-298.

[22] Esta definição de oração contínua, que com a "busca do lugar do coração" constitui o fundamento do hesicasmo, remonta aos primeiros tempos da espiritualidade no Oriente. Já se encontra em Evagrius Ponticus (falecido em 401), em Diádoco de Photicé (século V), em João Clímaco (século VI), em Máximo, o Confessor (século VII) e em Simeão, o Novo Teólogo (século XI).. A tradição da oração contínua perde-se então. Reaparece no século XIV, com a chegada de Gregório Sinai ao Monte Athos, de forma técnica e até "científica", como dizem os seus defensores, o que dá origem a grandes deformações.

Introduzido na Rússia pelo padre Nilo Sorski (1433-1508), que viveu em Athos, espalhou-se pelas ermidas do Norte. Após um novo eclipse, recuperou popularidade

no final do século XVIII, no mundo grego, graças a Nicodemos, o Hagiorita, que publicou a Filocalia em Veneza em 1782, e no mundo eslavo, graças ao padre Paisius Velichkovsky. Os grandes solitários russos do século 19 serão inspirados nele>/span>...

Os textos que apresentamos a seguir podem dar uma ideia desta tradição: Evagrius Ponticus, *Practicos*, II, 49: «O trabalho manual, as vigílias e o jejum não nos são ordenados em todos os momentos; mas é lei que oremos sem cessar... A oração, de fato, torna o nosso espírito robusto e duro para a luta...". (De acordo com HAUSHERR, "Traité de l'oraison d'Evagre le Pontique", *Rev. Asc. et Mystique*, volume XV, janeiro-abril de 1934, p. 53).

Diádoco De Fotice, *Cem Capítulos sobre a Vida do Espírito*. Capítulo 59: «O nosso espírito, quando fechamos todas as suas saídas pensando constantemente em Deus, exige algo sobre o qual agir, porque por natureza precisa estar constantemente em movimento. É oportuno, portanto, dar-lhe o nome santíssimo do Senhor, que pode satisfazer plenamente o seu zelo. Mas é importante saber que ninguém pode dizer: Jesus é Senhor, senão pelo Espírito Santo..." (1 Cor. 12, 3).

Capítulo 97:
...Quem quiser livrar-se de todo o mau humor não deve contentar-se em rezar um pouco de vez em quando, mas deve exercitar-se na oração em espírito... Porque, assim como quem quer purificar o ouro não deve deixar o cadinho esfriar um só momento, se não quiser ver a pepita purificada reduzida ao seu primeiro estado, da mesma forma quem não pensa em Deus exceto de vez em quando, o que adquiriu pela oração, ele perde assim que cessa.

Quem ama a virtude deve consumir pelo pensamento de Deus toda a materialidade do seu coração para que, pela evaporação progressiva do mal em contacto com este fogo ardente, a sua alma apareça finalmente acima das colinas eternas em todo o esplendor da sua aurora.

(Textos da Filocalia. Tradução russa concluída. Moscou, 1889).

[23] Φιλοκαλία τῶν Ἱερῶν Νηπιτικῶν, Veneza, 1782. Coleção de textos patrísticos sobre "oração espiritual" e a guarda do coração ou sobriedade (), coletada e publicada em Veneza por um monge grego do Athos, Nicodemos de Naxos ou o Hagiorita.... Quase simultaneamente, o padre Paisius Velichkovsky (1722-1794) encomendou uma Filocalia Eslava (*Dobrotoliubie*), publicada em 1794. A tradução russa, obra de Teófanos, bispo de Tambov, apareceu em Moscou em 1889.

[24] Monge de Athos (século XIV). Autor de um tratado sobre a "guarda do coração" (MIGNE, PG, t. 147, cols. 945 ss.) e talvez do Tratado sobre as três formas de oração ou Método de oração hesicasta, atribuído sem razão a São Simeão o Novo Teólogo (cf. HAUSHERR, "La méthode d'oraison hésychaste", *Orientalia Christiana*, vol. IX, 2,

junho-julho de 1927). Estes escritos forneceram a base para os exageros quietistas dos hesicastas do século XIV.

[25] Um dos maiores místicos da Igreja Grega (949-1022). Levado aos 19 anos à corte imperial, logo ingressou no mosteiro de Studion e, depois de seis anos, em San Mamas, do qual foi abade durante vinte e cinco anos. Após um conflito com o Patriarca Estêvão de Nicomédia, ele teve que deixar Constantinopla por algum tempo, mas foi reabilitado antes de morrer.

Agraciado com visões desde os quatorze anos, compôs hinos em versos de um lirismo luminoso, os Amores dos hinos divinos, dos quais existe uma tradução alemã: SYMEON DER NEUE THEOLOGE, Licht vom Licht, Hymnen. Traduzido por PK Kirchhoff, OFM, por J. Hegner em Hellerau,

A sua teologia, pela excessiva importância que dá às visões e aos fenômenos místicos sensíveis, deve ser considerada a origem do hesicismo do século XIV. Cfr. em francês: "Vida de São Simeão, o Novo Teólogo", de Nicetas Stethatos, editado pelo Padre Hausherr, Or. Christiana, julho-outubro de 1928. Em alemão: K. HOLL, Enthusiasmus und Bussgewalt, Leipzig, 1898, e N. ARSENIIEV, Ostkirche und Mystik, Munique, 1925. Em russo: LODYCHENSKI, Invisible Light, São Petersburgo, 1912, e P. ANIKIEV, Apologia do Misticismo em São Simeão, o Novo Teólogo, São Petersburgo, 1915.

[26] Monge de Athos (século XIV). Nascido na segunda metade do século XIII, morreu por volta de 1346. Originário da Ásia Menor e vindo do Sinai, ele restaurou a tradição hesicasta em Athos e pôs em vigor a "oração contínua". Durante as grandes controvérsias hesicastas (1320-1340), teve que deixar Athos e se estabelecer na Bulgária, onde fundou um mosteiro perto da atual cidade de Kavaklu. O texto grego de sua vida foi publicado por Pomialovski em São Petersburgo, em 1894 (nas Publicações da Faculdade de História e Filologia da Universidade de São Petersburgo, vol. 35); o texto eslavo, de P. Syrku, São Petersburgo, 1909. Obras em MIGNE, PG, t. 150.

[27] Calixtus Xanthopoulos, patriarca de Constantinopla por alguns meses em 1397, recebeu treinamento ascético em Athos como monge. Compôs com seu amigo Inácio Xanthopoulos um tratado sobre a vida ascética (PG, t. 147).

[28] Extraído do tratado sobre a "guarda do coração" (custódia De Cordis, MIGNE, PG, t. 147, cols. 963-966).[29] Literalmente, «automática».

[30] O peregrino, portanto, nada mais conhece do que o primeiro grau da oração. Nas histórias seguintes ele explicará seu progresso e a descoberta progressiva da "oração espontânea do coração". Deve-se admitir, então, ou que a primeira história não se passou em Irkutsk, mas num período anterior da vida do peregrino, ou melhor, que foi escrita de forma didática, com certo sentido de composição,

reunindo todos os detalhes dados pelo peregrino sobre a iniciação na oração. Este é um novo argumento para atribuir a escrita das histórias a um amigo religioso do peregrino.

[31] Inocêncio (Kulchitski), primeiro bispo de Irkutsk (1682-1731). Originário da província de Chernigova, na Pequena Rússia, estudou na escola de Kiev; Foi professor na Academia Eslavo-Greco-Latina de Moscou, hieromonge, mais tarde superior na Laura de Santo Alexandre Nevsky em São Petersburgo. Enviado em missão à China com o título de bispo, teve que passar quase cinco anos em Selenginsk e, em 1727, foi nomeado bispo de Irkutsk. A sua luta contra os abusos, o seu zelo pela melhoria dos costumes, a sua paciência, a sua mansidão e a sua caridade criaram uma grande reputação de santidade. Suas relíquias foram expostas solenemente à veneração dos fiéis em 1805, e sua festa foi marcada para 26 de novembro, com o título de pontífice e milagreiro.

[32] Esta história relembra um episódio da vida de São Serafim de Sarov. No outono de 1801, enquanto cortava lenha na floresta, o monge foi atacado por ladrões que queriam levar o seu dinheiro. Quando ele lhes disse que não tinha nada, eles bateram-lhe na cabeça e feriram-no gravemente. O homem solitário não quis deixar que os médicos cuidassem dele, confiando na ajuda do Senhor que lhe deu uma visão enquanto estava deitado no chão. E pediu que os seus agressores não fossem perseguidos, segundo as palavras do Evangelho: Não temas os que matam o corpo, porque não podem matar a alma; antes tema aquele que pode perder o corpo e a alma na Geena (Mt. 10, 28).

[33] Eu Tim. 2, 4.

[34] I Cor. 10, 13.

[35] Este é um livro publicado pela famosa gráfica de Kiev, Laura.

[36] O alfabeto eslavo tem trinta e sete letras. Seus caracteres são bem diferentes dos do alfabeto russo.

[37] Ele viveu no final do século XIII. Muitas de suas obras ainda são inéditas. Encontram-se em MIGNE (PG, t. 143, cols. 381-408) muitos de seus escritos ascéticos, uma polémica contra os cismáticos e alguns hinos em tradução latina.

[38] Prov. 25, 21.

[39] Mt. 5, 44.

[40] Mt. 5, 40.

[41] I Pe. 3, 4.

[42] Jo. 4 23.

[43] Lc. 17 21.

[44] Rom. 8, 26.

[45] Jo. 15, 4.

[46] Prov., 23, 26.

[47] Rom. 13, 14 e Gál. 3, 27.[

48] Cf. Ap. 22, 17.

[49] Cf. ROM. 8, 15-16.

[50] Este é sem dúvida um sermão de Efrém, o Sírio, no qual o Julgamento é descrito de uma forma particularmente dramática.

[51] De Jerusalém. Sacerdote e exegeta, sem dúvida do século V. Autor de comentários alegóricos do Antigo e do Novo Testamento segundo o método de Orígenes e dos Alexandrinos. O texto a que alude o peregrino deve-se a outro monge com o mesmo nome, Hesíquio de Batos (séculos VI-VII), discípulo de João Clímaco. Ocorre no século II dedicado a Teódulo, sentença 7 (Cfr. MIGNE, PG, t. 93, cols. 1480-1544).

[52] Cf. Gregório De Nisa, Vie de Moïse, ed. Danielou, pág. 174. «Porque nisso realmente está a perfeição; não em abandonar a vida pecaminosa por medo do castigo, como os escravos, não em fazer o bem na esperança de recompensa, mas em temer apenas uma coisa: perder a amizade divina, e em estimar apenas a única coisa estimável e gentil: tornar-se um amigo de Deus.

[53] I Cor. 12, 31.

[54] I Tes. 5, 19.

[55] Cf. Isaque, o Sírio. "O coração torna-se como o de uma criança e, quando se começa a orar, as lágrimas escorrem." (Citado por ARSENIÉV em Die Religion in Geschichte und Gegenwart, Tübingen, 1927-1931, art. Mystik.)

[56] Lc. 17, 21.

[57] Há aqui uma analogia com a divisão tripartida da vida espiritual, tal como definida por Máximo, o Confessor e antes dele por Evágrio: "O espírito que triunfa na ação corre para a prudência; Se tiver sucesso na contemplação, avança em direção à ciência. A primeira conduz o lutador à distinção entre virtude e vício; A segunda conduz aqueles que dela participam à ciência dos seres incorpóreos e corpóreos. Quanto à graça do conhecimento de Deus, ele a obtém quando, tendo cruzado tudo nas asas da caridade e chegado a Deus, considera com o espírito o conhecimento divino tanto quanto é possível ao homem. (MAXIMUS, Séculos sobre a

caridade, II, 26. Citado por VILLER, "Aux source de la spiritualité de saint Maxime", Revue d'Asc. et Mystique, tomo XI, abril-julho de 1930, p. 165).

[58] Sal. 104, 24

.[59] O rosário, que os religiosos russos têm constantemente à mão, é feito de um longo cordão de seda ou lã cujos nós funcionam como as contas dos rosários ocidentais.

[60] Rom. 8, 19-20.

[61] Em outras palavras, um raskolnik, um "velho crente". Em meados do século XVII (1652-1658), as reformas empreendidas pelo Patriarca Nikon deram origem a um cisma dentro da Igreja Russa. Os raskolniki, liderados por Avvakum, romperam com isso em vez de aceitar as mudanças. Este cisma foi agravado pelos decretos "modernistas" de Pedro, o Grande, que instituiu um sínodo em 1721 no lugar do Patriarca, privando assim a Igreja da independência que Nikon reivindicava. O cisma deu origem à criação de múltiplas seitas, entre as quais se distinguem dois ramos principais: aqueles que preservaram a hierarquia eclesiástica, os popovtsy, e aqueles que a rejeitaram desde o início, os bezpopovtsy ou "sem padres". Entre estes últimos, desenvolveram-se tendências para o misticismo naturalista ou, pelo contrário, para o rigor moral de tipo jansenista. Ver sobre este assunto LEROY-BEAULIEU, L'Empire des Tsars et les Russes, t. III, e especialmente P. PASCAL, Avvakum et les débuts du Raskol: La crise religieuse au XVII siècle en Russie, Ligugé, 1938, e do autor: A vida do Arcipreste Avvakum escrita por ele mesmo, Paris, 1938.

[62] Fundador do Mosteiro da Grande Laura no Monte Athos. Nascido em Trebizonda por volta de 920, adquiriu o hábito no Monte Kyminas, na Bitínia. Ele viveu lá como eremita, fugindo posteriormente para o Monte Athos para evitar ser nomeado higumen superior (por volta do ano 958). Escondido entre os solitários com o nome de Doroteu, foi encontrado pelo seu amigo Nicéforo Focas, que o fez aceitar, contra a sua vontade, uma quantia em dinheiro para construir um convento e uma igreja dedicada à Virgem. Este foi o Mosteiro de Laura, o primeiro no Monte Athos. Em 963, quando Nicéforo Focas foi proclamado imperador, Atanásio fugiu para Chipre para escapar das honras que seu amigo lhe reservara. Retornou, porém, e após diversas disputas com os eremitas, aos quais queria impor a vida cenobítica, morreu em 1003, esmagado, junto com outros cinco monges, pela queda de um arco no momento da colocação da chave. Sua festa é comemorada no dia 5 de julho.

[63] Mt. 16, 26.

[64] Sua festa é celebrada pela Igreja latina em 17 de julho e pela Igreja grega em 12 de fevereiro. Provavelmente originária da Bitínia, ela viveu no século VIII. Seu pai, Eugênio, que entrou para o mosteiro quando ficou viúvo, não suportava viver

separado da filha. Não ousando contar ao padre abade, fez-lhe acreditar que se tratava de um filho. Autorizado a ter consigo o filho, vestiu Marina de menino, deu-lhe o nome de Marino e instalou-a no mosteiro. Ele tinha 17 anos quando seu pai morreu. Tendo permanecido no convento, sempre demonstrou grande piedade. Assediada por ter forçado uma jovem, ela passou por uma dura penitência. Somente após sua morte sua identidade poderia ser descoberta. (Cf. Acta Sanctorum [bol.], julho, tomo IV, pp. 278-287.)

[65] Literalmente: o “centenero” e o “decenero”. Eleito pela assembleia comunal, o “centenero” era o agente ativo da polícia rural, sob o controle direto do comissário de polícia. Estas funções, que remontam à Idade Média, só receberam uma definição precisa em 1837, ano da fundação da polícia rural. Os “centeneros” tinham sob as suas ordens os “deceneros”, também eleitos pela assembleia comunal.

[66] Akulka é um diminutivo de Akulina, uma forma popular de Acylina, uma santa cuja festa cai em 7 de abril e 13 de junho na Igreja Grega.

[67] São as Instruções de Santo António em 170 capítulos, que abrem a Filocalia grega e eslava. Podem ser lidos em MIGNE, PG, t. 40. São certamente apócrifos, como o são os demais escritos atribuídos ao iniciador da vida anacoreta (exceto a carta ao Abade Teodoro, PG, t. 40, cols. 1065 - 1066), e são reduzidos a um escrito essencialmente estóico com pequenas interpolações de mão cristã. (Cf. Hausherr, *Orientalia Christiana*, vol. XXX, 3 de junho de 1933). Cf. também: Antoine le Grand, *pare des moines. Sua vida, de Santo Atanásio*. Traduzido e apresentado pelo Padre Benoit Lavaud, Freiburg, 1943.

[68] Ele provavelmente viveu nos séculos VII e VIII. Às vezes é mencionado como bispo, às vezes como monge, e teria vivido na ilha dos Cárpatos. Suas obras conhecidas incluem:
1ª Capítulo Consolador C aos monges da Índia (Filocalia), Veneza, 1782, páginas 241-257; MIGNE, PG, t. 85, col. 791-812).

2ª Ao mesmo ascético fisiológico Capítulo 116 (Migne, *ibid.*, cols. 812-826).
3a. Capitula moralia, etc., reproduzido em MIGNE sob o nome de Elias o Ecdicus, PG, t. 127, cols. 1148-1176. Os manuscritos provam que estes “Capítulos” devem ser atribuídos a João dos Cárpatos.

[69] I Jo. 4, 4.

[70] I Cor. 10, 13.

[71] Também chamado Gregorio Palamas. Veja a quarta história, nota [100].

[72] Asceta da escola de Calisto e de Inácio Xanthopoulos. Dele se conhece um opúsculo: *Sobre a Prática Hesicista*, reproduzido por MIGNE (PG, t. 147, cols. 817-825).

[73] Prov. 18, 19.

[74] É uma pequena casa especialmente preparada para banhos de vapor usados em toda a Rússia. Para evitar riscos de incêndio, é colocado num canto da cerca, bem afastado de outras construções.

[75] Também chamado Macário, o Egípcio (300-390), anacoreta durante sessenta anos no deserto. Originário do Alto Egito, foi sem dúvida discípulo de Santo Antônio. Das obras publicadas em seu nome, apenas a carta aos jovens monges (MIGNE, PG, t. 34, cols. 405-410), conhecida desde o século V, lhe pode ser atribuída com probabilidade. As cinquenta homilias que preenchem o volume 34 da Patrologia Grega de Migne suscitaram muita discussão e são geralmente consideradas apócrifas. Cf. STÆFFELS, *Die mystische Theologie Makarius des Ægypters*, Bonn, 1908.

[76] Também conhecido por Marcos, o Eremita (falecido por volta de 430 DC), ele é o autor de escritos ascéticos e parece ter vivido no início do século II. Discípulo de São João Crisóstomo, foi abade de um mosteiro em Ancira da Galácia (Ancara) e mais tarde eremita no deserto da Judéia. Escritor de um ascetismo "sóbrio e de boa lei", deixou nove tratados ascéticos, o mais conhecido dos quais é o *De Lege spirituali*, e dois tratados dogmáticos, um dos quais escrito contra os nestorianos. Suas obras estão em MIGNE, PG, volume 65, cols. 905-1140. Cf. KUNZE, *Marcus Eremita*, in *neuer Zeuge für das altchristliche Taufbekenntnis*, Leipzig, 1895.

[77] Mt. 22, 37.

[78] Mc. 13, 33.

[79] Jo. 15, 4.

[80] Sal. 24, 9.

[81] Este tratado é uma Catequese de São Simeão reproduzida em MIGNE, PG, t. 120, fila. 693-702.

[82] Um episódio análogo é encontrado na vida do Arcipreste Avvakum (Pierre PASCAL, op. cit., pp. 205-210). O arcipreste estava engasgado com uma espinha de peixe, mas sua filha Agripina "respirou fundo e me bateu nas costas com os cotovelinhos; Um pouco de sangue saiu da minha garganta e eu pude respirar.

[83] Nas izbas, o fogão é uma importante construção de tijolos que se mantém sempre aquecido. Principalmente no inverno, os agricultores colocam suas camas em cima. Os idosos geralmente passam o dia inteiro ali. Leo TOLSTOI descreveu esse costume em sua famosa história *Três Mortes*.

[84] É um hino ou serviço religioso em homenagem à Virgem Maria e é cantado em pé. Composto em memória da vitória milagrosa alcançada pelo imperador Heráclio contra os citas e os persas que sitiavam Bizâncio no ano de 626. Um furacão

repentino dispersou a frota inimiga, que caiu perto da igreja da Virgem de Blaquerna.

O hino contém vinte e quatro versos em ordem alfabética, entre os quais se intercalam aleluias e litanias. Narra os principais passos da vida da Virgem Maria, em termos de poesia profunda e bela:

Deus te salve, diz a litania após a permanência da anunciação:

Deus te salve, você através de quem a felicidade brilhará no mundo!

Deus te salve, você através de quem o mal terminará!

Deus te salve, você que levanta o Adão caído!

Redenção das lágrimas de Eva!

[85] Flp. 2, 13.

[86] Flp. 3, 13.

[87] Cf. Evagrius Ponticus (Pseudo-Nilo), Tratado sobre Oração (tradução francesa de Hausherr, Rev. Asc. Myst., vol. XV, janeiro-abril de 1935), ou. 72. «Uma vez que a inteligência atinge a oração pura e verdadeira, os demônios não vêm mais da esquerda, mas da direita. Representam uma visão ilusória de Deus, alguma figura agradável aos sentidos, fazendo-o acreditar que já alcançou completamente o objetivo da oração...”

Que o Padre Hausherr comenta assim:

Vamos ler os Séculos de Evágrio, suppl. 27: “Pensamentos diabólicos cegam o olho esquerdo, que é aquele usado para contemplar os seres.” O comentador sírio Babai não precisa de muita imaginação para compreender que o olho direito é usado para a contemplação de Deus. Agora, este é o estágio em que nos encontramos, pois o entendimento já “ora em verdade”. É, portanto, fácil compreender que os demônios vêm da direita e não através de pensamentos, mas através de passos físicos” (Op. cit., p. 121).

[88] Sal., 103 e 104-1. Esta invocação, colocada no início de numerosos salmos, é cantada nas liturgias de São João Crisóstomo e de São Basílio durante a primeira parte da missa, em forma de antífona.

[89] Também chamado de João do Sinai (525-616). Grande médico místico, passou toda a vida na solidão, no sopé da montanha sagrada, com exceção de alguns anos em que dirigiu o mosteiro de Santa Catarina do Sinai. Sua obra mais famosa é a Escada do Paraíso. Escrito num estilo enérgico e repleto de frases, este tratado de perfeição insere-se na tendência mística e contemplativa de Evágrio e, através dele, de Gregório de Nissa e Orígenes (Texto in MIGNE, PG, t. 88, cols. 596-1209). Na

Escada do Paraíso há uma das primeiras alusões à “Oração de Jesus”: “Deixe a oração de Jesus ser uma coisa com a sua respiração, e você verá o fruto do silêncio e da solidão” (PG, t. 88, coluna 1112 c).

[90] Chamado no século Joaquín Gorlenko. Nasceu em 1705 e morreu em 1754. Monge desde os dezoito anos, deixou vários escritos, entre os quais O Combate dos Sete Pecados contra as Sete Virtudes, publicado em Kiev em 1892. Parece improvável que São Josafá o fizesse. deixaram descendência. Este é sem dúvida outro Josaphat (Mitkevich), bispo de Bielgorod e Kursk desde 1758, falecido em 30 de junho de 1763, que foi por muito tempo padre e professor de seminário, e era casado.

[91] O Menologium é uma coleção que contém a vida dos santos seguindo as datas de suas festas. A Menologia Russa, obra de São Demétrio de Rostov, foi publicada em Kiev de 1684 a 1705. Apareceu em Moscou na imprensa sinodal em 1759 sob a direção de Josaphat Mitkevich e foi republicada várias vezes.

[92] Ele foi o maior teólogo grego do século VII (ca. 580-662). No início foi secretário particular do imperador Heráclio e, mais tarde, monge e abade do mosteiro de Crisópolis, perto de Constantinopla. Ele lutou contra a heresia monotelita e teve que ser exilado no Norte da África e em Roma. Preso em 653, foi devolvido a Bizâncio, onde foi martirizado por sua fé. Ele terminou sua vida no exílio, num canto de um mosteiro.

Comentarista do Pseudo-Dionísio, purificou a doutrina do grande místico do Oriente de todos os vestígios do neoplatonismo. Ele era conhecido no Ocidente através de Juan Escoto Eríngena.

A sua obra essencial, Os Quatro Séculos de Caridade, foi publicada em francês na coleção «Sources chrétiennes» (Lyon-Paris). Um comentário alegórico sobre a Missa, a Mistagogia, apareceu em versão francesa na revista Irénikon (edic. dos Beneditinos de Amay-Chevetogne, Bélgica) em 1938-39.

Além disso: Hans URS VON BALTHASAR, “Os Séculos Gnósticos de Máximo Confessor”, Freib. O. ol. Estudos, fasc. 61, Friburgo de Brisgóvia, 1941.

[93] Também chamado de Peter Mansur. Viveu por volta de 1158. Autor de numerosas obras ascéticas que permaneceram inéditas, possui dois escritos sobre a Eucaristia. Cfr. STEITZ, Anuário da Teologia Alemã, 13 (1868), pp.

[94] II Cor. 12, 9.

[95] Provavelmente, São João Damasceno. Ele viveu por volta dos anos 700-750. Monge do mosteiro de São Sabas, em Jerusalém, desempenhou um papel muito importante como defensor das imagens no primeiro período iconoclasta. Suas obras essenciais são os Três Discursos contra os Iconoclastas (726-737) e a Fonte do

Conhecimento (II), uma vasta síntese de doutrinas filosóficas e teológicas, bem como uma reunião das principais heresias. Este livro foi o "Manual Dogmático da Idade Média Grega". Traduzido para o latim já no século XIII, era conhecido por São Tomás de Aquino e Pedro Lombardo. (Texto em MIGNE, PG, t. 94-95.)

[96] É bastante comum entre os camponeses russos usar faixas de lona enroladas nas pernas, um tanto semelhantes às usadas pelos militares.

[97] Nicetas PECTORATUS para os latinos. Ele era um monge do mosteiro de Studion em meados do século XI. Ele foi um fervoroso discípulo de Simeão, o Novo Teólogo. São conhecidas dele algumas obras polêmicas contra os latinos e armênios, mas a essência de sua obra é de ordem ascética e mística. Nos seus três séculos repete a doutrina de Simeão e de São Máximo sobre os três graus da vida espiritual. Sua Vida de Simeão, o Novo Teólogo, foi publicada com tradução francesa pelo Padre HAUSHERR (Orientalia Christiana, vol. XII, julho-setembro de 1928).

[98] Mt. 5, 45.

[99] Doutor da Igreja e o mais antigo dos escritores sírios depois de Bardasanes e Afraates. Nascido em Nisibe de pais pagãos, foi batizado pelo Bispo James; Ele compôs muitos poemas e comentários sobre a Bíblia. Retirou-se para Edessa, onde faleceu em 9 de junho de 373. Sua influência foi muito grande, como testemunham as numerosas traduções de seus escritos, em grego, árabe e armênio. Gregório de Nissa conhecia suas obras e escreveu seu panegírico.

Ele foi principalmente um comentarista da Bíblia e raramente se aventurava em especulações metafísicas ou teológicas. Um de seus tópicos favoritos em seus sermões é o Juízo Final. «Um dos seus sermões fez deste terrível anúncio uma representação muito vívida devido ao diálogo que se estabeleceu entre ele e o seu público; a inquietação das perguntas, a terrível precisão das respostas. Este discurso, ou melhor, este drama, famoso em toda a cristandade oriental, foi citado com admiração por Vicente de Beauvais no século XII, e Dante sem dúvida também o sabia. (VILLEMAIN, Tableau de l'Eloquence chrétienne au IV siècle, pp. 254-255; citado por NAU, Dictionnaire de Théologie catholique, art. "Ephrem").

[100] Arcebispo de Salónica em 1349. Rejeitado pela cidade, retirou-se para a ilha de Lemnos e morreu por volta do ano 1360. Ardoroso defensor dos hesicastas, quis dar às suas doutrinas uma base dogmática. Nessa empreitada, lançou-se na formulação de teses ousadas e inseguras, especialmente a distinção em Deus entre essência e energias ou operações, o que tende a admitir uma divisão em Deus e conseqüentemente levar ao erro. Considerado herege por Roma, Gregório Palamas, após a luta hesicasta, foi canonizado por Bizâncio. A Igreja do Oriente celebra a sua festa no segundo domingo da Quaresma. A maioria de seus escritos ascéticos são coletados na Filocalia e encontrados em MIGNE, PG, t. 150, cols. 909-1225; t. 151, cols.

9-549.

Para o ponto de vista latino, ver o artigo do Padre JUGIE, escrito com energia mas com um espírito ligeiramente polémico: Palamas, no Dictionnaire de Théologie catholique. Para o ponto de vista ortodoxo, o estudo do Padre Basilio KRIVOSHEIN, A Doutrina de São Gregório Palamas. Semin. Kondakovianum, Praga, 1938 (em russo). Cf. também Sébastien GUICHARDAN, Le problème de la simplicité Divine en Orient et en Occident aux XIV — XV siècles, Lyon, 1933.

[101] No calendário juliano, o ano de 1860 é o único entre 1850 e 1870 em que a Páscoa caiu em 3 de abril.

NOTAS DA SEGUNDA PARTE

[102] Literalmente, "filho de um judeu ".

[103] Uma espécie de mochila feita de casca de bétula. Possui dois bolsos, um na frente e outro atrás, e pode ser usado no ombro.

[104] O chefe da comunidade da aldeia, ou Mir.

[105] Isto é, perto de onde estão enterrados, a Kiev-Pecherskaya Laura. Este foi um dos mosteiros mais famosos e influentes da Rússia e era visitado por centenas de milhares de peregrinos todos os anos. Foi fundada no século XI e suas catacumbas continham os corpos incorruptos de muitos santos da antiga Rússia.

[106] Da oitava oração das Matinas do Devocionário dos Leigos da Igreja Russa.

[107] A lenda, que se diz datar de cerca do século XIII, conta que Nossa Senhora, rodeada de santos, apareceu, num esplendor de glória, a um grupo de pastores. A rocha em que ele pousou foi vista mais tarde com a marca de seu pé, e dela saiu um fio de água que, mais tarde, revelou ter poderes curativos. Posteriormente, foi erguido um mosteiro no local, e a capela Huella ainda se conserva na cripta.

[108] É o nome que os russos dão à Igreja Ortodoxa. Literalmente significa "elogio correto".

[109] Um podvizh é um feito notável, e quem o executa é um podvizhnik. Estes termos aplicam-se, na vida espiritual, a realizações notáveis na vida de oração e de práticas ascéticas, e àqueles que as alcançam.

[110] Um camponês sem terra, portanto uma pessoa pobre e necessitada.

[111] O famoso mosteiro do grupo de ilhas com o mesmo nome, no Mar Branco. Foi fundada em 1428 por San Germán e San Sabás. O primeiro foi um monge de Valamo.

[112] Uma esquete é uma pequena comunidade monástica dependente de um grande mosteiro.

[113] Cfr. Lucas. 18, 1-8.

[114] Cfr. JN. 4, 5-25.

[115] Cfr. Hch. 4, 31.

[116] Cfr. Santo. 5, 13-16.

[117] Cfr. Jds., 20-21 e Rom. 8, 26.

[118] Cfr. Ef. 6, 18.

[119] Cfr. Flp. 4, 6-7.

[120] Cfr. 1 Tess. 5, 17.

[121] Cfr. 1Tm. 2, 1-15.

[122] O skhimnik é uma ordem ascética monástica da Igreja Ortodoxa, e um skhimnik é aquele que faz parte dela.

[123] Heb. 11, 6.

[124] Santo. 2, 10.

[125] Rom. 3, 20.

[126] Rom., 7.

[127] Santo. 4, 2.

[128] 1 Cor. 14, 14.

[129] Rom. 8, 26.

[130] Heb. 13, 15.

[131] Mt. 18, 3.

[132] Jo. 4, 4.

[133] Não. 5, 2.

[134] Mt. 15, 8.

[135] Mt. 7, 21.

[136] 1 Cor. 14, 19.

[137] 1Tm. 2, 8.

[138] morreu no Laura Troitskaya O original russo inclui aqui uma nota que diz: «No final do século passado, um padre, um leigo de cento e oito anos, ; "Ele não sabia ler nem escrever, mas recitava a Oração de Jesus mesmo durante o sono e vivia continuamente como um filho de Deus, com um coração que ansiava por Ele. Seu nome era Gordi."»

O Laura Troitskaya é o famoso Mosteiro da Santíssima Trindade perto de Moscou, fundado por São Sérgio no século XIV. O papel que desempenhou na vida religiosa russa foi comparado, em alguns aspectos, ao movimento Cluniac. A Laura Troitskaya esteve intimamente relacionada com a história da Rússia e foi o foco do movimento nacional que expulsou os poloneses e colocou o primeiro Romanov no trono russo em 1613.

[139] Santo Agostinho. A referência é a “Dilige, et quod vis fac”. Tratado da Primeira Epístola de São João, Tratado VII, Capítulo X, parágrafo 8, MIGNE Edição 3, p. 2033.

[140] Vidas dos Padres, com extratos de seus escritos.

[141] Lc. 6, 22.